



Universidade Federal da Bahia
Instituto de Letras
Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística

Rua Barão de Geremoabo, nº147 - CEP: 40170-290 - Campus Universitário Ondina Salvador-BA
Tel.: (71) 263 - 6256 – Site: <http://www.ppgll.ufba.br> - E-mail: pgletba@ufba.br



**O ROMANCE *CASCALHO*, DE HERBERTO SALES:
UM RETRATO DO GARIMPO DA CHAPADA DIAMANTINA**

por

EVERALDO AUGUSTO DA SILVA

Orientador: Prof. Dr. Jacques Salah

SALVADOR
2004



Universidade Federal da Bahia
Instituto de Letras
Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística

Rua Barão de Geremoabo, nº147 - CEP: 40170-290 - Campus Universitário Ondina Salvador-BA
Tel.: (71) 263 - 6256 – Site: <http://www.ppgll.ufba.br> - E-mail: pgletba@ufba.br



**O ROMANCE *CASCALHO*, DE HERBERTO SALES:
UM RETRATO DO GARIMPO DA CHAPADA DIAMANTINA**

por

EVERALDO AUGUSTO DA SILVA

Orientador: Prof. Dr. Jacques Salah

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Letras.

SALVADOR
2004

Biblioteca Central – UFBA

S586 Silva, Everaldo Augusto da.

O romance Cascalho, de Herberto Sales : um retrato do garimpo da Chapada Diamantina / Everaldo Augusto da Silva. – 2004.

132 f.

Orientador : Prof. Dr. Jacques Salah.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, 2004.

1. Sales, Herberto - Crítica e interpretação. 2. Cascalho (Romance) - Crítica e Interpretação. 3. Literatura brasileira. 4. Garimpagem - Diamantina, Chapada (BA) - Aspectos Sociais. 5. Mito na literatura – Diamantina, Chapada (BA).
I. Salah, Jacques. II. Universidade Federal da Bahia. Instituto de Letras. III. Título.

CDU - 821(81).09

CDD - 869.09

SUMÁRIO	Pag
Resumo.....	03
Resumé.....	04
Introdução.....	05
Capítulo I — A Civilização do Garimpo.....	10
1 Espaço ficcional do romance Cascalho.....	10
2 Ficção de identidade.....	15
2.1 Viagem ao garimpo da Bahia.....	22
2.2 Um engenheiro visita o garimpo.....	26
2.3 Travessia de um território conflagrado.....	29
3 As primeiras pedras da Civilização do Garimpo.....	33
Capítulo II — Cascalho: romance documental.....	40
1 Texto de ficção, relatos históricos e o real.....	40
2 Texto de ficção e texto histórico.....	45
3 Obra literária como documento.....	47
4 O garimpo na prosa de ficção.....	52
Capítulo III — Cascalho e o território social do garimpo.....	65
1 Coronéis do diamante.....	68
1.1 Rede de sustentação.....	73
1.2 O poder contra poder.....	79
1.3 O poder contra si mesmo.....	86
2 Rede de contestação.....	91

2.1 O discurso da conspiração.....	95
2.2 O estrangeiro no território de passagem.....	98
Capítulo IV — O garimpo: uma civilização cristalizada.....	100
1 Jogo de enganos.....	100
2 Civilização do garimpo: uma sociedade providência.....	109
3 Outras marcas da civilização do garimpo.....	117
Conclusão.....	123
Referências bibliográficas.....	129

RESUMO

Estudo da obra literária como biografia que, ao recriar o real, o faz realizando um diálogo entre os diversos tipos de linguagens e inscrevendo no texto literário as experiências, fatos, cultura e vida de um determinado contexto. Este estudo acentua o caráter de documento da literatura de ficção, que narra uma história inoficial numa dimensão do presente atemporal, projetando imagens e pontos de vistas do autor. No romance *Cascalho*, de Herberto Sales, analisa-se o caráter do mesmo como biografia da Chapada Diamantina, apresentada na obra como uma Civilização do Garimpo, expressão de uma cultura local que passou por um processo de silenciamento a partir da decadência econômica e política da região.

RESUMÉ

Étude de l'oeuvre littéraire comme biographie qui, en récréant le réel, le fait en réalisant un dialogue entre plusieurs types de langages et en inscrivant dans le texte littéraire les expériences, les faits, la culture et la vie d'un contexte déterminé. Cette étude accentue le caractère de document de la littérature de fiction, qui narre une histoire non officielle dans la dimension d'un présent atemporel, projetant images et points de vue de l'auteur. Dans le roman *Cascalho*, de Herberto Sales, le caractère de l'oeuvre est analysé comme une biographie de la Chapada Diamantina qui est présentée dans le roman comme une Civilisation du Garimpo, expression d'une culture locale progressivement oubliée à partir de la décadence économique et politique de la région.

INTRODUÇÃO

Herberto Sales, através do romance *Cascalho*, construiu uma biografia do garimpo de diamantes da Chapada Diamantina no sertão baiano. Na obra, uma comunidade rural do interior da Bahia torna-se palco das aventuras e desventuras do garimpeiro na busca da pedra que simboliza a riqueza. O pano de fundo da trama é o contexto político da primeira metade do Século XX, no qual a nação se vê diante da necessidade de transformar a sua estrutura econômica baseada na produção agrária, modernizar as relações sociais conservadoras e suas instituições públicas, estas até então dominadas por um tipo de poder autoritário em âmbito nacional, que se valia da predominância do coronelismo no interior do país para se perpetuar.

Os fatos históricos desta conjuntura repercutem nas Lavras Diamantinas de maneira diferenciada. Enquanto as elites locais buscam retirar o máximo de benefício dos fatos históricos nacionais, as camadas populares ouvem falar apenas de longe sobre eles, embora sejam chamadas a participar dos mesmos dentro da estratégia dos coronéis.

Em *Cascalho*, o romance do *país do garimpo*, Herberto Sales vai inscrever na prosa de ficção o universo da cidade de Andaraí, uma pequena comunidade representativa do que vamos chamar aqui de a Civilização do Garimpo. A cidade é dominada pelo coronel Germano, uma espécie de vice-rei das Lavras, e seu irmão, major Quelezinho Jardim. Nada se faz e nada se move na pequena cidade sem a permissão dos dois manda-chuvas. O autor, nas quatro partes do livro, vai nos mostrar como este universo extremamente controlado está, ao mesmo tempo, inserido na vida nacional e excluído dela, a depender do lugar ocupado pelo homem na hierarquia social. Do ponto de vista daqueles que detêm o poder

local, a comunidade de Andaraí faz parte dos acontecimentos nacionais, enquanto que para aqueles que vivem do duro ofício de garimpagem ou de pequenas profissões, esta comunidade está na periferia da nação.

A narrativa de Herberto Sales compõe em vários planos um retrato da Civilização do Garimpo do qual fazem parte os conflitos sociais, a exploração desmedida a que são submetidos os garimpeiros, os desmandos da polícia e dos jagunços, a hipocrisia da vida dos bem afortunados e a vileza do homem exposto a condições de vida aviltantes. Ao lado deste plano sociológico vamos encontrar uma descrição sobre a paisagem geográfica da Chapada Diamantina, com suas serras, abundância dos rios, grutas e pedras monumentais, flora e fauna, que a distingue de outras partes do sertão, como a caatinga e o cerrado. Interagindo com este meio natural, o autor descreve o homem das Lavras, preso à atividade econômica do garimpo desde os tempos do Brasil Colônia. O garimpeiro de Heberto Sales, por não ter os necessários recursos tecnológicos, desenvolveu o seu conhecimento do mundo a partir da sua própria experiência na relação com a natureza.

Este conhecimento, construído no contato do homem com a natureza, fruto da experiência prática do garimpeiro, é apresentado no romance como um conhecimento mítico sobre o mundo, adquirido num tempo primordial, ao qual ele, o garimpeiro, recorre para, não somente compreender o mundo natural, mas também para tentar compreender as relações sociais nas quais está inserido.

Assim, o romance *Cascalho* articula a história, o espaço geográfico, os conflitos sociais explícitos e latentes, o conhecimento mitológico do garimpeiro e a própria opinião do autor, numa biografia da Civilização do Garimpo da Chapada Diamantina da Bahia. A propósito, tentaremos demonstrar, através dos relatos de viajantes — Spix e Martius,

Teodoro Sampaio e da Coluna Prestes, feito por Anita Leocádia —, que as evidências da constituição desta civilização antecedem a obra de Herberto Sales e que o romance *Cascalho* é uma superposição de textos históricos, literários e sociológicos, que dialogam entre si e com os mitos da região, presentes na religiosidade, na oralidade e nos costumes do garimpo do interior da Bahia.

Os aspectos simbólicos da vida no garimpo, retratados com minúcias no romance, destacam o caráter singular da cultura da região que, mesmo sendo um território de passagem, consegue se impor à cultura do estrangeiro que por ali passa. Aqueles que por lá chegam e não se submetem a determinados rituais de iniciação, ou não logram sucesso nestes rituais, permanecem como estrangeiros ou são estigmatizados como cópia de uma cultura vinda de fora, como é o caso das famílias aquinhoadas do lugar, que copiam o modo de vida das elites urbanas da metrópole.

A obra literária de Herberto Sales nos mostra como esta cultura baseada nos mitos, circunscrita aos limites do *país do garimpo*, para se preservar, forjou inúmeros fatores que condicionaram a extração artesanal do diamante e, ao mesmo tempo, foi por eles condicionada. Esta combinação das formas simbólicas da cultura, condicionando e sendo condicionada pela atividade econômica do garimpo, é retratada por Herberto Sales, no romance *Cascalho* como um registro dos acontecimentos da região. Em razão disso vamos analisar o caráter documental do romance, que traz para o presente uma civilização que se encontrava, e ainda se encontra, em risco de existir apenas através de vestígios, dado ao silenciamento que se seguiu à decadência econômica e política da região a partir da segunda metade do século XX.

O caráter biográfico do texto literário será uma das motivações centrais desta análise que fazemos do romance *Cascalho*. Buscamos identificar na obra os marcos históricos da constituição da Civilização do Garimpo, ficcionalizados pelo autor e como se dá na narrativa literária a composição da biografia da região através da descrição do meio natural, da construção dos personagens e no registro dos depoimentos de garimpeiros, capangueiros, pedristas, jagunços, migrantes e coronéis que desfilam pelas ruas de Andaraí.

Assim o nosso trabalho é composto de quatro partes, além da Introdução. No Capítulo I tratamos da Civilização do Garimpo e das suas partes constituintes: o espaço ficcional da obra, os relatos de viajantes sobre a Chapada Diamantina e o início do povoamento da região.

No Capítulo II falamos do caráter documental do romance *Cascalho*, fazendo a distinção entre texto de ficção e relato histórico, assinalando as diferenças de relação dos dois textos com o real e a presença do garimpo na prosa de ficção baiana.

O Capítulo III analisa a biografia social do garimpo presente no romance. Aqui procuramos falar da cidade de Andaraí como parcela representativa do universo da Chapada Diamantina, dominada pelos coronéis através de uma rede de sustentação, cujo poder, em boa parte, advém das relações deles com o Estado. Ainda neste capítulo tentaremos verificar a existência de um discurso da contestação ao poder local e falar da Civilização do Garimpo como território de passagem de estrangeiros ao longo do tempo.

No Capítulo IV vamos falar do garimpo da Chapada Diamantina como uma civilização baseada num jogo de enganos, no qual a riqueza dos coronéis tem seu lado verdadeiro em permanente jogo com a aparência e a simulação de uma fortuna, que se esvai ao menor abalo provocado por mudanças no mundo exterior. Neste jogo de engano o

garimpeiro é o principal envolvido. Na busca incessante e obsessiva da pedra da fortuna ele não muda de lugar social, mesmo nas raras vezes em que consegue o bambúrrio¹. Diante disso cabe aos explorados na Civilização do Garimpo constituir uma sociedade-providência para sobreviver.

Ao concluir, reafirmamos que o romance *Cascalho* se insere no campo da literatura como uma obra de afirmação da cultura baiana à medida que coloca em evidência uma determinada cultura local, cujo grau de singularidade contribui para a diversidade cultural do Estado.

¹ Bambúrrio: Momento de êxtase no qual o garimpeiro, agraciado pela sorte, consegue achar o diamante, o que provoca múltiplas alterações de comportamento do mesmo e de deslocamento temporário do seu lugar social.

CAPÍTULO I

A CIVILIZAÇÃO DO GARIMPO

1 - ESPAÇO FICCIONAL DO ROMANCE CASCALHO

Na região central da Bahia estende-se um território formado por cerca de 50 cidades concentradas na Chapada Diamantina, mas também localizadas, em menor número, nas regiões da Serra Geral, Paraguaçu, Sudoeste e Piemonte da Diamantina. Com semelhanças geográficas, dialetais, sociais, econômicas e culturais, estas cidades constituíram uma civilização singular desde o início do povoamento do sertão baiano e, em especial, a partir do século XIX.

Já na divisão cartográfica da Bahia de 1827, das quarenta e uma comarcas existentes, vamos encontrar 03 situadas na região da Chapada: Vila Nova do Príncipe e Santana do Caetité, atual Caetité, Minas do Rio de Contas, atual Rio de Contas e Jacobina. Estas, por sua vez, congregavam diversas vilas nas suas respectivas jurisdições. A partir da descoberta do ouro, e posteriormente do diamante, a região passa por um rápido processo de crescimento populacional. Em 1889 estavam situados na Chapada Diamantina 16 municípios, da centena dos existentes na Bahia.²

O relevo formado por um complexo de serras e cadeias de montanhas, das mais altas do Estado, e a inexistência de estradas que ligassem a região à capital, foram fatores objetivos que interferiram no processo do povoamento das Lavras. A relativa facilidade de

acesso à Chapada Diamantina pelo Rio São Francisco e pela região da Serra Geral, tornou possível chegar à região ondas migratórias oriundas da região diamantina de Minas Gerais e de outras partes do sertão baiano, tão logo se espalhou a notícia da existência de ouro e diamante no lugar. Desde então antigos ajuntamentos de casas e fazendas se transformaram em cidades:

“Na Chapada Diamantina, os primeiros povoados surgiram com os acampamentos de garimpeiros em torno da Serra do Tromba, início do século XVIII: Crioulos (Rio de Contas), Mato Grosso, Furnas (Arapiranga), Catulés, Bom Jesus (Piatã), Morro do Fogo, resultaram da mineração. A expansão das fazendas de gado dos Guedes de Brito, depois da Casa da Ponte pelos afluentes do São Francisco — Santo Onofre, Paramirim — na segunda metade do século XVIII e primeira do século XIX; desenvolvimento do comércio de subprodutos da pecuária e excedentes das policulturas, produtos do garimpo, geraram pontos de trocas; a estrada de ligação da Bahia a Minas e Goiás necessitava de pouso para viajantes e tropeiros; são fatores que se desdobraram em núcleos populacionais: Macaúbas, Grotas (Brotas de Macaúbas), Brejinhos (Oliveira dos Brejinhos), Canabrinha, Arraial do Ribeiro (Paramirim), Caititu (Botuporã), Bom Sucesso (Ibitiara), Barro Vermelho (Ibipitanga), Remédios, Boa Sentença (Rio do Pires), Mamonas (depois Santa Maria do Ouro e atualmente Ibiajara) Fazenda do Gado (Jussiape), Barra da Estiva,

² Anuário estatístico da Bahia. V. 1. Superintendência de estudos econômicos e sociais da Bahia. Salvador.

Sincorá, Santa Isabel (Mucugê), Campestre, Cochó do Pega, Chapada Velha.”³

Relatos diversos dão conta da rapidez com que estas cidades surgiam no meio das serras, primeiro como acampamentos de garimpeiros, depois como vilas de relativo progresso. Conta a história que a cidade de Lençóis, espécie de capital do garimpo, recebeu este nome em razão da quantidade de barracas de pano branco armadas no lugar por garimpeiros. Observadas de longe, elas pareciam lençóis estendidos no chão.⁴ Assim como Lençóis, muitas cidades surgidas no meio das serras se transformaram em praças de intenso comércio.

O surto de fundação das cidades da Chapada eclode com a chegada de mineiros, paulistas e sertanejos. Ali eles já encontrando instalados os remanescentes dos bandeirantes — que a partir do século XVI promoveram incursões de conquista da região, até então povoada por indígenas — e os moradores das fazendas de gado pré-existentes. A esses se somaram os negros, trazidos como escravos para as minas de ouro e diamante, e as famílias vindas de Salvador e do Recôncavo. A presença de todos esses contingentes populacionais nas lavras diamantinas, vindos de outros lugares do país, caracteriza uma das diferenças do povoamento da região com o processo civilizatório baiano, que ocorreu a partir do litoral, sob predomínio do colonizador europeu e do africano, este último trazido como mão de obra escrava.

1998.

³ NEVES, Erivaldo Fagundes. Dimensão histórico-cultural — chapada diamantina; programa de desenvolvimento regional sustentável. In: *Cadernos CAR, Nº 20*. Salvador. 1997. p.29

⁴ PEREIRA, Gonçalo de Athayde. Memória histórica e descritiva do município de Lençoes (lavras diamantinas). 1910. In: ARAUJO, Delmar Alves de; NEVES, Erivaldo Fagundes; SENNA, Ronaldo de

A Chapada Diamantina, com sua riqueza natural e econômica, território de baianos do litoral, negros, paulistas, mineiros e sertanejos é o cenário de ficção do romance *Cascalho*, de Herberto Sales, que narra a vida dos garimpeiros da cidade de Andaraí. Através do romance o autor busca fazer uma articulação entre ficção e história numa tentativa de tornar conhecida a região do garimpo da Bahia e de redescobrir uma região do sertão que vem sendo palmilhada ao longo dos tempos por viajantes, cientistas, bandeirantes, desbravadores, exércitos de jagunços e de revoltosos, retirantes da seca e outros aventureiros.

A propósito da questão, o próprio autor diria na década de 70, em depoimento a Ívia Alves⁵, se reconhecendo integrante do grupo de escritores regionalistas do Nordeste, que o romance regionalista nordestino tem o mérito, dentre tantos, de mostrar aos brasileiros este Brasil desconhecido. No caso, coube a ele mostrar o Brasil desconhecido do garimpo do sertão da Bahia. De fato, o romance de Herberto Sales demonstra que, mesmo para aqueles que conhecem a Chapada Diamantina, há sempre algo de novo a ser descoberto neste território de passagem, que às vezes parece ter dono e às vezes parece terra de ninguém.

Nesse sentido, a leitura do romance *Cascalho* é uma leitura sobre a região das Lavras da Bahia, que põe o leitor em contato com uma cultura singular e o joga no centro da discussão das relações de poder na cidade de Andaraí, aqui apresentada como um retrato da civilização do garimpo, controlada por mão de ferro pelo Coronel Germano e seu irmão, Major Quelezinho.

A cidade de Andaraí, transformada em espaço de ficção do romance, é um centro da afluência de garimpeiros e também de tropeiros, comerciantes e mascates que iam “fazer a

Salles; *Bambúrrios e Quimeras (olhares sobre Lençóis: narrativas de garimpeiros e interpretações da cultura)* UEFS. Feira de Santana, 2002. p.83.

praça” e vender mercadorias de todos os tipos, vindas de Salvador e de outras localidades do sertão. Esta efervescência do comércio criava no imaginário do sertão uma aura de eldorado que é narrada no romance:

“Quase todo dia chegava gente. A fama das Lavras continuava a correr mundo. Os viajantes, que por ali transitavam com as suas malas de amostras, iam gabando a praça adiante, muito boa para negócio, com grandes feiras, o povo sem saber onde botar dinheiro, diziam, e as notícias dos garimpos eram levadas a toda parte.” (C. p.119).

Walfrido Moraes fala deste grande fluxo de pessoas à Chapada Diamantina à busca de fazer negócios, sobretudo de caixeiros-viajantes, cujas “cavalladas pomposas tinindo os cincerros e tirando faíscas com as ferraduras nos lajedões e nos pedregulhos, vão e vêm à Meca, ao país das pedras preciosas.”⁶ Chamavam a atenção também nas ruas de Andaraí os estrangeiros que lá se encontravam a fim de realizar negócios de compras de diamantes e carbonatos:

“Os gringos eram olhados com curiosidade sempre nova. Não só por sua língua arrevesada e seus hábitos despachados, como também por sua indumentária esportiva,

⁵ ALVES, Ívia. Herberto Sales

que a todos parecia assentar muito mal em homens de tão largas posses. Eram, ao mesmo tempo, olhados com um misto de respeito e assombro: por trás deles ficava uma coisa vaga e remota chamada Europa, com as suas lapidações sem as quais não haveria escoamento da produção diamantífera do município...” (C.p. 90)

O comércio de diamantes com a Europa trouxe para as Lavras representantes comerciais da Alemanha, França, Inglaterra e Países Baixos, sendo que algumas empresas chegaram a comprar terrenos na Chapada ou ali manter engenheiros ou empregados. Segundo relato de Gonçalo de Athaide, no final do século XIX funcionava em Lençóis um Consulado da França e circulavam na Europa diversas publicações sobre a riqueza mineral da região.⁷

Neste espaço de ficção, as elites locais tentam copiar o modo de vida dos seus pares da capital. Os coronéis e seus agregados mais endinheirados buscavam manter o calendário religioso, realizar leilões em prol da igreja, sustentavam a manutenção de determinadas instituições públicas como os Correios e mantinham também as filarmônicas e, jornais locais. A todo custo elas buscavam manter intacta a aparência de riqueza através dos sobrados em que vivem, das pratarias, das roupas, das boas montarias e quaisquer novidades domésticas, como a vitrola do Major Quelezinho. Essa opulência dos potentados contrasta com a situação de pobreza do restante da população.

⁶ MORAES, Walfrido. Jagunços e heróis: a civilização do diamante nas Lavras da Bahia. 3ª edição. Câmara dos Deputados-Coordenação de Publicações. Brasília, 1984, p. 37.

⁷ PEREIRA, Gonçalo de Athayde. Op. cit. p.62-63.

2 - FICÇÃO DE IDENTIDADE

Maria Luiza Scher Pereira ao falar da articulação da literatura com a necessidade de conhecimento de uma determinada realidade utiliza o conceito de *ficção de identidade*, que podemos tomar emprestado para começar o estudo do romance *Cascalho*, cuja narrativa se estrutura no espaço ficcional identitário físico e social da civilização do garimpo.⁸ A identidade desta civilização narrada em *Cascalho* é construída diante do *outro* representado pelo contexto do país na primeira metade do século XX, agrário e oligarca, cujos centros de poder se situam no sul e no litoral, e se relacionam com o sertão através de mitos estruturados em imagens da seca, pobreza, violência e rusticidade.

Desde o Brasil Colônia diversos relatos dão conta das estiagens prolongadas que atingem todo o sertão, como registra Erivaldo Fagundes Neves ao falar sobre o Alto Sertão da Bahia: “*Na primeira década do século XIX e nas de 1830, 1860, e 1890, ocorreram grandes secas e desabastecimento generalizado, dizimando populações pela fome*”.⁹ A calamidade da seca, trazendo como conseqüências a fome, a mortandade de pessoas, a dizimação de rebanhos e o êxodo das populações, cuja síntese é a figura do *retirante*, povoa o imaginário da nação desde quando ela começou a se constituir. A representação do sertão para o restante do país passou a ser feita pelos estereótipos da rusticidade das condições de vida, da pobreza da população e da violência do cangaço. Assim, o retirante, o cangaceiro, o faminto e o selvagem passam a ser mitos de representação do sertão diante do país.

⁸ PEREIRA, Maria Luiz Scher.

⁹ NEVES, Erivaldo Fagundes. Uma comunidade sertaneja: da sesmaria ao minifúndio (um estudo da história regional e local). Edufba/UEFS. Salvador, Feira de Santana. 1998, p. 192-193.

O romance *Cascalho* não nega a existência da seca nas Lavras Diamantinas, afinal as Lavras são parte do sertão. A seca e suas conseqüências são retratadas nos retirantes que ali chegam e são transformados em garimpeiros. Mas a narrativa de *Cascalho* mostra que na Chapada também nascem os rios, como o Paraguaçu, o rio diamantino, possante e misterioso e outros rios baianos importantes para a região do garimpo, a exemplo do Paramirim e do Rio de Contas. O romance também não nega a pobreza. Ela está estampada em todos aqueles que habitam as cercanias de Andaraí, sobretudo as mulheres, abandonadas pelos maridos, e as prostitutas. Acrescente-se que no garimpo a pobreza atinge sobremaneira as crianças — Filó Finança, experimentado garimpeiro, passa a infância dentro de casa por não ter roupa para sair à rua. Mas, a pobreza e o infortúnio convivem com a riqueza, seja aquela provisória do garimpeiro *bamburrado*, ou a riqueza permanente da elite local. Da mesma forma o romance não nega a violência. Ao narrar as arbitrariedades contra os explorados, as brigas de garimpo e guerras familiares, o autor o faz buscando suas origens na estrutura social do garimpo. Da mesma forma a rusticidade não é mostrada como decorrência incontornável do meio geográfico; pelo contrário a rusticidade da região é representada como uma realidade com a qual o homem convive com harmonia.

Os mitos vindos de fora para designar o sertão como o “incerto”, o “desconhecido”, o “longínquo”, o “interior” e o “inculto”,¹⁰ são “modelos” pré-concebidos que expressam o olhar do colonizador no primeiro momento da colonização. Este olhar persistiu no tempo, e se transformou em estigma de todo aquele que é estrangeiro em relação ao sertão. Esses mitos funcionam como barreira invisível que separam o sertão dos centros urbanos decisórios do país e separa a região do garimpo da capital do Estado da Bahia. Estamos

falando de uma separação subjetiva, mesmo porque, objetivamente, no âmbito da geografia, ela existe.

Queremos aqui evidenciar a separação do ponto de vista das relações cultural, ideológica e política que se estabeleceram entre a capital do Estado e o sertão. No caso particular da Chapada Diamantina estes mitos foram se constituindo historicamente desde as *bandeiras* de ocupação do território, que promoveram o massacre dos índios da região. Este processo persistiu com a entrega das terras locais às famílias aparentadas da oligarquia colonial e imperial, se manteve com as missões punitivas da polícia estadual contra partidários de oposição no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, e continuou com o abandono promovido pelo Estado no que diz respeito aos serviços básicos necessários a uma comunidade situada no semi-árido.

Para estudar estes fenômenos subjacentes à ficção de Herberto Sales em *Cascalho*, levamos em conta a definição de mito de Mircea Eliade, que consideramos mais abrangente e menos abstrata, de que “*o mito é uma realidade cultural extremamente complexa, que pode ser abordada e interpretada através de perspectivas múltiplas e complementares*”.¹¹ A narrativa de Herberto Sales — um homem das Lavras, que se dedicou na juventude aos negócios do garimpo, tendo inclusive publicado um Anuário do Garimpo de Diamante— em *Cascalho* aborda e interpreta esta realidade cultural do garimpo, possibilitando, ao mesmo tempo, que ela seja compreendida e que possamos ter uma melhor compreensão do sertão.

O romance *Cascalho*, como uma leitura da Civilização do Garimpo, dessacraliza os mitos sobre o sertão, aqueles que o mostra como território apartado da nação e dessacraliza

¹⁰ TELES, Gilberto Mendonça. O lu(g)ar dos sertões. In: *O clarim e a oração*. Rio de Janeiro. 2001. p. 263.

os mitos sobre o próprio garimpo, aqueles que o associa à riqueza repentina, aos códigos de sobrevivência dos garimpeiros, à coragem no enfrentamento dos perigos e à valentia na defesa da honra, à sexualidade dos bordéis e ao poder supremo dos coronéis. Herberto Sales transforma estes mitos em literatura, ao *contar uma história significativa, de relatar uma série de eventos dramáticos ocorridos num passado mais ou menos fabuloso*.¹² O romance *Cascalho* prolonga a narrativa mitológica através da ficção literária e com a finalidade de explicar o real pela sua reconstrução, transcendendo o tempo histórico, como afirma Mircea Eliade:

“O romance não tem acesso ao tempo primordial dos mitos; mas, na medida em que conta uma história verossímil, o romancista utiliza um tempo *aparentemente histórico* e, não obstante, condensado ou dilatado, um tempo que dispõe, portanto, de todas as liberdades dos mundos imaginários.”¹³

A vida no garimpo, narrada no romance, universaliza a realidade local através da ficção literária e mostra que os problemas do sertão são parte dos problemas do país. Dito de outra forma, assim como *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa e demais obras que tratam do drama humano no Nordeste, *Cascalho* serve

¹¹ ELIADE, Mircea. Mito e realidade. Tradução: Póla Civelli Editora Perspectiva. São Paulo. 1994. p. 11.

¹² ELIADE, Mircea. Op. cit. 1994, p. 163.

¹³ ELIADE, Mircea. Op. cit. 1994, p. 164.

para “*escancarar a realidade brasileira para o próprio brasileiro*”, como diz Gilberto Mendonça Teles, reivindicando para o sertão um lugar no discurso de nacionalidade¹⁴.

Além disso Herberto Sales narra a relação mítica do garimpeiro com a natureza, na qual os fatos e objetos adquirem simbologia própria e expressam o conhecimento do homem sobre a vida. Vejamos aqui o exemplo na recriminação de um garimpeiro veterano a um *curau*, novato no trabalho, porque este não se apercebera da súbita enchente do rio:

“—Vocês são uns curaus no Paraguaçu. A semana passada eu estava sentado na beira da lapa, quando vi uma nuvem, amarela subindo no céu, bem na direção da cata. Fiquei olhando, olhando, e nisto eu vi um martim-pescador descendo rio abaixo cantando. Depois ele voltou, sentou no pé de gameleira e continuou a cantar. Deixe lá que eu estou olhando. Pois bem. Quando eu menos esperei, ele tornou a voar e subiu o rio toda a vida, cantando sempre”.

“O mais velho dos quatro garimpeiros, que já era um homem de barbas brancas, interrompeu a conversa:

— Então você viu o martim-pescador e não avisou a ninguém?

Um outro garimpeiro explica:

“É só assuntar quando o martim-pescador sobe o rio, rapaz. Primeiro ele desce pra ir buscar a companheira, depois volta e vai abrir a boca do tanque. Quando desce de novo, já é com a cheia encostada. Fica então

¹⁴ TELES, Gilberto Mendonça. Op. cit. p. 263.

cantando nas gameleiras: Este ano não tira mais! Não tira mais cascalho!
Não tira mais!”. (C. p.16).

Esta relação mítica com a natureza é retratada em *Cascalho* através de relatos de garimpeiros. Elas estão descritas, sobretudo, nas mezinhas e conselhos de *Sinhá do Ouro*, curandeira e rezadeira de Andaraí, na descrição da fauna e flora da região e nas crendices generalizadas. Até o todo-poderoso coronel Germano, homem de coragem à toda prova, recorre ao sobrenatural para aplacar a fúria da natureza. Ele ordena à amásia Nenzinha que acenda palha benta e reze um “*Magnificat*” na noite de chuva torrencial, a qual, segundo os garimpeiros, fora avisada pelo pássaro martim-pescador. Para o coronel, a chuva e a enchente eram mais que um aviso. Elas eram uma maldição do Rio Paraguaçu, o rio encantado, o monstro “dono do vale”, que se vingava, desta forma, contra aqueles que vasculham as suas águas à procura de diamantes. Esses mitos internos do garimpo relacionados à natureza revelam o “conhecimento” esotérico citado por Mircea Eliade:

“Com efeito, conhecer a origem de um objeto, de um animal ou planta, equivale a adquirir sobre eles um poder mágico, graças ao qual é possível dominá-los, multiplicá-los ou reproduzi-los à vontade.”¹⁵

Conhecer a origem das coisas na civilização do garimpo, conforme relata Herberto Sales, é um fato importante. Deste conhecimento depende a sobrevivência e aceitação de

¹⁵ ELIADE, Mircea. Op. cit. 1994, p.19.

cada um na sociedade local, o que leva o neófito a se submeter aos ritos de passagem. Silvério, um sertanejo de fora do garimpo, é submetido pelos colegas a diversas provas de “conhecimento”, chegando ao extremo de ser obrigado por Zé de Peixoto e Peba a beber azeite para defecar o suposto diamante roubado. O imaginário ficcional construído por Herberto Sales em *Cascalho* transforma os mitos do garimpo em literatura, sejam aqueles que chamamos de “mitos de fora”, nos quais se incluem os mitos sobre o sertão como território do incivilizado, seja os “os mitos internos”, como são estes relacionados à natureza.

A natureza física, geográfica, do garimpo, fonte de diversos mitos, como já falamos, é descrita no romance *Cascalho* de maneira exaustiva através do discurso das personagens e do narrador. Com esta descrição Herberto Sales historiciza o espaço ficcional da obra, não somente inserindo a história na ficção, mas fazendo também do ambiente físico o cenário principal da história.

A alguns esta descrição da região da Chapada por Herberto Sales pode parecer demasiada e ter sentido de desvalor, porém pensamos como Willi Bolle a respeito da *historicização do espaço ficcional*. No ensaio “*O sertão como forma de pensamento*”, ele analisa as intenções de Guimarães Rosa de construção da paisagem em *Grande Sertão: Veredas* como forma de leitura do grande sertão chamado Brasil. Para Willi Bolle é necessário, para tanto, “historicizar essa forma, isto é, compará-la às outras precursoras”.¹⁶ Por esta razão, buscamos a ajuda de relatos de três travessias, feitas pela região da Chapada Diamantina em momentos diferentes da história, separados por intervalos de tempo relativamente iguais.

¹⁶ BOLLE, Willi. O sertão como forma de pensamento. Abralic. Leituras do ciclo. Ed. Grifos. Chapecó 1999, p. 255.

O primeiro relato do qual nos utilizamos consta do livro *Viagem ao Brasil: 1817-1820*, escrito pelos naturalistas alemães, também médicos e botânicos, Johann B. von Spix e Carl Friedch P. von Martius, ou simplesmente SPIX E MARTIUS. O segundo relato é do engenheiro Teodoro Sampaio feito sessenta anos após os naturalistas alemães e o terceiro é o relato de Anita Prestes sobre a passagem na região da Coluna Prestes, 45 anos depois da viagem de Teodoro Sampaio.

Buscamos a ajuda destes relatos para melhor compreender a historicização do espaço ficcional do romance *Cascalho*. Queremos demonstrar que a história presente na civilização do garimpo, em parte, já havia sido constituída desde anteriormente pela narrativa dos viajantes e o que romance de Herberto Sales relata o diálogo desta história local com os fatos da história do país. Estes dois aspectos, a constituição da história pela narrativa anterior e o diálogo com a contemporaneidade da própria obra, evidenciam o caráter da literatura de ficção na desconstrução dos mitos sobre o sertão, em particular, na desconstrução dos mitos sobre a civilização do garimpo. O texto literário dessacraliza esses mitos, muitos deles presentes na literatura oral da região, e os eterniza, já agora desmitificados, como parte da cultura da civilização do garimpo.

2.1 - VIAGEM AO GARIMPO DA BAHIA

Antes mesmo de falar sobre os relatos da passagem de Spix e Martius pela Chapada Diamantina, achamos importante, mais uma vez, citar a opinião de Willi Bolle sobre a

contribuição destes estudiosos alemães. Para W. Bolli eles “*substituíram a contemplação pitoresca dos tableaux de la nature por uma interpretação de cunho político: a Landschaft, tornando-se uma forma de afirmação da identidade do Land — a terra, o país. Este estofo teórico levou os viajantes naturalistas, de maneira geral, a transformar o sertão em personagem da literatura e da historiografia*”.¹⁷

Spix e Martius viajaram ao Brasil para fazer estudos naturalistas e integraram a missão científica criada em decorrência do casamento da Princesa Leopoldina, antes arquiduquesa da Áustria, com o futuro imperador D. Pedro I. Eles percorreram os sertões brasileiros entre os anos 1817-1820 com o intuito de catalogar nossa fauna e flora e fazer levantamento sobre o relevo e a geologia do país. Partindo do Rio de Janeiro, percorreram as terras de Minas Gerais, Goiás, Bahia, aonde incursionaram pela Chapada Diamantina, indo em direção a Salvador. Posteriormente chegam a Belém, no Pará, seguindo o curso do Rio Amazonas até a sua origem. depois retornam pelo mesmo rio até Belém mais uma vez, de onde voltam para a Europa. Ao final eles produziram relatos de importância histórica e social sobre o Brasil do início do século XIX.

Após viajar pela zona de garimpo de Minas Gerais e entrar por Goiás, Spix e Martius voltam aos sertões de Minas, sobem pelo Rio São Francisco até Malhada, de onde enveredam, receosos, pelo sertão da caatinga, já que: “*o viajante que, durante os meses de seca, levar numerosa tropa pela estrada que tomamos no sertão da Bahia, nunca tem certeza de chegar, com um só dos animais de carga, ao lugar de destino*”.¹⁸ Vencidas as dificuldades previstas em cinco dias de viagem “*Aparece, finalmente, num vale cercado de*

¹⁷ BOLLE, Willi. Op. cit. p. 256.

¹⁸ SPIX, Jonhann Baptist von, MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von. Viagem pelo Brasil: 1817-1820 Vol 2. Ed Itatiaia, Ed. Da Universidade de São Paulo. Belo Horizonte, São Paulo. 1981. p. 121.

morros, o casario bem caiado da Vila de Caetité, oferecendo aos viajantes cansados um teto hospitaleiro".¹⁹ Note-se que, em razão da inexistência de estradas, Caetité foi, durante muito tempo, porta de entrada para a Chapada Diamantina. A cidade, denominada por Spix e Martius de "*industrioso povoado*", chama a atenção dos viajantes alemães pela lavoura e comércio, mas também pela existência de ouro e pela exploração de ametistas.

Durante a estadia em Caetité eles têm a oportunidade de exercer a profissão de médicos: "*vieram consultar-nos muitos doentes, especialmente tuberculosos, hidrópicos e doentes de oftalmia reumática*". Nesta ocasião dá-se o episódio do jagunço a quem foram obrigados a dar tratamento médico no meio da noite: "*Depois do sol posto, mal nos havíamos recolhido ao quarto de dormir, eis que um de nossos criados nos avisou, tímido, um valentão; apenas acabava ele de falar, já um homem agigantado, metido numa capa de cavaleiro, armado de espada e de pistolas, entrou com atrevimento, empurrando para fora o criado, fechou a porta e, sem cumprimentar a ninguém, começou a despir-se, dizendo: "Senhores estrangeiros, tratem-me, mas depressa, porque não posso demorar aqui"... Nunca havíamos encontrado igual nobreza de porte físico, aliada a tanta abjeção*". Confessando não saber se o incidente era sonho ou realidade, os viajantes foram buscar explicações junto aos tropeiros, que lhes contaram histórias de "diversos aventureiros" que deserdados ou empobrecidos vagam pelo sertão cometendo todo tipo de atrocidades, quer a serviço de outros, quer por conta própria.²⁰

Deixando Caetité eles partiram em direção a Vila de Rio de Contas, deixando para trás o oásis de clima ameno semelhante ao de Minas Novas, no Tejuco. O encontro com as primeiras paisagens da Chapada Diamantina propriamente dita, na Serra de Vila Velha,

¹⁹ SPIX, Jonhann Baptist von, MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von, Op. cit. p.122.

²⁰ SPIX, Jonhann Baptist von, MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von, Op. cit p. 123.

proximidade de Rio de Contas, deslumbra Spix: “*Essa repentina passagem de uma região deserta, ressecada, para uma alegre paisagem primaveril, atuou como estímulo tanto mais forte sobre nosso espírito, porque, segundo as experiências colhidas até agora e as informações dos sertanejos, até à Bahia não devíamos contar com vestígio algum de renascimento da natureza*”.²¹

O deslumbramento com as belezas naturais da Chapada marca a passagem de Spix e Martius pela região, onde eles identificam semelhanças com as terras montanhosas de Minas Gerais “*Na metade do caminho (entre Vila Velha, hoje Livramento do Brumado, e Vila de Rio de Contas, hoje Rio de Contas²²) ouve o viajante o bramido da imponente cachoeira do Rio Brumado, que se despenha da altura de 150 pés, entre íngremes rochedos. Do topo do caminho, desenrola-se o magnífico panorama do lindo Vale de Vila Velha*”.²³ Também é digno de registro o minucioso estudo geológico que os cientistas fazem da região, assim como a paleontologia do lugar através das grandes “ossadas antediluvianas” achadas às margens do Rio Santo Antônio, em Bom Jesus dos Meiras, hoje Brumado.

O testemunho dos viajantes afirma que a população de Rio de Contas se distingue dos outros habitantes do interior da Bahia “*pela educação e riqueza*” e elogiam o *professor régio* de latim “*homem de erudição verdadeiramente clássica*”. Por fim, confessam: “*Deixamos contra vontade, a 17 de outubro, a aprazível cidadezinha que, pela situação e*

²¹ A viagem empreendida por Spix e Martius entre os anos 1817-1820 teve o intuito de recolher informações da geologia, flora e fauna do sertão brasileiro, mas se revelou também como um minucioso estudo dos aspectos sociais e étnicos do Brasil no século XIX. Essa passagem pela Chapada Diamantina fazia parte do roteiro, que incluía Salvador, chamada aqui de Bahia, como o final de uma das etapas. O depoimento dos naturalistas alemães nesta passagem do relato e em vários outros momentos demonstra o desconhecimento que se tinha sobre o sertão. No caso particular se desconhecia à época até mesmo aspectos físicos do interior da Bahia, daí a surpresa dos viajantes ao se deparar com a exuberância e beleza natural da Chapada. Note-se que este desconhecimento perdurou por longo tempo após a passagem de Spix e Martius pela região.

²² Grifo nosso.

pela educação e hospitalidade dos seus habitantes, nos fazia lembrar Tejuco...” Contudo, Spix e Martius também falam da pobreza da população local, da incidência de tuberculose, sífilis e da fome, que leva o sertanejo a ter hábitos alimentares extremamente pobres *“Precisar o povo de um país de riqueza tão exuberante recorrer a tais expedientes, para subsistir nos parecia incrível, se não houvéssimos visto a miséria em que geralmente a gente nessa região do sertão, e se acha bem”*.²⁴ A partir deste ponto os naturalistas alemães iniciam a *via crucis* da travessia da Chapada, repleta de acidentes e privações, em direção à capital da Província.

2.2 - UM ENGENHEIRO VISITA O GARIMPO

Em 1879 Teodoro Sampaio era integrante da Comissão Hidráulica, também chamada de Comissão Milnor, formada pelo governo brasileiro e dirigida pelo engenheiro americano William Milnor Roberts, que tinha por objetivo estudar condições de navegabilidade fluvial do país. A missão científica entrou pela foz do Rio São Francisco, percorreu o seu curso contra as correntezas até as nascentes do que ele chamou de *“mediterrâneo brasileiro”*, depois fez o caminho de volta até Carinhanha. Neste ponto a equipe se dividiu em três. Uma delas seguiu por terra rumo a Serra do Espinhaço, em direção ao Rio de Janeiro. A segunda equipe, mais numerosa, fez a viagem de volta pelo São Francisco e a terceira, dirigida pelo próprio Teodoro Sampaio, seguiu por terra em direção à Chapada Diamantina, rumo a Salvador.

²³ SPIX, Jonhann Baptist von, MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von. Op.cit., p. 126.

²⁴ SPIX, Jonhann Baptist von, MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von, Op. cit p. 129.

A travessia empreendida por Teodoro Sampaio nos sertões da Bahia, realizada sessenta anos após a viagem de Spix e Martius, nem por isso foi menos recheada de aventuras. A inexistência de estradas perdurava. As vicissitudes da travessia, portanto, continuavam as mesmas. A diferença estava no roteiro, já que a partir da Vila de Rio de Contas os pesquisadores alemães percorreram as terras entre o Paraguaçu e o Rio de Contas, com destino a Maracás e daí para São Felix e finalmente Salvador, enquanto que Teodoro Sampaio, antes de fazer este percurso, seguiu em direção a Mucugê e às terras do garimpo. Sua estréia no sertão baiano se deu atravessando o Rio São Francisco em plena batalha entre as forças governistas acampadas em Carinhanha, e cangaceiros entrincheirados no outro lado do rio, em Malhada. O tiroteio foi suspenso apenas para dar passagem ao vapor da Comissão, cuja comitiva foi saudada com fogos e aclamação por ambos os lados. Diante da incredulidade dos cientistas, os contendores do lado baiano do rio explicavam que as efusivas aclamações eram por conta da imparcialidade demonstrada pelos viajantes, muito apreciada pelos beligerantes.

A marcha de Teodoro Sampaio desde a divisa de Minas Gerais, rumo à Chapada, tendo Caetité como porta de entrada, é feita entre fazendas desertas e vilas abandonadas em razão da presença de jagunços na região. A cidade de Caetité se apresenta ao viajante com “*aspectos de corte do sertão*”, composta de gente “*boa e culta*”, cujas ruas são calçadas, algumas arborizadas, as casas no geral bem construídas e com água canalizada. Havia um paço municipal e cadeia, um teatro e um cemitério.²⁵

Teodoro Sampaio fez importantes registros do perfil sociológico e histórico da região, entretanto seu relato tem forte viés cientificista, com muitos mapas e gravuras do relevo da

²⁵ SAMPAIO, Teodoro. O Rio São Francisco e a chapada diamantina. Coleção de Estudos Brasileiros. 1938. p. 187.

região, acompanhadas por minuciosa descrição sobre aspectos geológicos, que também estavam presentes no relato de Spix e Martius. Há em ambos os relatos, em igual quantidade, descrições da fauna e da flora, além de observações sobre o modo de vida da população e um peculiar deslumbramento com as belezas naturais da Chapada Diamantina. Para Teodoro Sampaio o trecho entre o Rio Brumado e o Rio de Contas é “*todo ele panorama dos mais encantadores que temos percorrido*”. A Vila de Rio de Contas já se lhe apresenta como decadente por conta do declínio das minas de ouro, embora ainda conserve nas suas construções de pedra e nos prédios públicos, sinais da opulência do passado. Quanto a Mucugê, predomina no olhar do pesquisador o mesmo tom de desagrado “*Nada tem de pitoresco a vila, nem é lugar adequado para o assento de uma cidade. Não tem horizonte porque os montes a oprimem, rodeando-a por todos os lados. O lugar, mesmo, é um pouso de garimpeiros à beira do garimpo*”.²⁶

Teodoro Sampaio delimita as zonas diamantíferas da Bahia num raio de 370 quilômetros de comprimento e 228 quilômetros de largura e chega à conclusão de que as minas de diamantes se esgotaram para os métodos de exploração extremamente manuais de então. Ele chega a fazer um relato minucioso do *modus operandi* do garimpeiro e dos aspectos exótico e lendário relacionados ao garimpo. Uma das suas tarefas foi percorrer a Serra do Sincorá em busca da “*lendária cidade abandonada*”, que relatos de outros viajantes afirmavam existir na Chapada. A tentativa de achar a presumida cidade foi o objetivo da missão do Cônego Benigno José Carvalho e Cunha, designado para tal missão pelo Instituto Histórico. O Cônego Benigno buscou em vão a cidade suntuosa, de extremo luxo, a exemplo das lendas orientais, habitada por seres fantásticos, com prédios

²⁶ SAMPAIO, Teodoro. Op. cit. p. .210.

monumentais e que cunhava até moeda própria, de puro ouro. Ao cabo das suas investigações Teodoro Sampaio conclui:

“O teatro de tantas maravilhas é de fato escrito com tal ou qual verossimilhança que admira. Aqui são os montes elevados e os campos despidos de vegetação arbórea, ao redor deles; aqui as trombas e as quebradas, que dão passagem difícil por entre pedras soltas; aqui se vêem as furnas ou lapas, cobertas com umas grandes lages e com figuras pintadas na mesma pedra, figuras idênticas às que se desenham na citada relação; aqui se encontram, nos campos, ratos em grande número refugiados nas furnas, não ratos de pernas curtas que saltam como pulgas, mas verdadeiros e importunos roedores que ninguém explica como vivem e se multiplicam nesses ermos”.²⁷

2.3 - TRAVESSIA DE UM TERRITÓRIO CONFLAGRADO

O terceiro relato, embora mais recente, tem igual importância para nosso estudo, mesmo considerando que a motivação da travessia relatada se distingue das duas anteriores. Trata-se da Coluna Prestes, objeto de pesquisa de Anita Leocádia Prestes ao título de Doutor em História Social no Curso de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, tese defendida em 29 de novembro de 1989 e editada em livro com o

²⁷ SAMPAIO, Teodoro. Op. cit. p. 251-252..

título de *A Coluna Prestes*. Como é sabido, a formação da *Coluna* foi desdobramento dos levantes militares de cunho mudancista que se realizaram no Brasil no início do século passado. Ela se insere no movimento geral de luta política pelo fim das desigualdades sociais, pela modernização do país e tem o mesmo significado de outros episódios, como a revolução de 1930 e a insurreição popular de 1935, dirigida pelo Partido Comunista.

A Coluna se constituiu num exército revolucionário com o efetivo de cerca de 1.200 homens, dirigidos pelo general Miguel Costa, comandante, coronel Luiz Carlos Prestes, chefe do Estado-Maior, Juarez Távora, sub-chefe, e outros comandantes como Djalma Dutra e Siqueira Campos. Entre o período de 29 de outubro de 1924 e 03 de fevereiro de 1927, a Coluna Prestes percorreu 26 mil quilômetros, enfrentou cerca de 30 mil soldados efetivos do exército e um sem número de milícias locais chefiadas por coronéis e jagunços. Por fim a Coluna chegou invicta à Bolívia.

A passagem da Coluna pela Chapada Diamantina foi uma das mais duras empreitadas dos revolucionários por conta do combate que lhes fizeram as milícias locais, chamadas de *Batalhões Patrióticos*, integradas por jagunços e sertanejos recrutados pelos coronéis do garimpo, cujo chefe de maior destaque era Horácio de Matos. Tais batalhões eram, ao mesmo tempo, uma estratégia militar do governo, cujo exército convencional não conseguia conter o exército guerrilheiro da Coluna, e uma forma de negociação entre coronéis e governo central do país. Ao se engajarem na guerra contra a Coluna os chefes locais tinham preservado o seu poder na região. Pode se dizer também que se tratava de um negócio lucrativo para os coronéis, que não tinham nenhuma despesa com a formação dos Batalhões. Pelo contrário, eles recebiam financiamento oficial para tal fim, como ocorre com os irmãos Germano e Quelezinho na narrativa de Herberto Sales em *Cascalho*.

Vindo dos sertões de Canudos, a Coluna Prestes entrou na Chapada Diamantina em época de chuvas. Prestes, como bom estrategista militar, tirou vantagem deste elemento desfavorável levando a tropa a fazer a travessia pelo alto das montanhas, local aonde nascem os rios baianos que desembocam no oceano e no Rio São Francisco. Desta forma ele os atravessa nas nascentes, onde os efeitos das cheias não são sentidos. Fazendo de modo contrário, as tropas governistas atravessaram o mesmo território nas partes baixas das serras e sentem todo o tormento de atravessar rios em plena enchente, o que retardou a marcha e produziu vítimas nas suas fileiras.²⁸

A travessia da Chapada Diamantina pela Coluna Prestes, sendo uma estratégia acertada contra as tropas regulares do governo, provocou, contudo, os primeiros embates contra os batalhões organizados pelos coronéis das Lavras Diamantinas. A formação destes batalhões é narrada em *Cascalho* como tábua de salvação dos irmãos Germano e Quelezinho diante da crise dos negócios do garimpo:

“Os batalhões patrióticos são para reforçar a Polícia — explicou Dr. Marcolino. — O Governo precisa de mais homens, e nada como escolhê-los entre os lavristas: os lavristas têm fama de valentes. Temos que contribuir!” (C.p.190)

O que seria apenas um reforço de guerra na fala de Dr. Marcolino, tornou-se a principal forma de combate aos revoltosos. Os *Batalhões* formados pelos coronéis da Chapada, financiados pelo governo federal, tornaram-se os mais ferozes inimigos da

²⁸ PRESTES, Anita L. A Coluna Prestes. Paz e Terra. Rio de Janeiro. 1997. p. 260.

Coluna Prestes. A ação dos jagunços dos coronéis contra a Coluna nas duas passagens do grupo pela Chapada influenciou na decisão de Luiz Carlos Prestes de se exilar na Bolívia junto com seus seguidores. Conforme afirma Lourenço Moreira Lima no livro *A Coluna Prestes—Marchas e Combates*, citado na obra de Anita Prestes, foi a partir da Bahia que a Coluna Prestes “sofreu atroz perseguição, pontilhada de inúmeras ciladas, por parte dos jagunços e cangaceiros”. Depoimento no mesmo sentido de João Alberto Lins de Barros é também citado por Anita Prestes: “A reação na zona montanhosa dominada pelo cangaceiro Horácio de Matos aumentava. Nossos soldados iam caindo em emboscadas preparadas por inimigos invisíveis”.²⁹

A presteza dos coronéis em organizar milícias para combater a Coluna Prestes tinha motivações ideológicas e econômicas, mas era determinada pela exigência do governo federal em receber a contra-partida pelo pacto feito com os coronéis poucos anos antes, em 1920, conhecido como Acordo de Lençóis, que pôs fim a *Revolta Sertaneja*, movimento contestatório destes chefes políticos contra a eleição de J.J. Seabra ao governo estadual. Pelo referido acordo o coronel Horácio de Matos não entregaria suas armas e munições, conservaria a posse de doze municípios da Chapada, dirigidos por coronéis seus aliados na Revolta, e seriam conservadas duas vagas de deputados, federal e estadual, a serem eleitos por ele. Em troca os coronéis aceitariam a eleição do governador e a intervenção do governo federal no Estado teria fim.³⁰

Fustigados pelos Batalhões Patrióticos e pelas forças regulares governistas, os revoltosos vão até Minas Gerais, retornam à Bahia, passam pela segunda vez na Chapada Diamantina, dirigem-se ao Rio São Francisco, depois seguem para Pernambuco, quando se

²⁹ PRESTES, Anita L. Op. cit. p. 266.

dá a retirada que termina na Bolívia. A passagem da Coluna Prestes pela Chapada Diamantina, parte da grande epopéia da marcha dos revolucionários, não se revestiu do mesmo significado das duas outras travessias de Spix e Martius e Teodoro Sampaio, salvo nos relatos da aspereza da caatinga e das dificuldades oferecidas pelo relevo das montanhas, mas tem significado histórico por demonstrar o poder dos coronéis do garimpo em interferir decisivamente no desfecho de uma crise de âmbito nacional, que o governo central estava impotente em solucionar. O poder dos coronéis está no centro da narrativa do romance *Cascalho* e é exemplificado de diversas maneiras por Herberto Sales, inclusive na formação dos Batalhões Patrióticos, da qual já falamos.

3- AS PRIMEIRAS PEDRAS DA CIVILIZAÇÃO DO GARIMPO

A descrição da paisagem do sertão do garimpo em *Cascalho*, que já havia sido historicizada pelos relatos de Spix e Martius e Teodoro Sampaio e pela pesquisa histórica de Anita Prestes, é o fio condutor para se conhecer a exploração do diamante na Chapada Diamantina e esta atividade econômica, por sua vez, é a matriz do poder dos coronéis.

Não se sabe ao certo a data exata do surgimento do garimpo de diamante na Chapada Diamantina. As versões e datas são diversas e desencontradas. A ausência de registros definitivos faz parte do imaginário do garimpo. Os personagens de Herberto Sales sempre falam do passado como um “*tempo dos antigos*”, explicado por Filó Finança como a *época*

³⁰ TAVARES, Luís Henrique Dias. História da Bahia 8ª edição. Editora Ática, São Paulo. 1987. p.172.

de ouro do garimpo: “Era de um jeito que ninguém usava picuá. Os diamantes eram carregados em trouxas. Chega a parecer mentira, mas é a pura verdade. O finado Joaquim Martiniano, por exemplo, quando fazia uma apuração, trazia os diamantes entrouxados em dois lenços enormes” (C.p.47).

Ao trazer a fala dos garimpeiros mais velhos para explicar o passado, a narrativa de Herberto Sales resgata o narrador clássico, que narra para contar uma experiência de um tempo que passou e da qual se origina um conhecimento que, diante do presente, torna-se mítico. Esta experiência do garimpo narrada em *Cascalho* traz a mística da Chapada Diamantina do passado para o presente atemporal da literatura, em um momento em que a região passa por um processo de modernização, com estradas, lavouras irrigadas, aeroportos e exploração do turismo ecológico, evitando assim que a cultura e a história locais sejam silenciadas..

O mundo mítico e místico do garimpo narrado por Herberto Sales tem suas origens históricas na proibição da garimpagem de diamantes, expressamente imposta pela Coroa portuguesa a partir de 1734 por decreto régio, que circunscrevia a extração de diamantes à região de Serro Frio, Minas Gerais. Ali foi instituído o Distrito Diamantino, única área permitida para garimpo em todo o território do Reino, aonde o acesso dos garimpeiros era rigorosamente controlado pelas autoridades. A partir de então a procura por diamante tornou-se clandestina, exceto para os herdeiros das sesmarias ou contratadores nomeados pela Coroa, que se transformaram posteriormente nos coronéis do garimpo:

“No tempo das primeiras descobertas, aqueles garimpos não conheciam dono. O povo trabalhava à vontade, nos cateamentos e nos serviços de

mergulho, mas logo veio o Cel. Joca de Carvalho com os seus Títulos de Terra e Minas, com seus registros de lotes reconhecidos pelo Governo e estabeleceu domínio particular sobre o vale. Transferindo o direito de propriedade ao Cel. Germano.” (C. p.14).

A gênese da civilização do garimpo narrada nesta passagem do romance foi testemunhada por Spix e Martius e está descrita nos seus relatos. Posteriormente Teodoro Sampaio também vai mostrar que o garimpo de diamantes na Bahia surgiu em decorrência do garimpo de ouro da região de Rio de Contas, cujos terrenos ele testemunhara que eram também diamantíferos. No início do século XVIII ali chegaram as primeiras levadas paulistas vindos da região de Minas Gerais com o intuito de explorar a mineração. Segundo Luís Henrique Dias Tavares, em seu livro *História da Bahia*, o coronel Sebastião Pinheiro Raposo e seu sobrinho Antonio de Almeida, contratados para as guerras contra os índios e africanos aquilombados, chegaram à região por volta do ano de 1720 e foram os pioneiros na atividade do garimpo.³¹

Entretanto, o registro da descoberta de diamantes se dá um século depois, em 1817, através da descoberta feita pelo Capitão Mor Felix Ribeiro de Novaes, na Serra do Cocal. Porém a extração acelerada, que resultou no rápido povoamento da região e na fundação de cidades, dava impressão a Teodoro Sampaio de esgotamento das minas, sessenta anos após ter sido iniciada a cata do minério.

Além fazer relatos da geografia da Chapada Diamantina, Spix e Martius e Teodoro Sampaio, farão também comentários sociológicos sobre a presença do negro na região,

³¹ TAVARES, Luís Henrique Dias. Op. cit. p.102.

tornando possível as explicações para a manutenção de denominações e termos herdados da escravidão nas relações do garimpo, como *alugado* e *meia-praça*, que são utilizados no romance *Cascalho* para designar a hierarquia dos garimpeiros. Isto torna evidente que, mesmo sendo trabalhadores, os garimpeiros continuam sendo denominados como se fossem escravos ou semi-escravos. Esses testemunhos explicam também as demais relações sociais rigidamente hierarquizadas, que são narradas em *Cascalho*. Na maioria das cidades e povoações visitadas pelos viajantes a presença da população negra era majoritária:

“raras vezes se encontra entre eles um branco de pura raça européia; muitos são os mulatos; outros revelam, pela cor mais clara do rosto e o cabelo liso, a mistura de sangue indígena e branco.”³²

Para Spix e Martius, explicitando um claro determinismo de raça, a ausência do elemento europeu no sertão era um fator decisivo para o atraso cultural e econômico da região. Determinismos à parte, constata-se que há controvérsia sobre a presença do negro na região do garimpo e no sertão como um todo e, no Alto Sertão da Bahia, em particular. Alguns historiadores falam da transferência do negro do sertão para as fazendas do sul do país após a proibição do tráfico de escravos da África para o Brasil a partir de 1850. Ronaldo de Salles Sena, por exemplo, fala das manifestações religiosas do negro no garimpo, como o Jarê, e da existência de quilombos na região, ressaltando, contudo, que eram negros quase sempre brasileiros, sendo raros os africanos.³³ Como prova da presença

³² SPIX, Jonhann Baptist von, MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von. Op. cit. P. 129.

³³ SENNA, Ronaldo de Salles. Passado projetado e presente anterior: o século XX que foi possível traduzir.. In: ARAUJO, Delmar Alves de; NEVES, Erivaldo Fagundes; SENNA, Ronaldo de Salles, PEREIRA,

do negro no garimpo, Teodoro Sampaio chega a citar um censo simplificado sobre a Vila de Santa Isabel (Mucugê) para demonstrar que:

“Predomina aqui entre o povo o elemento mestiço. Entre a população recenseada em 1872, população que foi achada de 15.100 habitantes, só no município de Santa Isabel, contavam-se 8.965 pessoas de cor, 3.741 pretos, 2.336 brancos e 58 de sangue indígena. Dessa população sabiam ler e escrever somente 2.348 indivíduos.”³⁴

Deduz-se do censo de Teodoro Sampaio que em algumas localidades os negros e mestiços eram maioria, embora os relatos de viajantes do século XIX não tenham dado ênfase a este registro.

Estes relatos são importantes para que tenhamos uma visão mais abrangente do cenário de ficção do romance *Cascalho*. O primeiro deles, de Spix e Martius, a nação estava na iminência de se tornar independente e iniciar o império. No segundo relato, de Teodoro Sampaio, o império aproximava-se do fim, o terceiro pertence à república, tão nova e ao mesmo tempo tão velha, a ponto de ser contestada abertamente de todas as formas, até por uma coluna guerrilheira originada dentro dos próprios quartéis. A contestação ocorre justamente por ela, a República, não ter sido capaz de alterar a estrutura social, política e econômica herdada do império.

Gonçalo de Athayde; *Bambúrrios e Quimeras (olhares sobre Lençóis: narrativas de garimpeiros e interpretações da cultura)* UEFS. Feira de Santana, 2002, p.229.

³⁴ SAMPAIO, Teodoro. Op. cit. P. 210.

Os três relatos aqui citados tornam possível perceber que a civilização do garimpo foi se constituindo sem que as relações sociais se modificassem e sem que as tímidas transformações políticas ocorridas no país produzissem seus efeitos no poder político local. Contudo, Herberto Sales reconstitui o cenário social de Andaraí mostrando que objetivamente os grupos sociais são visíveis na civilização do garimpo. Tanto é assim que, invariavelmente, os personagens de *Cascalho* são expressões do grupo social a que pertencem como diz Ívia Alves:

“Elaborando um imenso painel, constituído por grupos, onde os cortes fazem mover a ação, não há personagens principais. Todos os personagens-tipo tipificam a comunidade diamantífera, e vemos o desdobrar da situação da garimpagem —garimpeiros, bruaqueiros, capangueiros, até o envolvimento dos representantes da Justiça pela força política que advém do mesmo grupo manipulador da compra de diamantes.”³⁵

Este grupo manipulador da compra de diamantes constitui o grupo dirigente da comunidade do garimpo, faz parte de uma estrutura política e social do país que resiste às mudanças, utiliza-se da violência para manter seus privilégios e colocam esta mesma violência a serviço da repressão aos movimentos sociais de contestação, como foi o caso da própria Coluna Prestes, acoitada até o fim pelas tropas de jagunços dos coronéis da Chapada.

Para se entender o poder no sertão do garimpo vejamos o emblemático diálogo entre o garimpeiro e o gerente da serra:

“—Você não pode trabalhar aqui não.

— Por que?

— Porque não.

— De quem são estas terras?

— Do chefe.

— E as margens do rio?

— Do chefe.

— E o rio?

— Do chefe.

O homem olhou. O Paraguaçu descrevia lá embaixo uma curva ampla.

— O rio também?

— Sim. O rio e o leito do rio —respondeu o gerente — você aqui, sem ordem do chefe, nem pra beber água” (C. p. 14)

³⁵ ALVES, Ívia Iracema. Herberto Sales. Fundação Cultural do Estado da Bahia. Salvador. 1979. p.10.

CAPÍTULO II

CASCALHO: ROMANCE DOCUMENTAL

1- TEXTO DE FICÇÃO, RELATOS HISTÓRICOS E O REAL

A narrativa de Herberto Sales em *Cascalho* faz um retorno às origens da civilização do garimpo para buscar ali as explicações relacionadas ao lugar ocupado pelos personagens. Estas idas e vindas à fonte da história passa pela descrição sócio-geográfica da região do garimpo, pela interação da história local com os acontecimentos do país e, através desta historicidade da obra, ele vai montando uma biografia da civilização do garimpo através do texto literário.

O romance descreve a exploração do diamante, o relevo, a fauna e a flora da região e as mazelas sociais decorrentes da seca, como as doenças, a fome e as degradantes condições de vida dos garimpeiros. Grosso modo esta descrição já havia se constituído em história através dos relatos das travessias efetuadas pela região, aqui apresentadas nas narrativas de viajantes — Spix e Martius e Teodoro Sampaio. Encontraremos nos seus testemunhos informações sobre a geologia e sobre a incidência de diamantes, mas também o registro da fome, das doenças e do abandono em que as populações lavristas estavam relegadas. Muito embora estes últimos fenômenos sejam creditados pelos cientistas aos determinismos do meio e da raça. Spix e Martius, ao mesmo tempo em que enaltecem a beleza da Chapada e a riqueza do subsolo, deploram a inapetência para o trabalho da população local devido a pouca presença do europeu: “*raras vezes se encontra entre eles um branco de pura raça*

européia” e afirmam que o contato com o indígena contamina a todos com a indolência e a irresolução:

“uma palhoça imunda, tendo em volta uns pés de bananeiras descuidados, uma roça de feijão e mandioca, um rebanho de gado e alguns cavalos magros, que devem buscar eles próprios à subsistência, eis a mais alta aspiração desses matutos”.³⁶

Encontraremos idêntico posicionamento em Teodoro Sampaio. Ele caracteriza a população do garimpo como pouco operosa e pouco afeita às inovações empreendedoras na exploração das minas, além de destacar a índole violenta do garimpeiro. Ele busca amparar sua opinião em dados demonstrativos sobre Mucugê: *“basta que se saiba que em dois anos de mineração deram-se para mais de cem assassinatos, pela maior parte impunes”*.³⁷

A segunda estação da história visitada por Herberto Sales se situa na confluência do seu texto literário com o relato histórico de Anita Leocádia sobre a Coluna Prestes. Aqui vamos ter o encontro da civilização do garimpo com os acontecimentos do país, contemporâneos à narrativa de *Cascalho*. A pesquisa sobre a Coluna Prestes, e os diversos depoimentos trazidos pela autora sobre a questão, descrevem o conflito político do Brasil da república velha, cujo pano de fundo é a estrutura social e econômica do país. O relato fala da Chapada Diamantina como domínio absoluto do coronelismo sobre as massas

³⁶ SPIX, Jonhann Baptist von, MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von. Op. cit. P. 129.

³⁷ SAMPAIO, Teodoro. Op. cit. P.227.

camponesas, as quais a Coluna teria a tarefa de liberta-las e incluí-las no novo projeto de nação pregado pelos revolucionários.

O terceiro elemento da historicidade do romance, o seu ponto de chegada, se situa justamente no aspecto biográfico da obra ao trazer o discurso do autor enquanto alguém que viveu os acontecimentos narrados — Herberto Sales era morador de Andaraí e conhecedor da matéria garimpo — apresentando, portanto, uma, ou mais de uma, versão da história ocorrida e o faz interpretando os fatos de maneira verossímil. A propósito do caráter biográfico da obra podemos citar as anotações de sala de aula da professora Evelina Hoisel, disciplina de Teoria Narrativa:

“Biografia hoje não é apenas fatos, mas desejos, sonhos, a vida vivida e a que poderia ser vivida. A biografia contemporânea é a vida factual e ficcional, a construção discursiva.”³⁸

Herberto Sales não faz apenas um relato como fazem os viajantes do século XIX e, em certa medida, Anita Prestes na pesquisa sobre a Coluna Prestes, aqui citados. Ele ficcionaliza estes fatos históricos e descreve o cenário físico da Chapada Diamantina, transformando a natureza local em parte da biografia da região, apresentando ao leitor informações sobre o garimpo não apenas como atividade econômica, mas como um dos elementos constitutivos da cultura da Chapada Diamantina.

³⁸ HOISEL, Evelina. Teoria narrativa. Anotações de sala de aula. PPGLL-UFBA. Semestre 2003.1

Este aspecto biográfico do romance estabelece desde já uma distinção entre ele e a crônica histórica. No entanto, esta crônica histórica, sendo em si literatura de um certo campo epistemológico, não se constitui em literatura de ficção, em obra literária, posto que as relações destes textos com o real se limitam a descrevê-lo tal como a realidade se apresentou ao observador. Então podemos dizer que nestes relatos a objetividade se encontra “descasada” da subjetividade. Dito de outra forma: nos relatos dos viajantes o real é relatado no seu aspecto conotativo, sem que se dê o que Judith Grossmann chama “processo dual” da obra literária:

“que é simultaneamente cumulativo e redutor, o de agregar conotações e o de, implícita ou explicitamente, desbasta-las em denotações.”³⁹

Assim, queremos deixar evidente que a historicidade da narrativa em *Cascalho* não implica em semelhanças de gênero com os relatos aqui citados, nem que haja semelhança entre fato histórico e fato literário. As diferenças estão na relação da obra literária com o real, que não é uma relação tão somente de reprodução, como fizeram os relatos dos viajantes e guerrilheiros sobre os fatos históricos. A literatura vai recriar o fato histórico, numa relação de tensionamento produzido pela linguagem:

“O paradoxo essencial da obra literária, em relação ao qual se mantém elusiva, é o de que a imagem se faz mais real do que o real, ou no próprio

³⁹ GROSSMANN, Judith. Temas da teoria da literatura. (Ensaio 79) Ática. São Paulo. 1982. p.8.

real. O discurso literário utiliza ao máximo as relações entre o real e a ficção, ora representando um, ora outro, como englobante ou como englobado, deslocando continuamente a questão da origem, ora colocada no discurso, ora na realidade.”⁴⁰

Podemos inferir desta discussão o caráter da autonomia da obra literária em relação à realidade se explicita num primeiro movimento de negação do real e num segundo movimento de retorno ao real através da linguagem. Estes movimentos expressam o próprio significado do fazer literário. Judith Grossmann nos fala que esta relação “é furto e doação ao real”:

“O literário se reconhece nascido de um saque ao real, propondo-se a ressarcir o mesmo desse ato de violência. A obra e o autor estão incursos nesse saque, inclinando-se a explicitar que todo ato de criação nasce de uma violência, no caso a da linguagem, violência que se propõem a saldar pelo retorno à realidade, nadificada de um lado e realizada do outro.”⁴¹

Esta dialética de ida e retorno ao real, que expressa a autonomia da obra literária diante da realidade, é por demais evidente em *Cascalho* através do trânsito dos personagens na cidade de Andaraí, na descrição do cenário físico, nos diálogos e nas ambiguidades dos garimpeiros diante da realidade.

⁴⁰ GROSSMANN, Judith. Op. Cit. p.18.

⁴¹ GROSSMANN, Judith. Op. cit. p 30.

Poderíamos aqui citar diversas cenas do garimpo retratadas em *Cascalho*, roubadas do real e devolvidas pela linguagem ficcional de Herberto Sales, como a morte do garimpeiro Raimundo, que inicia o romance. A morte de um garimpeiro é episódio familiar nas minas de diamante, mas no momento em que este episódio é ficcionalizado, o que é familiar ganha visibilidade, chama a atenção do leitor, estabelece-se uma rede de relações entre a morte do trabalhador e o contexto, adquirindo, assim, um novo significado, porque se torna um fato exemplar da exploração dos trabalhadores, da banalização da vida no garimpo e da solidariedade entre os oprimidos. Este jogo de furto e doação entre a literatura e o real cria uma nova dimensão do real ao trazer um fato do passado, a morte de um garimpeiro, colocando-o na dimensão de um presente que estará sempre eternizado pelo texto literário através da linguagem.

2- TEXTO DE FICÇÃO E TEXTO HISTÓRICO

O segundo aspecto importante da autonomia da literatura em relação ao real está explicitado na representação do fato histórico pelo texto de ficção. O romance *Cascalho* ao incorporar os fatos históricos e a corografia da Chapada não perde o seu caráter de texto de ficção e não se confunde com o gênero de texto histórico ou científico. A descrição geográfica incorporada à crônica histórica, ou o próprio texto histórico, nos fala do aspecto conotativo do real, contextualizado em um determinado tempo do passado, descreve este real, mas não o recria, apenas descreve. Por sua vez o romance é, como já dissemos antes,

uma simbolização atemporal do real pela linguagem, que torna esse passado sempre presente, como afirma Ezra Pound: “literatura é novidade que permanece como novidade”.⁴² Aí está a diferença entre o texto de ficção e o texto meramente descritivo.

A relação do romance com outros textos é abordada por Mikhail Bakhtin a partir da crítica à estilística tradicional, que faz o estudo da obra literária sem levar em conta os diversos tipos de linguagens e estilos presentes nela e não considera também o caráter do romance enquanto “unidade” destas linguagens e estilos:

“O romance, tomado como um conjunto, caracteriza-se como um fenômeno pluriestilístico, plurilíngüe e plurivocal. O pesquisador depara-se nele com certas unidades estilísticas heterogêneas que repousam às vezes em planos lingüísticos diferentes e que estão submetidas a leis estilísticas distintas.”⁴³

Interessa-nos aqui destacar o aspecto do romance enquanto unidade pluriestilística, que acolhe diversos estilos literários,⁴⁴ porque queremos dar visibilidade à historicidade do contexto físico e social do garimpo no romance *Cascalho*. A nosso ver a historicidade é parte integrante da obra e nela está presente pela inserção no romance de outras formas

⁴² POUND, Ezra. *Abc da literatura*. Trad. Augusto de Campos e José Paulo Paes. Editora Cultrix. São Paulo. 1990. p.33.

⁴³ BAKHTIN, Mikail. *Questões de literatura e de estética, a teoria do romance*. Trad. Aurora Fornoni Bernadini et alii. 3ª edição. Ed UNESP. São Paulo.1993. p.73.

⁴⁴ Na sua obra *Em questões de literatura e de estética—a teoria do romance*, Mikail Bakhtin enumera os estilos literários que compõem o romance, caracterizando-os como: 1- A narrativa direta e literária do autor. 2-a estilização de diversas formas da narrativa tradicional oral. 3- Estilizações de diversas formas da narrativa (escrita) semiliterária tradicional cartas, diários etc). 4-diversas formas literárias, mas que estão fora do

literárias de não-ficção, que se transformam em literatura pela narrativa de Herberto Sales. Em *Cascalho* há uma re-invenção, pela linguagem, da geografia física e social descrita nos relatos de Spix e Martius, Teodoro Sampaio e Anita Prestes, transformando-a em literatura.

Podemos dizer que o romance comporta outros estilos de literatura sem que perca sua característica de gênero de ficção, porque inclusive ele vai ficcionalizar estes outros textos, como o romance *Cascalho* ficcionalizou a realidade do garimpo já historicizada pelos relatos dos viajantes. Aqui podemos identificar na narrativa de Herberto Sales o fenômeno pluriestilístico, plurilingue e plurivocal da obra, o que faz com que a narrativa de *Cascalho* seja uma superposição de textos, como fala Bakhtin ao definir o romance. Enquanto que os outros textos não podem incorporar a ficção do romance, sob pena de perder a sua característica, qualquer que seja ela: histórica, jurídica, epistolar, antropológica etc.

Acreditando ter conseguido deixar claro que a historicidade do texto literário do romance *Cascalho* não implica em semelhança com o texto histórico, posto que o texto do romance é necessariamente de ficção, cuja característica fundante é de reconstrução do real, enquanto que os textos históricos de Spix e Martius, Teodoro Sampaio e Anita Prestes, se propõem a descrever a realidade, queremos agora analisar como o texto literário do romance *Cascalho* se põe na, ou diante da, história.

3- OBRA LITERÁRIA COMO DOCUMENTO

discurso literário do autor: escritos morais, filosóficos, científicos, declamação retórica, descrições etnográficas, informações protocolares etc.5- Os discursos dos personagens estilicamente individualizados.

O universo dos trabalhadores garimpeiros recriado por Herberto Sales evidencia que as relações de trabalho a que são submetidos são pré-capitalistas, sem vínculo de emprego, sem salário definido, sem proteção estatal de qualquer natureza —previdenciária, social, jurídica ou mesmo sindical. As formas de remuneração do trabalho tão pouco se assemelhavam àquelas praticadas para com os trabalhadores dos centros urbanos desenvolvidos do país. As relações de *meia* ou de *terça*,⁴⁵ adotadas pelo latifúndio para remunerar o trabalho dos ocupados nas fazendas, sequer eram aplicadas aos garimpeiros, que percebiam a remuneração apenas quando eram atingidos pela sorte. A estas formas pré-capitalistas de relações de trabalho se somavam outros mecanismos de exploração. O garimpeiro se submetia a uma dependência umbilical aos proprietários das minas, que ia desde o fornecimento de mantimentos, comprados obrigatoriamente nos *barracões*,⁴⁶ até a exclusividade de vender os diamantes a estes proprietários. Coronel Germano, dono de tudo e de todos, era contumaz em confiscar as ferramentas dos garimpeiros endividados ou daqueles que não tinham tido sorte no trabalho ou ainda daqueles que haviam morrido devendo ao barracão. João Vitor, empregado do coronel, é enviado ao velório do garimpeiro Raimundo com este intuito

“—O chefe mandou dizer pra mandar a ferramenta do finado. Ele morreu devendo ao barracão.” (C. p.26)

⁴⁵ *Meia e terça* são formas de relação de trabalho herdadas do sistema feudal, e preservadas no interior do Brasil, nas quais o dono da terra remunera o trabalhador com uma parte da produção, que pode corresponder à metade ou à terça parte do que é produzido pelo trabalho.

⁴⁶ *Barracão*: estabelecimento comercial muito comum nas fazendas, e também no garimpo, pertencente ao fazendeiro ou ao proprietário das minas. No Barracão é fornecida mercadorias e mantimentos para os trabalhadores, geralmente a preços extorsivos, cujo pagamento é feito após a conclusão dos serviços. É um dos mecanismos de efetivação do trabalho escravo, porque o trabalhador sempre deverá mais ao patrão do que teria para receber e enquanto perdurar a dívida não será permitido o seu afastamento do serviço.

Os donos das minas, além de se apoderar da cobrança do “*quinto*” sem o devido repasse para o tesouro público, lançavam mão dos mais diversos estratagemas para ludibriar a boa fé ou o desconhecimento do garimpeiro, geralmente analfabeto. Quando Filó Finança, Neco e Silvério vão vender um carbonato para Seu Teotônio, dono da serra do garimpo, este coloca em ação o artil para ludibriar aos três. Antes de determinar o preço da pedra, o comprador embriaga os garimpeiros, faz complicadas operações aritméticas, e paga 12 contos pelo carbonato que, sabidamente, valia 40, numa transação pela qual cada um receberia apenas um conto e seiscentos:

“—São dois contos e quatrocentos de quinto — disse, e foi anotando sempre, embora já tivesse feito a conta mentalmente. — ficam, portanto, nove contos e seiscentos líquidos. Abatendo a minha parte, sobram quatro contos e oitocentos pra dividir por vocês três. Está certo?” (C.153)

Pelas regras estabelecidas, os proprietários das minas tinham poder de vida e morte sobre o garimpeiro, geralmente mais de morte, que de vida. As relações entre garimpeiros e proprietários das serras, se inserem no contexto de continuidade das relações sociais herdadas do período da escravidão, nas quais o poder dos coronéis e proprietários das minas era imposto ao conjunto da população sem que houvesse nenhum processo de negociação com aqueles situados numa escala de subalternidade. Concessões, bastante limitadas e diferenciadas, eram feitas àqueles que se inseriam no círculo de sustentação do

poder dos coronéis, que substituíam o Estado, inclusive no aspecto policial-repressivo, mantido por jagunços e pseudo-autoridades policiais a serviço das elites locais.

Alfredo Bosi, ao falar da literatura ficcional nordestina, engajada e crítica, vê em *Cascalho* e também no romance *Além dos Marimbus*, de Herberto Sales, como documentos vivos de uma novelística da terra e do povo nordestino, considerando que estas obras “*fixam com vigor aspectos e episódios da zona das lavras diamantinas da Bahia*”⁴⁷. De fato, *Cascalho* conta as diversas histórias e episódios de uma plêiade de personagens do sertão do garimpo às voltas com os dilemas de sobreviver em difíceis condições físicas e sociais, o que levou Wilson Martins a comentar: “*Em conjunto, Cascalho alcançou a categoria de admirável interpretação romanesca de uma cruel realidade*”.⁴⁸

Além das experiências de cada segmento social da civilização do garimpo, o romance narra as relações do poder local com o poder oficial, centralizado na capital do Estado, ficcionalizando um período da história recente da Bahia marcado pela presença dos coronéis do sertão, cujo poder tem origem ainda no Brasil Colônia. Na República Velha, os coronéis negociavam a preservação da sua força política local em troca da sustentação da força política de diversos governadores. Diga-se de passagem, tratava-se de uma negociação conflituosa do ponto de vista dos interesses que, às vezes, envolviam até o próprio governo federal. Além da *Revolução Sertaneja*, que resultou no Acordo de Lençóis, e o engajamento contra a Coluna Prestes, exemplos mais marcantes da força política dos coronéis da Chapada no século XX, a negociação passava pelas eleições dos governadores, em geral fraudulentas. Este quadro político perduraria até o assassinato do coronel Horácio de Matos na capital do Estado, em maio de 1931. Após a morte do principal chefe político

⁴⁷ BOSI, Alfredo. História concisa da literatura brasileira. 3ª edição. Editora Cultrix. São Paulo. 1995. p.482.

da região, o poder das oligarquias do garimpo se desmorona. Consta, inclusive, que o coronel Aureliano de Brito Gondim, no qual Herberto Sales se inspirou para construir o personagem do coronel Germano, enlouquecera sob o impacto sofrido pelas oligarquias sertanejas.⁴⁹

Herberto Sales, ao recriar o universo da civilização do garimpo da Chapada Diamantina, o faz articulando a arte literária com o contexto econômico, político e social da região, inserindo este contexto em outro mais geral do Brasil da República Velha, de maneira tal, que vemos retratados no romance as contradições e os impasses da sociedade brasileira desta época histórica. Razão pela qual *Cascalho* adquire o status de romance documental, ao trazer para a literatura as gentes, os lugares e a natureza do garimpo transcendendo a objetividade das ciências pela subjetividade da arte literária, conforme sintetiza Judith Grossmann:

“Os lugares representados na obra literária têm e não têm a ver com os lugares reais correspondentes, com o mesmo nome ou com nomes diferentes, com lugares análogos a esses lugares reais, uma vez que estes se encontram elevados ao nível de modelos. Se a obra literária é um documento, de determinado tipo, sobre os espaços e o tempo representados, esse documento se consubstancia na base do paradoxo, da semelhança de superfície, que confunde e embacia a visão (por ser uma dessemelhança), e da dessemelhança de profundidade, que acaba por

⁴⁸ ALVES, Ívia Iracema. Op. cit. p. 99.

⁴⁹ NEVES, Erivaldo Fagundes. Op. cit. 1997. p. 49.

desvelar os espaços e os tempos representados (por ser uma semelhança.)”

50

Podemos dizer, então, que a arte literária, ao universalizar o particular por meio da linguagem, ganha status de documento diante da história, sendo uma das suas fontes para a compreensão dos fatos. Mas, é preciso que se faça uma distinção sobre qual história estamos falando. A história positivista, factual e historizante secundariza o caráter de documento da literatura, ou mesmo o desconhece. O caráter de documento da literatura se realiza na “*história centrada na experiência humana, na vida dos grupos e das sociedades*” que nos fala Ciro Flamarion Cardoso, cujo método de estudo centrado nos estudos de estrutura, de conjuntura e estudos regionais,⁵¹ denominado de *nova história*, teve como precursores Lucien Febvre e March Bloch. A partir desta nova sistematização a história adquiriu novos horizontes de inter-relação com outras disciplinas mas, e sobretudo, passou a interagir com realizações culturais locais, articuladas pela história nos estudos regionais.

Analisando a questão da *nova história* e dos estudos regionais, Erivaldo Fagundes Neves ressalta que “*não se deve esquecer do alcance da literatura como registro do cotidiano cultural da sociedade em determinado tempo e lugar*”, para dizer que a história não pode falar do sertão ignorando Euclides da Cunha, Graciliano Ramos e Guimarães Rosa e que “*Desse modo há que se recorrer a ficções como as de Lindolfo Rocha e*

⁵⁰ GROSSMANN, Judith. Op. cit. p.66.

⁵¹ CARDOSO, Ciro Flamarion, BRIGNOLI, Hector Pérez. Os métodos da história. Trad. João Maia. Edições Graal. Rio de Janeiro. 1979. p. 471-472.

*Herberto Sales, respaldadas, como as outras, em vivências, para se dissertar, sobre usos e costumes garimpeiros e o cotidiano social das Lavras Diamantinas”.*⁵²

Walter Benjamin nos fala da literatura como historiografia inconsciente e, mesmo que a obra literária não pretenda ser um mero registro histórico, acaba sendo uma historiografia inoficial. Muito embora ele afirme a pertinente questão, que merece ser ressaltada por nós, que a autonomia e a especificidade da obra literária se sobrepõem a qualquer caráter documental que ela venha a ter, porque a obra literária tem liberdade de registro do passado.⁵³

4- O GARIMPO NA PROSA DE FICÇÃO

Herberto Sales capturou o passado da civilização do garimpo e o transcreveu no romance *Cascalho*, advindo daí o caráter de fonte histórica da literatura sem que ela seja transformada em documento a serviço de alguma ideologia. Essa maestria do autor transformou as histórias de garimpeiros e coronéis numa obra-prima, como destaca Ruy Espinheira, romancista e poeta, no posfácio de *Pareceres do Tempo*. Diz ele: “São raríssimos os escritores que iniciam sua carreira literária publicando uma obra definitiva — um clássico. E foi exatamente o que aconteceu com Herberto Sales, que estreou em 1944, com *Cascalho*...”.⁵⁴ De fato, o romance de estréia de Herberto Sales tornou-se um

⁵² NEVES, Erivaldo Fagundes. História regional e local. Fragmentação e recomposição da história na crise da modernidade. UEFS/Editora Arcádia. Feira de Santana/Salvador. 2002. p.93-94.

⁵³ KOTHE, Flávio R. Para ler Benjamin. Livraria Francisco Alves Editora S.A. Rio de Janeiro, 1976. p. 109.

⁵⁴ SALES, Herberto. Pareceres do tempo. 4ª edição. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro. 1997. p. 411.

clássico da literatura brasileira desde a sua primeira edição, e continuou sendo a partir da segunda edição revisada pelo autor. Além de traduzida para diversos idiomas, a obra ganhou versões em outras linguagens —histórias em quadrinhos e cinema — nesta última por duas vezes.

Esquivando-nos de comentar questões de recepção e circulação da obra, importantes para o *cânone*, ou mesmo analisar os mecanismos de revelação da arte literária que espantaram Freud no ensaio “Escritores Criativos e Devaneios”,⁵⁵ podemos dizer que a temática do romance *Cascalho* está presente na literatura brasileira desde o início do século XX, sem que as obras publicadas antes dele tenham tido o mesmo reconhecimento da crítica ou aceitação pelas instâncias de legitimação do mercado editorial, o que não as desvalorizam em nada. Os romancistas que precederam Herberto Sales podem ser considerados como os *inventores* que nos fala Ezra Pound: “*homens que descobriram um novo processo ou cuja obra nos dá o primeiro exemplo conhecido de um processo*” e o próprio Herberto Sales, nesta mesma definição de Ezra Pound, poderia fazer parte da categoria dos mestres “*homens que combinaram um certo número de tais processos e que os usaram tão bem ou melhor que os inventores*”.⁵⁶

Afrânio Coutinho, ao falar do garimpo de diamante na literatura, afirma a existência de um *ciclo baiano* do romance chapadista, distinguindo-o, de outro existente, o ciclo mineiro. Nesta categoria de romances baianos ele elenca obras que tematizam a extração de diamantes na Chapada Diamantina e documentam os aspectos físicos e culturais da região:

⁵⁵ FREUD Sigmund. Obras escolhidas. Tomo Neste ensaio Freud utiliza as categorias da psicanálise para responder à sua própria indagação “em saber de que fontes esse estranho ser, o escritor criativo, retira seu material, e como consegue impressionar-nos com o mesmo e despertar-nos emoções das quais talvez nem nós julgássemos capazes”

⁵⁶ POUND, Ezra. Op. cit. p.42.

“A bibliografia ficcional da chapada diamantina compreende, assim, todos os núcleos populacionais que ali se organizaram, cada um deles, isoladamente, oferecendo, porém, as mesmas características em comum, pois no conjunto daquela civilização os princípios que a formaram tiveram a mesma origem, os mesmos elementos de natureza étnica.”⁵⁷

Sem querer enquadrar a literatura em classificações estanques, achamos importante fazer um levantamento conciso da bibliografia ficcional da Chapada Diamantina. Para tanto fomos buscar informações básicas sistematizadas pelo escritor Fernando Sales, publicadas com o título de *O Garimpo do Diamante na Ficção Brasileira*, separata introdutória do romance *O Diamante Verde*, de Almáchio Diniz.

Lindolfo Rocha teria sido considerado o precursor da safra de romancistas que tematizaram o garimpo baiano com a publicação, em 1910, do romance *Maria Dusá*, que fala do início do garimpo na Chapada e narra as aventuras e desventuras do tropeiro Ricardo, que cruza o sertão durante a seca de 1860. Durante o pouso na casa de um sertanejo, por “*um celamin de sal*”, ele torna-se proprietário da filha deste, a mesma que mais tarde seria a famosa Maria Dusá. O tropeiro, contudo, não a leva consigo, deixa-a com a família, da qual faz parte outra irmã. O reencontro de Maria Dusá, então rica cortesã de Mucugê, e Ricardo, transformado em garimpeiro, é o centro da trama do romance que foi, inclusive, recriado

⁵⁷ COUTINHO, Afrânio, SOUSA, J. Galante de, Enciclopédia de literatura brasileira. 2ª ed. V. I. Global Editora e Distribuidora. Rio de Janeiro. 2001. p. 751-753.

pela televisão em novela, com o título de “Maria, Maria”. Sobre o romance Aloísio de Carvalho diz:

“E, assim, possui o romance um duplo mérito; tem enredo, lógico, natural, bem urdido e melhor desenvolvido em cenas de flagrante realidade e é, acessoriamente, um retrato impecável dos costumes de vida e trabalho da Chapada Diamantina.”⁵⁸

Esses méritos do romance *Maria Dusá* também estão presentes nas publicações de outros romances, contos e novelas sobre o garimpo de diamante na Chapada Diamantina que se seguiram. Em todas estas obras — *A Cidade Encantada*, livro de contos de Xavier Marques, publicado em 1920; *Bugrinha*, romance de Afrânio Peixoto, publicado em 1922; *Contos do Norte*, de Alberto Rabelo, publicado em 1927; *Garimpos*, de Herman Lima, publicado em 1932. Além destas obras vamos encontrar na literatura oral da região, nos causos e histórias de garimpo, na literatura de cordel uma vasta crônica do cotidiano da civilização do garimpo.

O romance do garimpo, anterior ao romance *Cascalho*, apresenta uma ambigüidade de discurso na qual a estética realista, utilizada para descrever os cenários naturais e construir os personagens nativos da região, convive com a estética romântica na apresentação de heróis voluntariosos, vítimas da sociedade, que não os compreende e, via-de-regra, são mal-sucedidos. Assim é *Bugrinha*, que narra os costumes da cidade de

⁵⁸ FILHO, Aloísio de Carvalho. Lindolfo Rocha. In: *Lindolfo Rocha* FILHO, Aloísio de Carvalho, LEÃO, Múcio, BRUZZI, Nilo e COUTINHO, Afrânio. Ministério da Educação e Cultura. Rio de Janeiro. 1953. p. 4.

Lençóis, a natureza bela e abrupta da região e o amor impossível de “Bugrinha” com Jorge. Vamos encontrar esta mesma característica em *Maria Dusá*, onde um obstinado herói se bate, num meio extremamente inóspito, à busca do amor, que o destino lhe nega. De resto encontraremos esta mesma ambigüidade em Xavier Marques, cujo regionalismo está, segundo Alfredo Bosi, “permeado de romantismo”. O mesmo ocorre em Almáchio Dinis e nos demais.

No que pese as ambigüidades de discursos e diferenças estéticas, os romances que falam da civilização do garimpo trazem para o texto literário a linguagem própria dos garimpeiros, os falares regionais e os temas das credices e valentia, que são recorrentes neste tipo de literatura. Na maioria das vezes, vamos encontrar nos romances sobre o garimpo variações acerca de um mesmo tema, evidenciando a origem comum da narrativa. Chama a atenção nestas obras o fatalismo do homem que se submete ao destino de encontrar o diamante ou encontrar a morte na procura deste. Nesse caso, ou ele será agraciado pela sorte ou será vítima da vingança da terra contra aqueles que estão a cavoucá-la para “*achar o que não deixaram*”. A cena exemplar do garimpeiro que encontra a morte, soterrado dentro das grunas⁵⁹, está narrada em vários momentos destas obras, como veremos a seguir:

“Como a gruna aí tem um emburrado⁶⁰ alto dum lado, cada um foi tratando de subir com o maior cuidado, temendo, porque acima há uns “macacos” que podiam desabar. A água já estava “lambendo” perto das

⁵⁹ *Gruna*: Gruta, ou espécie de caverna, onde os garimpeiros entram a fim de explorar o diamante.

⁶⁰ *Emburrado*: Lugar pedregoso ou parede de pedra dentro da gruna, que os garimpeiros descem ou escalam para entrar ou sair da mina subterrânea.

candeias, quando Ricardo se lembrou do picuá. *Neste instante a água leva o picuá!* Disse ele. Felipe não pensou no que ia fazer. Saltou como um gato, apanhou o picuá, atravessou-o na boca, mas nesse instante as candeias se apagaram. Sem dúvida o infeliz ficou desorientado, pendeu para o lado, onde havia maior perigo, porque ouviram os dous rolar uma pedra, e logo um gemido e daí mais nada. Ricardo gritou Felipe e quis se precipitar para o socorrer, porém Manuel Pedro agarrou-o, afirmando que Felipe tinha respondido mais embaixo. Nada mais ouviram senão o barulho da água (*Maria Dusá. P154.*)⁶¹

“Era na gruna que estava a grotta Tristefeia, de onde Roldão fora libertar Angélica. Na grotta morria Roldão, “ao pé da penha” nesses Pireneus, clamando socorro com a sua corneta que não seria ouvida... Aí também não havia água para matar-lhe a sede que o devorava. (*Bugrinha. P.81*)”⁶²

“Alésio puxava, com a força de todos os seus músculos, o corpo para adiante, mas, com as gorduras que ganhara nas grunas, o canal ficara estreito para lhe dar passagem...Seu corpo não se movia mais nem para a frente nem para trás...Os companheiros exasperavam-se. Todos se futucavam nos pés. — Para adiante!...Para adiante! O corpo de Alésio era

⁶¹ ROCHA, Lindolfo. *Maria Dusá*. 2ª edição. Editora Ática. São Paulo. 1980. p154.

⁶² PEIXOTO, Afrânio. *Bugrinha*. Ediouro Publicações S.A Rio de janeiro. 1985.

um bloco de pedra e cal na garganta de passagem; não se arredava nem milímetro.

—Matemo-lo!... — gritou Bartolomeu...

As facadas reproduziram-se consecutivas. Entrou em ação a foice. As pernas de Alésio, que grunhia como um porco, foram escarapeladas aos golpes desordenados das foices... E o crânio de Alésio fora trazido para fora, como uma prova da barbaridade necessária que o vitimara...” (*O Diamante Verde*. P.130-131)⁶³

“Conseguiu transpor o lugar do enganchamento, mas agora se encontra no escuro, tendo a candeia desaparecido para sempre na enxurrada. Filó já não acredita em salvamento. Deixa-se arrastar pela água, e por ela unicamente se orienta. No meio da escuridão, como poderia localizar o esbirro que sustenta o emburrado? O emburrado terá desabado? A saída estará obstruída?...tenta em vão erguer-se, e a água já o impede de respirar...de repente, pareceu-lhe que nada tinha a ver com o que pudesse ocorrer ali. Houve então um baque, um estrebuchamento, e a água, por fim, encheu totalmente a gruna.” (*Cascalho*. P.200)⁶⁴

A descida do garimpeiro ao interior da terra é descrito é descrita nos romances do garimpo como uma violação suprema à natureza e, ao mesmo tempo, o auge do heroísmo

⁶³ DINIZ, Almachio. *O diamante verde*. 3ª Edição. Edições GRD/Instituto Nacional do Livro Ministério da Educação e Cultura. 1981. p.130-131.

do homem que, motivado pelo desejo de riqueza, parte ao encontro da morte. Mas, o encontro com a morte é também a realização do homem, porque ele chegou ao fim e, sobretudo, porque a morte revela nele a face de herói. Vilão e herói, assim é o garimpeiro, sabedor que a vida cobrará o tributo a ser pago por ele com a própria vida. Assim são Filó e Joaquim Boca de Virgem ao responder automaticamente ao ouvir o chamado do velho Justino, no meio da noite, ao bater a enxada: *“como uma chamada de sino para a missa”*. Eles se prontificam automaticamente: *“os dois garimpeiros como que só esperavam por isso: era uma espécie de evidência que conservava neles o sentimento de que não tinham realmente nascido para fazer outra coisa”* (C. p.197)

Os momentos da descida do garimpeiro para dentro da terra, percorrendo os estreitos caminhos da gruna, enfrentando a escuridão apenas com rústicos archotes e candeias, seminus, à mercê da sorte diante de todos os perigos que representam a chuva, que inunda as grotas, as cobras que os espreitam, os desabamentos, o frio e os acidentes diversos, descritos em *Cascalho* e nos demais romances citados, mostram que a coragem, o destemor diante do perigo e das adversidades, e a determinação em atingir seus objetivos, são uma síntese dos valores do homem da civilização do garimpo.

A coragem dos garimpeiros de enfrentar o desconhecido e os perigos iminentes os transforma de simples homens em semideuses que, pela solidariedade, são guardiões da vida do companheiro, como o são da própria vida. Mas, a iminência da morte os trazem novamente à condição de homens, que não relutam em queimar os pés do que está à sua frente atravancando o caminho ou mesmo de matá-lo, retalhando-lhe o corpo a fim de

⁶⁴ SALES, Herberto. *Cascalho*. Edições de Ouro. Editora Tecnoprint S.A. Rio de Janeiro.1980.

desobstruir a passagem. A luta pela vida justifica todas as atitudes dentro da gruna, seja a de doar a vida em favor do outro ou retirar-lhe a vida para salvar a si próprio.

Dentro da gruna a morte tem o caráter de ser um fato que, quando anunciado, tem caráter irreversível. Consciente disso o garimpeiro, a despeito de toda a sua coragem, experimenta a última decepção ao ver a sua trajetória em busca da fortuna e do sucesso ser interrompida bruscamente, malgrado seus conhecimentos e seus esforços sobre-humanos. Joaquim, ao ser alertado por Filó sobre a inundação da gruna, responde com desalento e indignação: *“não era essa a morte que imaginara ter”*, enquanto que Neco, ao ver que somente os três ficaram dentro da gruna, constata: *“Sente-se irrevogavelmente na armadilha: ia morrer como um bicho —sem vela nem sentinela— e esse pormenor lhe causava uma espécie de decepção”*; Quanto a Filó, o último da fila, este se auto-censura: *“Que tolice ter acreditado que era bastante forte para vencer todos os obstáculos!”*.

O aspecto de decepção do garimpeiro traz em si, também, o sentido da morte como revelação do destino final dos homens do garimpo de morrer em vão. Fugindo das águas, dentro da terra, Joaquim se sente igual a tantos *“outros garimpeiros, que indo à procura de cascalho dentro das grunas, de lá foram retirados como postas de carne”*. A sensação de inutilidade da vida também é sentida por Filó, o único que havia adentrado na gruna que não consegue se salvar: *“O rumor cresce aos seus ouvidos —a água batendo de encontro ao teto, saltando como uma coisa viva, acometendo por dentro da escuridão. Talvez que, no fim das contas, ele nada mais fosse do que um estorvo à passagem da água”*. A morte dentro da gruna transforma o garimpeiro, antes vilão e herói que não se submete às vicissitudes que lhes são impostas pela vida, em homem resignado com o destino funesto

de morrer abandonado dentro da terra, soterrado pelo cascalho que ele manuseou toda a sua existência.

O tema da morte do trabalhador soterrado dentro das minas universalizou-se a partir da publicação do romance *Germinal*, de Emile Zola, na França em 1885. A obra retrata a vida dos operários das minas de carvão da região de Montsou no século XIX e é tida como uma denúncia incontestável contra o capitalismo. Zola quer demonstrar que o sistema capitalista, já no seu nascedouro, rebaixa o trabalhador à condição de animal, apto apenas a produzir as riquezas que serão apropriadas pela burguesia. Os mineiros de Zola, assim como os garimpeiros de H. Sales, são mal remunerados, submetidos a jornadas estafantes e encontram-se expostos diariamente ao perigo no trabalho nas minas subterrâneas em razão da inexistência da mínima proteção à vida e à saúde. Por conta disso são vítimas contumazes dos acidentes fatais, quando não morrem, invariavelmente, de pneumonia e outras moléstias decorrentes do trabalho.

Não obstante as diferenças de contexto que separam *Germinal* dos romances do ciclo chapadista, nota-se que existem semelhanças temáticas entre eles e, em particular, em relação ao romance *Cascalho* no que diz respeito à denúncia das condições de vida dos trabalhadores das minas.

Iguais quanto às condições de trabalho, os mineiros franceses e os garimpeiros das Lavras são, contudo, diferentes quanto ao lugar que ocupam na sociedade. Ao contrário dos garimpeiros sem organização e consciência de classe, os mineiros de Montsou representam o jovem proletariado europeu, já consciente do seu papel na sociedade, com certo nível de organização e disposto a lutar pelos seus interesses. Emile Zola discute no romance toda a problemática vivida pelos trabalhadores da época, narrando uma greve radical e prolongada

que se torna o ponto de convergência de toda insatisfação que estava latente entre os operários, transformando-se, por conta disso, em revolta.

Apesar de forte, a greve acaba pela ação repressiva do exército real, que dizima à bala de fuzil uma multidão de operários e operárias na frente da empresa. A partir deste ponto a narrativa é dirigida para o desfecho da história, que se dá justamente com a inundação da mina Voreux pelas águas de uma chuva torrencial após o ato de sabotagem cometido pelo mineiro anarquista russo Souvarine. A mina desaba, soterrando dezenas de trabalhadores a mais de quinhentos metros de profundidade:

“Começou então uma pavorosa correria. De todas as galerias chegavam magotes de operários desembestados, precipitando-se ao assalto dos elevadores. Esmagavam-se, matavam-se para ser subidos imediatamente. Alguns que haviam tido a idéia de subir pelas escadas, voltaram, gritando que a passagem já estava obstruída. O terror era geral; após a partida de um elevador, ninguém sabia se o seguinte passaria por entre os obstáculos que obstruíam o poço. No alto, a derrocada devia continuar, ouvia-se uma série de detonações surdas; as madeiras que se fendiam, rachavam sob o impacto contínuo e crescente da tempestade. Em breve um elevador ficou fora de serviço, inutilizado, não mais podendo deslizar entre as guias, sem dúvida, partidas. O outro roçava tanto que certamente o cabo ia arrebentar. E ainda havia uma centena de homens para sair, todos estertoravam, agarravam-se, ensangüentados, afogados. Dois foram mortos pela queda

das pranchas; um terceiro, que se pendurara ao elevador, caiu de cinquenta metros de altura e desapareceu no desaguadouro.” (Germinal, p. 479-480)

Há uma preocupação em Herberto Sales e Emile Zola em se referirem às minas como algo dantesco que se põe diante do homem. Em *Cascalho* encontramos esta definição: “*Ali estava a gruna, um rombo dentro da noite, como se fosse a própria serra escancarando a boca num grito impossível*” (C. p.197). Em *Germinal*, após o completo desabamento da Voreux, o narrador vaticina: “*Era o fim, a besta má, acocorada no seu buraco, farta de carne humana, já não mais expelia seu hálito forte e extenso*”. (Germinal p.489).

O romance *Cascalho*, no que pese a identidade temática com seus predecessores do ciclo chapadista, se distinguirá destes do ponto de vista da narrativa sobre o cenário. A natureza, descrita em todas as obras como bela e agreste, em *Cascalho* tem o caráter de desafiar o homem, de colocá-lo à prova. Uma outra diferença diz respeito a inexistência em *Cascalho* de um herói que monopoliza a enunciação do discurso. Nas quatro partes em que o romance é dividido encontraremos uma multiplicidade de personagens que proferem o discurso marcado pela visão de mundo do grupo a que pertence. A multiplicidade de discursos, atenua a presença de um narrador onisciente, que perpassa toda a narrativa, e permite um diálogo em dois planos: o primeiro, entre as diversas linguagens sociais, ideológicas, portanto, destes discursos e o segundo, entre estas linguagens, em conjunto, com a linguagem literária que as representa no romance. Podemos aqui identificar o aspecto híbrido do plurilinguismo que nos fala Bakhtin:

“O modelo de linguagem na arte literária deve ser, de acordo com sua própria essência, um híbrido lingüístico (intencional): devem existir obrigatoriamente duas consciências lingüísticas; aquela que é representada e aquela que representa, pertencente a um sistema de linguagem diferente.”⁶⁵

Não obstante as diferenças estéticas de *Cascalho* em relação aos demais romances que falam da civilização do garimpo da Chapada Diamantina, no seu conjunto estes romances chapadistas do *ciclo baiano*, como denominou Afrânio Coutinho, fazem coro com as obras do romance regionalista nordestino, ao expor a realidade nordestina, agrária, sem desenvolvimento, imersa em graves problemas sociais e dirigida por uma elite conservadora, da qual os coronéis eram a face mais visível. A realidade do Nordeste brasileiro se apresenta, através do romance regionalista nordestino, diante da realidade do sul do país, como uma reivindicação de inclusão do cenário de pobreza e sofrimento do Nordeste no cenário brasileiro. Convém aqui lembrar que uma das características da literatura brasileira a partir do início do século, e sobretudo a partir do modernismo da Semana de 22, era a inclusão de temas e motivos do Brasil moderno. A esse respeito o próprio Herberto Sales dá sua opinião em depoimento sobre *a sua visão ou posição inicial diante dos autores modernistas, do grupo chamado nordestino*:

“A visão, foi, digamos, de uma descoberta. Os autores do grupo nordestino, ou do Romance do Norte, imbuídos de forte espírito de

⁶⁵ BAKHTIN, Mikail. Op. cit. p. 157.

participação, empreenderam uma obra de denúncia social, revelando aos brasileiros um Brasil desconhecido, nos seus dramas, angústias e esperanças. E, não apenas no enfoque dos problemas, em suas conotações regionais de cultura, mas nas preocupações estéticas que os animavam, fundadas na busca de uma expressão literária genuinamente brasileira, promoveram esses autores, sem dúvida, o mais fecundo e importante movimento registrado na história de nossa ficção. Esse movimento, como seria natural, correspondeu a um determinado momento histórico. Muitas obras desses autores, contudo, aí estão, ficaram e ficarão para sempre, no vigor de sua força criadora original. Quanto à minha “posição” em face do movimento, foi de irresistível adesão. Se mais não fiz, foi porque cheguei quase no fim. E a história, de resto, esteja em causa o romance ou estejam em causa os fatos sociais, é matéria dinâmica. A história anda para a frente”⁶⁶

⁶⁶ ALVES, Ívia Iracema. Op. cit. p. 94-95

CAPÍTULO III

CASCALHO E O TERRITÓRIO SOCIAL DO GARIMPO

Esse “Brasil desconhecido”, a que Herberto Sales se refere e que foi revelado pela literatura do romance nordestino, tem no garimpo uma das suas partes mais expressivas, não apenas do ponto de vista geográfico, mas principalmente pelo aspecto humano e social. A civilização do garimpo, descrita no romance *Cascalho*, é formada por grupos sociais distintos, representados na obra por personagens tal qual eles são, sem nenhum idealismo por parte do autor. Há em toda a história narrada por Herberto Sales uma tensão anunciada entre garimpeiros e os excluídos de um lado e os proprietários das minas e seus lugarenses de outro. Entretanto esta tensão nunca se instala, embora, por vezes, pareça que se instalará envolvendo um terceiro grupo formado pelos funcionários médios da frágil estrutura do Estado, que devotam oposição aos coronéis.

Esses grupos, que não chegam a se constituir em classes sociais no seu sentido tradicional, estabelecem uma rede de relações entre si que, não obstante a indefinição quanto à conformação de classes sociais, é marcada pelo viés de classe do ponto de vista ideológico. Esta compreensão, depreendida da narrativa do romance, é válida, inclusive e principalmente, para os garimpeiros, segmento de trabalhadores representado na obra que mais se assemelha à definição do moderno proletariado existente no capitalismo, mas que não se inserem numa relação de produção capitalista. Podemos, então, falar de uma diversidade de grupos sociais compostos de várias profissões e ofícios, nos quais se

incluem os garimpeiros, que se colocam, todos eles, no lugar de dominados por uma determinada classe de proprietários.

A sociedade da civilização do garimpo se encontra ainda nos marcos de relações pré-capitalistas de produção, onde não há uma burguesia típica do capitalismo e nem trabalho assalariado, que caracterizam as relações capitalistas de produção, como afirma Karl Marx: “*Sem ele (trabalho assalariado) não há capital, nem há burguesia, nem sociedade burguesa*”.⁶⁷ Em vez disso há uma classe dirigente composta dos coronéis e outros proprietários das serras, à qual se subordinam os diversos grupos sociais, inclusive os garimpeiros e demais trabalhadores na civilização do garimpo.

Esse proleteriado que vive do trabalho na cidade de Andaraí, do qual os garimpeiros são o segmento mais importante, encontra-se numa fase anterior à constituição de classe social, porque não conseguem unir seus interesses enquanto classe e colocá-los diante da sociedade. É um caso análogo ao de outras populações submetidas a semelhante situação de subalternidade, analisadas por Karl Marx quando ele estuda a participação dos camponeses franceses no curso das lutas políticas na França do século XIX:

“Na medida em que milhões de famílias camponesas vivem em condições econômicas que as separam umas das outras e opõem o seu modo de vida, os seus interesses e sua cultura aos das outras classes da sociedade, estes milhões constituem uma classe. Mas na medida em que existe entre os pequenos camponeses apenas uma ligação local e em que a similitude de

⁶⁷ MARX, Karl. As lutas de classes na França de 1848 a 1850. In: *Karl Marx, Friedrich Engels Obras Escolhidas Volume 1*. Editora Alfa-Omega. São Paulo p. 118.

seus interesses não cria entre eles comunidade alguma, ligação nacional alguma, nem organização política, nessa medida não constituem uma classe”.⁶⁸

A partir dessas observações de Marx podemos concluir que os garimpeiros da civilização do garimpo em si são trabalhadores, mas não conseguem se constituir enquanto classe social, como se constituíram os assalariados dos centros urbanos mais desenvolvidos do país no mesmo período. A inexistência de uma relação de trabalho assalariado não permite a construção de uma consciência coletiva destes trabalhadores sobre o seu papel na sociedade. O que não quer dizer que não tenham consciência da exploração a que são submetidos e contra a qual nada podem fazer, como fica evidente nas conversas ao pé da Pedra do Conselho, lugar de descanso no caminho de volta das serras para Andaraí:

“— O quinto é um roubo...— protestou instintivamente.

— É roubo, mas é a lei — disse calmamente Neco Rompedor — Agora eu lhe pergunto: Qual é o garimpeiro que vai cair na asneira de não se conformar com a lei? As escrituras garantem o chão dos donos de serra, e ninguém pode tirar esse direito que o governo dá a eles.

— Mas o carbonato valia mais — continuou Filó. — Os garimpeiros *deitaram bainha*.⁶⁹

⁶⁸ MARX, Karl. O dezoito brumário de Luis Bonaparte. In: *Karl Marx, Friedrich Engels Obras Escolhidas Volume 1*. Editora Alfa-Omega. São Paulo p. 277.

⁶⁹ *Deitaram bainha*: uma das tantas expressões populares inseridas na obra pelo autor. Significa, no contexto citado, que os garimpeiros se deixaram iludir pelo comerciante.

— É o destino da gente — aparteou Joaquim Boca-de-Virgem — Nós sempre deitamos bainha. Só quem sabe do preço verdadeiro de diamante e carbonato são os *capangueiros*”.⁷⁰ (C. p. 138)

1- CORONÉIS DO DIAMANTE

No topo da pirâmide social do garimpo estão os coronéis das Lavras Diamantinas. Desde os primeiros tempos da exploração de diamante na região, os chefes das principais famílias que para lá se deslocaram, vindas do sertão ou do Recôncavo, se transformaram em espécie de vice-reis, reproduzindo na região o mesmo fenômeno que se deu em todo o sertão brasileiro.

Essas famílias consolidaram seu poder no período do Império e entraram na República velha disputando o controle político da Chapada em diversas guerras particulares. Na maioria das vezes essas guerras entre famílias se transformavam em guerras de cidades. Walfrido Moraes considera que a origem das disputas violentas pelo poder nas Lavras Diamantinas vem desde a chegada dos primeiros exploradores das minas. Aqueles, oriundos do Tejuco, das regiões do Rio São Francisco e das demais localidades dos sertões baianos, denominados *serranos*, alinham-se no Partido Liberal, enquanto que aqueles vindos do Recôncavo baiano e da capital, denominados *baianos*, formam-se no Partido Conservador.

⁷⁰ *Capangueiro*: Comerciante de diamantes, tido como atravessador que compra a pedra pelo menor preço possível, para revendê-la a um preço superior.

O jogo de interesses e a busca de prestígio das oligarquias locais passavam pela indicação de representantes na assembléia e senado provincial, pela disputa da nomeação dos escassos cargos da reduzida máquina administrativa do Estado, como coletor, delegado de polícia, juiz, promotor, incluindo até a indicação de correligionários para postos menos influentes como telegrafistas, fiscais de feira etc. Tudo era motivo de disputas entre os clãs. Por sua vez essas disputas dividiam as comunidades em grupos rivais. As rixas locais se agravavam com as intervenções do governo estadual, cuja sustentação a um determinado clã se expressava sempre no envio de tropas da polícia militar para punir adversários do governo estadual. Por sua vez, a polícia, na sua ação punitiva, pouco se diferenciava dos jagunços. As mudanças constantes de grupos dirigentes no governo estadual alternam o apoio aos grupos locais, acentuando mais ainda a linha ascendente de radicalização das guerras familiares na Chapada.⁷¹

O coronel Germano torna-se todo-poderoso de Andaraí ao comandar duzentos homens e alijar a tiros seus adversários eleitorais “*assumindo a chefia do município com amplas garantias do governo, cuja política, em relação ao interior, era baseada na lei do mais forte*” (C.p.39). Ele consolida seu prestígio após apoiar o coronel Felisberto contra o coronel Heliodoro na Guerra do Coxó.⁷² Cada refrega militar aumentava o poder do coronel vencedor sobre os seus pares e sobre o conjunto da sociedade. Desta forma, assim como Andaraí pertencia ao coronel Germano, diversas outras cidades da Chapada Diamantina, no início do século XX, pertenciam a um determinado coronel, que executava as funções do

⁷¹ MORAES, Walfrido. Op. cit. p. 41-43.

⁷² O conflito “Guerra do Coxó” é descrito por Walfrido Moraes como violenta disputa armada, na qual o coronel Feliberto Augusto de Sá, com o apoio do governador Luís Viana, aniquilou o poder político do coronel Heliódório de Paula Ribeiro nas Lavras Diamantinas. Derrotado, este último abandona a região, passando a viver em Queimadinhos, e entregando a administração das suas posses aos cuidados de Horácio de Matos, que viria a se tornar coronel mais tarde e reinar absoluto na Chapada Diamantina até ser assassinado em Salvador.

Estado de acordo as conveniências e encarnava em si o poder econômico, jurídico, político e militar.

O coronel Germano dá uma demonstração deste poder quando da sua Fazenda São Pedro dirige a cidade de Andaraí, como se fosse uma entidade onipresente, interferindo diretamente na vida da comunidade, nas falas e atitudes dos moradores, sem sequer visitar a sede do município, mesmo nas datas mais importantes. Ele é também uma entidade onisciente, que na solidão da sua Fazenda, passa a ser sabedor de todos os fatos ocorridos na região. Ao mesmo tempo ele é o comerciante de diamantes, chefe político, juiz da guerra e juiz de paz, um líder incontestado em todas as situações:

“Agora já não eram as costumeiras visitas de gente que vinha solicitar favores, tecer intrigas ou apresentar queixas — pedir providências contra algum sujeito que havia deflorado uma moça e não queria casar, contra um vizinho que derrubara a cerca de outro, ou contra alguém que cometera desmandos na serra, desviando água dos regos ou quebrando corridas de revólver na mão: essas questões eram sempre mais comuns. Mas agora — não: mudara o ambiente da São Pedro, e o chefe era procurado por gente ativamente interessada em tratar de negócios.” (C.181-182)

Onipresente, onisciente e onipotente, a figura do coronel Germano se apresenta como entidade capaz de julgar e sentenciar fatos e pessoas da cidade, decretando as formas de distribuir justiça. Quando o árabe Mansur aplica o golpe da falsificação dos carbonatos e

foge com destino ignorado, o coronel possesso acusa o irmão, Major Quelezinho, de não ter se apercebido que o comerciante era “ladrão”:

“— Por que não mandou passar fogo naquele ladrão, eh?

Quelezinho interrompeu-o timidamente:

— Eu não podia adivinhar...

— Devia ter adivinhado! — retrucou o coronel.” (C.186)

O mito de todo-poderoso vice-rei do garimpo é auto-sustentado pelo próprio coronel Germano, que tem ciência não só da necessidade da manutenção do seu poder como também de torná-lo de domínio público. Tanto é assim que todos já prevêm que tipo de sentença ele dará para cada caso. Silvério, por exemplo, nem precisa se avistar com o coronel para saber que tipo de atitude ele terá no seu caso. O garimpeiro após ser agredido na serra por Zé de Peixoto, é aconselhado por Alípio a buscar ajuda do coronel para se vingar, mas desiste ao ser avisado sobre a sua forma de praticar justiça:

“— Bem, quer dizer que você não está disposto a matar ele, não é?

— Eu já disse ao senhor que eu tenho quatro filhos pra criar, Seu Alípio.

— Então não adianta dar queixa ao coronel.

— Por que?

Alípio acendeu o cigarro no candeeiro e sentou-se de novo na cadeira.

— Não adianta porque o coronel tem a sua maneira de fazer justiça — disse — Cuspiu de lado e continuou: — você conhece José Alves?

— Aquele branco, que tem uma verruga na orelha?

— Isso mesmo — confirmou Alípio. — Pois bem. O caso de José Alves pode servir de exemplo. A semana passada, tiraram uma filha dele de casa, e ele foi se queixar ao coronel na São Pedro. Sabe o que o coronel disse a ele? Perguntou: “Você não tem arma não?” José Alves respondeu que não tinha. Então o coronel disse: “Pois tome esta repetição, mas me devolva, ouviu? E dê um tiro na cara de quem descabou sua filha”. (C. p. 89)

As conquistas militares, as façanhas pessoais, a presumível riqueza demonstrada pela ostentação e o poder de fazer justiça pelas próprias mão foram multiplicadas pela oralidade, pela literatura de cordel, criando um imaginário em torno dos coronéis da Chapada Diamantina, que predominou, do ponto de vista histórico, até a Revolução de Trinta, que pôs fim ao coronelismo do sertão brasileiro enquanto forma de organização política e social. Esse movimento revolucionário, comandado pelas elites urbanas do país, encerrou o ciclo da República Velha. O novo regime pôs fim à “política dos governadores”, que consistia na aliança das classes dirigentes urbanas, à frente do Estado, com os chefes políticos locais e tomou outras iniciativas que minavam o poder dos coronéis, entre essas iniciativas estava o desarmamento das oligarquias rurais. A nova elite guindada ao poder central do país demonstrava estar interessada em promover mudanças de cunho econômico e democrático, que se antagonizavam com o poder representado pelos coronéis, como afirma Anita Prestes:

“A *política dos governadores* nada mais seria do que a institucionalização do *compromisso coronelístico*. Sua essência consistia, de um lado, no apoio incondicional de parte dos chefes locais aos candidatos do oficialismo nas eleições estaduais e federais e, “da parte da situação estadual, carta branca ao chefe político local governista (de preferência o líder da fração local majoritária) em todos os assuntos relativos ao município, inclusive nomeação de funcionários estaduais no lugar”. Dessa forma, o poder central garantia sua maioria no Congresso Nacional e os “coronéis” tinham asseguradas não apenas a continuidade do seu poderio local, como também da estrutura agrária vigente e dos seus interesses a nível nacional através dos seus representantes no parlamento e do “compromisso” estabelecido com o Governo Federal”.⁷³

A engrenagem de poder diagnosticada por Anita Prestes é narrada por Herberto Sales como se fosse uma rede de sustentação construída em torno do coronel Germano que, a partir dela, exerce o seu poder em Andaraí e se relaciona com o governo estadual.

1.1 - REDE DE SUSTENTAÇÃO

Quando o velho Justino adentra o povoado da Passagem em direção à casa do coronel Germano, segurando “*a candeia de azeite que o vento ameaçava apagar*”, à frente de um grupo de garimpeiros açoitados pelo vendaval, que vitimara um deles nas minas, bem que poderia ser um líder proletário à frente de uma revolta de trabalhadores. Eles poderiam

⁷³ PRESTES, Anita L. Op. cit.. p. 332.

estar marchando enfurecidos contra a exploração do patrão, que os humilha, persegue e, não raro, os leva à morte. Não obstante a indignação transmitida pela cena descrita no início do romance *Cascalho*, o velho Justino é apenas um mensageiro do infortúnio. Longe de ser o líder de uma manifestação de protesto, porta-voz da revolta, ele é tão somente o feitor das minas, a dar explicações ao patrão acerca dos prejuízos causados pelo temporal.

Com a figura recortada pela luz do “candeeiro-placa”, contrastando com a luz da “candeia de azeite” dos trabalhadores, o coronel Germano permanece impávido:

“Recebeu a notícia com a maior naturalidade: é que, à força de ali se repetirem, os acidentes acabavam por tirar à morte qualquer sentido de surpresa. O mesmo não se deu, entretanto, ao atentar ao sombrio quadro constituído pela garimpeirada esbatida à luz bruxuleante das candeias; ao fazê-lo, teve um estremecimento. Porque sentiu de repente, em face daquela massa de trabalhadores destroçados, a evidência de seu próprio infortúnio. Fez então um movimento brusco e ordenou sumariamente ao velho Justino:

— Despache estes homens agora mesmo.

Depois voltou as costas. E bateu a porta com força. Eliminava assim a presença exacerbadora daquela multidão arruinada.” (C. p.11)

Ocupando posição igual a do velho Justino vamos encontrar outros personagens, através dos quais o coronel Germano exerce o poder diretamente sobre os garimpeiros. João

Vaqueiro, veterano da guerra do Coxó, “*cabra retinto e dobrado*”, era o capataz da fazenda São Pedro, onde o coronel passava uma parte do tempo em que não estava no garimpo. Dada a sua fama de valentia, gozava da simpatia dos homens do lugar, contudo ele não nutria a mesma simpatia por Zé de Peixoto, chefe do barracão do coronel. Para ele o coronel estava *rezado* para confiar tanto em Zé de Peixoto. Sem razão aparente para a antipatia, João Vaqueiro “*sabia que o negro não prestava, que ainda ia acabar fazendo sujeira*”.

Na esfera policial os próprios chefes políticos, major Quelezinho e coronel Germano, se colocam no topo da hierarquia militar por conta das patentes a eles concedidas pelo governo, como uma decorrência das posses econômicas da família e como forma de conferir autoridade a esses aliados ou recompensa-los por serviços prestados. A propósito da questão, Lycurgo Santos Filho nos fala desta prática, herdada do império e mantida pela República Velha:

“Não houve grão-senhor das cidades, ou dos sertões, que não obtivesse o oficialato da Guarda Nacional. O título de “Coronel” passou a ser encarado como sinônimo de fazendeiro ou de ricoço. Assim foi no império e assim foi na República proclamada em 1889 e derrubada em 1930.”⁷⁴

A organização militar da civilização do garimpo se assemelha mais a um sistema repressivo paramilitar que uma força policial regular. Nesse sistema o delegado Esquivel é

⁷⁴ FILHO, Lycurgo Santos. Uma comunidade rural do Brasil antigo (aspectos da vida patriarcal no sertão da Bahia nos séculos XVIII e XIX). Companhia Editora Nacional. São Paulo, 1956, p. 143.

um misto de autoridade e chefe de jagunços. Agindo por conta própria, sem, contudo, contrariar os interesses da elite local, ou agindo expressamente sob ordens dos poderosos locais, ele executa as funções de perseguir, prender ou assassinar os desafetos dos coronéis. O delegado Esquivel recruta Adalberto Boca Torta, Correntão e Zeferino 22, “jagunços que o auxiliavam nas batidas policiais”, e também Miguel Tapera, Rato Branco, Alfredo Tiborna, Otacílio de Marianinha e Manuel Cinco-Horas, para executar Zé de Peixoto, chefe do barracão, que havia desafiado o coronel Germano.

Em círculos concêntricos o poder do coronel Germano se reproduz na intelectualidade local, no simulacro das instituições existentes, na hierarquia religiosa e nas relações comerciais do lugar. Dessa forma o fiscal Juventino Joga-Bunda, o coletor Barroso e seu Teotônio, secretário do Conselho da Intendência, funcionam como autoridades responsáveis pelo fisco que extorquia os patizeiros, bruaqueiros e pequenos comerciantes. O serviço dos correios, instalado na loja “A Barateira”, dava ao proprietário Benigno Carregosa, o direito de explorá-lo e manipulá-lo em benefício do grupo dominante. Na esfera judicial o juiz da Comarca, Dr. Canuto Rufino, funciona como instância legitimadora das injustiças e dos crimes cometidos, enquanto que o jornal da cidade, o hebdomadário “A Evolução”, de cunho claramente laudatório expressa a versão das elites locais. Toda esta rede de sustentação do poder local na civilização do garimpo é dirigida a partir de um centro articulado pela intelectualidade representada pelo Dr. Marcolino, médico, presidente do Conselho da Intendência, que se imiscuíra nos meandros do poder local por conta da sua instrução escolar. A baixa escolaridade do coronel fez com que ele solicitasse os serviços do médico para ajudar a responder um telegrama do governador após uma disputas com adversários políticos na cidade:

“Daí por diante, insinuando-se gradativamente na amizade do novo chefe político, logo formou, somando sua astúcia à capacidade de ação do outro, o organismo mandante do município. E em Andaraí podia acontecer de tudo —menos uma coisa: pisar um médico para fazer concorrência ao Dr. Marcolino da Silva Prata”. (C.39-40)

A “rede de sustentação” do poder integrada por feitores, guarda-costas, jagunços, juiz, coletor de impostos, intendente, médico, delegado de polícia, comerciantes e por instituições como o jornal “A Evolução”, o poder judiciário e a igreja, serve para reproduzir na política e na ideologia o poder econômico existente na civilização do garimpo baseado na propriedade da terra e na exploração dos trabalhadores em regime de semi-servidão. O poder emanado desta estrutura, e reproduzido pela “rede”, é o poder autoritário, concentrado nas mãos do coronel Germano.

Em âmbito local esta “rede de sustentação” ocuparia o lugar dos aparelhos de Estado, definidos por Louis Althusser:

“O Estado é, antes de mais nada, o que os clássicos do marxismo chamaram de *aparelho de Estado*. Este termo compreende: não somente o aparelho especializado (no sentido estrito), cuja existência e necessidade reconhecemos pelas exigências da prática jurídica, a saber: a política —os tribunais — e as prisões; mas também o exército, que intervém

diretamente como força repressiva de apoio em última instância (o proletariado pagou com seu sangue esta experiência) quando a polícia e seus órgãos auxiliares são “ultrapassados pelos acontecimentos”, e, acima deste conjunto, o Chefe de Estado, o Governo e a Administração”.⁷⁵

Louis Althusser, ao falar do Estado, leva em conta uma definição geral de sociedade e não uma determinada comunidade em particular, daí não se pode dizer, pelos pressupostos marxistas, de que civilização do garimpo constituía um Estado à parte ou dentro do Estado brasileiro. O que existia no garimpo era uma forma diferente de poder, extremamente centralizado, que agia em consonância e em sustentação ao poder central do país, que naquele momento buscava modernizar o Estado capitalista brasileiro, mas que, paradoxalmente, convivia com estas formas atrasadas de poder no interior do país.

O romance *Cascalho* mostra que jagunços, pistoleiros, delegado e a própria polícia, são o aparelho repressivo da civilização do garimpo, responsáveis pela imposição violenta do poder sobre os grupos subalternos ou sobre aqueles que venham a lhes fazer oposição de alguma forma. Este é o caso do assassinato de Zé de Peixoto, decidido numa reunião entre O Major Quelezinho, o presidente do Conselho Dr. Marcolino e o delegado Esquivel: “— *Mas como é que vocês permitem um moleque da marca de Zé de Peixoto desrespeitar Germano, Seu Marcolino?*” (C. p. 91) Depois da inquirição raivosa, o Major Quelezinho se junta ao médico e ao delegado para tramar a morte do jagunço. Após a conclusão dos

⁷⁵ ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos de Estado: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado*. Trads. Walter José Evangelista e Maria Laura viveiros de Castro. 3ª Edição. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1987. p.62-63.

planos, Esquivel se despede: “—*A coisa vai sair melhor do que o senhor pensa. Pode deixar comigo, que antes das nove horas o negro já é defunto*”. (C. p. 93)

Por sua vez o jornal “A Evolução”, a religião católica, o poder judiciário, a estrutura familiar e determinados profissionais —médico, farmacêutico, comerciantes etc— ocupam o lugar de aparelhos ideológicos, responsáveis por ocultar as contradições e antagonismos da civilização do garimpo. A ideologia dominante no garimpo faz com que as relações sociais, e políticas sejam “*uma representação da relação imaginária dos indivíduos com suas condições reais de existência*”.⁷⁶

O poder, na civilização do garimpo, personificado pelo coronel Germano, exercido através da repressão ou através da ideologia, se apóia numa “rede de sustentação”, formada por meio da coerção. Todos os personagens e instâncias integrantes desta “rede” são, antes de tudo, partidários incondicionais do coronel. A condição de apoiador do coronel significa, por outro lado, deter, de alguma forma, parcela de poder, que será sempre utilizada para fortalecer a oligarquia local. Todavia há um incipiente descontentamento contra as imposições dos irmãos Quelezinho e Germano, cujas manifestações analisaremos a seguir.

1.2 - PODER CONTRA PODER

Naquele mundo sem lei, a chegada de um promotor de justiça, cuja indicação não tivera a aquiescência do clã dominante, gera um impasse entre o poder de fato, exercido pelo Coronel Germano e seu irmão Major Quelezinho, e o poder do Estado, do qual o

⁷⁶ Louis Althusser trata da ideologia como *uma representação da relação imaginária dos indivíduos com suas condições reais de existência* a partir da compreensão de que a ideologia tem uma função geral de manter a *coesão* da sociedade e uma função específica de manter a *dominação de uma classe* em uma determinada sociedade.

promotor estava investido. A existência deste segundo poder, vindo de fora, instala uma crise na civilização do garimpo cujo desfecho faz parte da tensão da narrativa do romance.

O recém-formado promotor Oscar do Soure assume, a contragosto, a nomeação de promotor de Andaraí. Antes mesmo de chegar à cidade, ele já considerava a sua indicação, para aquela comarca como se fosse provisória. Razão pela qual adquirira, desde o início, a idéia fixa de transferência para outra comarca mais “civilizada”. Alertado sobre os possíveis sobressaltos que a função lhe traria nos confins da Chapada, adota postura de distanciamento do grupo dominante:

“Nenhum entusiasmo sentia pela nomeação em si mesma. De qualquer modo, porém, recusou-se a entrar em contato com Quelezinho, então em Salvador, conforme o tinha aconselhado um colega. Achou de bom aviso pôr-se em guarda, evitando favores de políticos da comarca, e com isso os decorrentes compromissos de ordem particular, estranhos às suas atividades profissionais. Estas podiam ser perturbadas por aquelas, e ainda que sua estada fosse por pouco tempo, coisa de emergência, de acordo com o que pensava, colocava acima de tudo sua independência”. (C.103)

A transferência de comarca, mais que um sonho, tornara-se uma obsessão para ele. Sonho que pouco depois se tornaria uma grande frustração. Somente após a sua chegada à cidade ele se apercebeu que a permuta, por conta da “má fama da comarca lavrista”,

somente seria possível mediante “boa compensação em dinheiro”, o que ele não cogitara e, de qualquer sorte, estava muito acima das suas posses.

Rapidamente o seu desejo de independência se transforma em sentimento de rejeição à forma como o poder é exercido na cidade. Era inaceitável, para ele, a imposição da vontade do coronel através do completo desrespeito às normas do direito e à revelia das leis do país. Sem muito esforço, o promotor também se dá conta da hipocrisia reinante na sociedade local, que fazia da subserviência e da bajulação, expedientes para granjear a simpatia dos poderosos locais. A literatura ornamental do jornal “A Evolução” também lhe causava asco, assim como a cumplicidade de todos. Em gestos e atitudes de distanciamento e menosprezo, mais que em atos, o promotor demonstra a sua aversão aos desmandos praticados na cidade e deixa evidente a sua discordância para com juiz Dr. Rufino Canuto, um bucólico criador de canários, demasiadamente complacente com os autores das arbitrariedades e desmandos.

Assim, o promotor passa a viver recluso em sua residência, dividindo o sobrado com a cozinheira Ifigênia. Entediado, seu contato com a vida da cidade se dá por meio das conversas com o escrivão Pimentel:

“Não tardou, porém, e um homem amarelo, de óculos, sem dentes, sempre com a barba por fazer e vestindo horrenda roupa cáqui, passou a freqüentar regularmente o sobrado, fazendo-lhe companhia. Era o escrivão Pimentel, a quem ele achara intragável no primeiro momento, para, no fim de algum tempo, olha-lo com indulgente simpatia”. (C.105)

À medida que conhecia as personalidades locais ele as “englobava num só indivíduo e numa mesma onda de surda e irremediável antipatia”. Assim, devotando gratuita antipatia a todos, o promotor conhece o telegrafista Nascimento, este também um recluso:

“—Quem sabe da vida de Nascimento? —dissera-lhe o escrivão Pimentel. Ele vive metido em casa com a mulher e os filhos, passando às vezes um ano inteiro sem sair”. (C.106)

O ponto de vista crítico comum diante da realidade, provoca forte amizade entre o promotor e o telegrafista: “parecia se darem desde muito tempo”, concluiu o Dr. Oscar. Mas é Nascimento que vai formando a opinião do amigo, distribuindo julgamento acerca de todos:

“Pimentel, escrivão: um pobre desgraçado; Valadão, editor do “A Evolução”: uma cavalgadura; o coletor Barroso: um rato; o juiz Canuto: um poltrão; o capangueiro Teotônio, secretário da Intendência: um crápula de pai e mãe; Carvalhal, farmacêutico: um escrotalhão; o tabelião Romualdo: pederasta; o árabe Mansur: gringo porco e ladrão; Dr. Marcolino, médico: pau d’água reles”.(C.106-107)

Dr. Oscar do Soure e o telegrafista Nascimento, exercendo funções triviais na comunidade, colocavam-se no centro da contestação ao tipo de poder que prevalecia em

Andaraí. Muito embora, como já foi dito, não se constituíssem em partido adversário do coronel Germano, eram presenças incômodas, por ser detentores do discurso de denúncia que contrastava com a ideologia dominante. Na civilização do garimpo, vez por outra, personalidades ocupando funções idênticas ao de Dr. Oscar e de Nascimento colocavam-se no centro das disputas de clãs chapadistas.⁷⁷

Pela narrativa, o leitor se põe em contato com estes personagens transformados em sujeitos históricos, contextualizados, que se tornam, pela fala, *bem mais completos que as pessoas reais*, como afirma Anatol Rosenfeld em *Literatura e Personagem*, em função da onisciência ficcional. Rosenfeld cita o caso de Homero, que narrava os fatos de tal forma que eles pareciam mais completos que o real:

“Homero, em vez de descrever o traje de Agamenon, narra como o rei se veste, e em vez de descrever o seu cetro, narra-lhe a história desde o momento em que Vulcano o fez. Assim, o leitor participa dos eventos em vez de se perder numa descrição fria que nunca lhe dará a imagem da coisa.”⁷⁸

Pela narrativa o leitor participa do debate filosófico entre o promotor e o telegrafista através dos discursos dos personagens. Nesta oportunidade Herberto Sales coloca diante do leitor os contrastes entre as idéias iluministas do Dr. Oscar e as idéias reacionárias de

⁷⁷ Walfredo Moraes relata em *Jaguços e heróis: a civilização do diamante nas Lavras da Bahia* a participação direta do telegrafista Arlindo Tinoco e do juiz de direito de Lençóis nas disputas políticas da cidade, tomando partido contra o coronel Horácio de Matos. Entre outros expedientes eles falsificam mensagens, protelam medidas judiciais, criam obstáculos diversos aos adversários.

cunho liberal de Nascimento. Aqui o autor é o “narrador fictício” do qual fala Anatol Rosenfeld:

“Na ficção narrativa desaparece o enunciador real. Constitui-se um narrador fictício que passa a fazer parte do mundo narrado, identificando-se por vezes (ou sempre) com uma ou outra das personagens, ou tornando-se onisciente etc”.⁷⁹

A partir da constatação da existência de um meio social degradante o promotor acredita elevar o homem à condição de cidadão através da afirmação da justiça na defesa dos garimpeiros escravizados e da disseminação do conhecimento, enquanto que para o telegrafista o homem é irremediavelmente um ser sem possibilidade de, por si só, galgar a condição de cidadão, sendo necessário, para tal, a existência de um regime que imponha a ordem e o respeito:

“—Você não me compreende Oscar... — disse. Sentou-se e acrescentou: — Eu sou contra os ricos, mas isso não quer dizer que eu tome o partido dos pobres. Para mim, uns e outros são iguais. Que é um homem rico senão um homem pobre com dinheiro?

O promotor coçou a cabeça.

⁷⁸ ROSENFELD, Anatol. Literatura e personagem. In: *A personagem de ficção*. 4ª edição. Coleção Debates. Editora Perspectiva. São Paulo. 1974. p. 28

⁷⁹ Idem. p. 26.

— Ora Nascimento! Exclamou — Não sei... Você me sai com cada uma, que fico arrasado.

— É o que eu estou lhe dizendo — insistiu o telegrafista.

À luz do candeeiro, sua fisionomia apresentava uma tranqüilidade que evidentemente contrastava com o ímpeto das suas palavras. De repente, contraindo a mão sobre a mesa, disse, num tom ao qual não se podia negar sinceridade:

— Seu Oscar, eu não acredito no gênero humano. Está compreendendo? Já não sei separar os homens dos canalhas.” (C.108)

Sem espaço para expor suas opiniões na cidade de Andaraí, o promotor se dedica a fazer longas denúncias epistolares a colegas e parentes na capital, sem nenhuma consequência prática. Enquanto isso ele dá continuidade ao hábito de longos saraus filosóficos com o telegrafista e acalenta a idéia de elucidar o caso da morte do jagunço Zé de Peixoto, sabidamente assassinado pela Polícia, a mando do coronel Germano. O Dr. Oscar tenta em vão convencer ao juiz, Dr. Canuto, a mandar o delegado abrir inquérito sobre o caso, mas para o juiz a morte do jagunço era perfeitamente justificável, explicitando seu ponto de vista:

“— Admito, já lhe disse. É lamentável, mas infelizmente a Polícia tem que agir assim, porque a Justiça nada pode fazer para reprimir os arruaceiros que põem em sobressalto Andaraí. Com essa gente, na verdade, é necessário usar-se da violência, sob pena de não se poder mais viver aqui.

Para refrear o banditismo, a Polícia tem que fazer esse expurgo... Eliminar os elementos nocivos. A bem da economia, da tranqüilidade e do próprio desenvolvimento da região — concluiu, imprimindo um tom convicto às suas últimas palavras”.(C.116)

Sem outra alternativa, o promotor volta às suas denúncias epistolares, até ter uma carta de sua autoria destinada ao seu procurador na capital, interceptada pelo Dr. Marcolino na loja de Carregosa, por sinal uma das mais virulentas na denúncia do grupo dominante em Andaraí. A carta põe fim à estadia do Dr. Oscar do Soure na cidade. Quelezinho, possesso com a intromissão do promotor em se meter “com o que não é da conta”, solicitará imediatamente junto ao secretário do Interior a sua remoção da comarca, não sem antes autorizar o *mineiro-pau*⁸⁰ contra o promotor no intuito de desmoralizá-lo: “Já que ele quis nos esculhambar, que fique esculhambado ele” vaticina o Major Quelezinho.

No meio da noite do mesmo dia uma malta de homens capitaneada pelo Delegado Esquivel, acompanhados de uma algazarra de instrumentos musicais, percorreriam as ruas de Andaraí de maneira barulhenta e ameaçadora dirigindo-se à casa do Dr. Oscar do Soure com a determinação de defenestrá-lo ou mesmo matá-lo

“*Seu Dr. Oscar do Soure!*”

⁸⁰ “O *Mineiro-pau*, nas Lavras, era usado como demonstração de despreço. Os elementos que subiram do litoral (*no início do povoamento da Chapada*) o cantavam no sentido depreciativo contra os que vieram de Minas Gerais. Depois o *Mineiro-pau* passou a ter uma generalização maior. Com o seu estribilho poderiam ser cantados — e o eram — ajustados às conveniências do momento e em relação às pessoas atingidas, os versos mais terríveis, improvisados pelos poetas de pornéia” Walfrido Moraes: *Jagunços e heróis, a civilização do diamante nas lavras da Bahia*. P.126-127.

Mineiro, pau! Mineiro, pau!

Burro assim nunca se viu!

Mineiro, pau! Mineiro, pau!

Promotor filho da puta!

Mineiro, pau! Mineiro, pau!

Vá pra puta que pariu!

Mineiro, pau! Mineiro, pau! ” (C.177-178)

Salvo do perigo iminente pelo telegrafista Nascimento o promotor foge de maneira desabalada de Andaraí e, desta forma, o impasse é resolvido, mais uma vez, como de costume na civilização do garimpo, pela predominância da lei do mais forte. Após o episódio do *mineiro-pau* Nascimento é também transferido da cidade.

1.3 - O PODER CONTRA SI MESMO

Zé de Peixoto, de índole violenta desde criança, cujo pai havia sido “um negro valente — o mais valente e afamado jagunço do Cel. Joca de Carvalho”, cai nas graças do coronel Germano devido à coragem e a sanha assassina, demonstradas nas escaramuças em que participou na Chapada sob o comando do coronel. Estes atributos fizeram com que ele fosse guindado ao posto de gerente do barracão, função que exigia a mesma crueldade e frieza demonstradas nos campos de batalha. Ter capacidade de incutir medo nos

garimpeiros era essencial para que o responsável pelo barracão pudesse extorqui-los sem reação.

Herberto Sales retoma aqui a temática do jaguncismo do romance nordestino, retratando o jagunço como produto do meio social. Contudo, Zé de Peixoto não é o camponês expropriado das suas terras pelos coronéis, submetido à opressão extrema, que, revoltado, se transforma em jagunço e se entrega ao cangaço, como afirma Rui Facó

Se a terra é para ele inacessível, ou quando possui uma nesga de chão vê-se atanzado pelo domínio do latifúndio oceânico, devorador de todas as suas energias, monopolizador de todos os privilégios, ditador das piores torpezas, que fazer, senão revoltar-se? Pega em armas, sem objetivos claros, sem rumos certos, apenas para sobreviver no meio que é o seu.⁸¹

Ora, Zé de Peixoto é exatamente o contrário. Ele é o jagunço que não tem a consciência da estrutura social e política da qual é vítima. Por conta dessa alienação do espaço em que vive, ele se coloca a serviço da arcaica estrutura que o produziu, sendo o braço armado do coronel Germano, a quem o jagunço chama de “padrinho”, denominação que numa escala de valores afetivos é mais que seu “protetor”. Herberto Sales, através da personagem de Zé de Peixoto, traz para a literatura um tipo de jagunço diferente daquele que está presente na literatura nordestina. O romance regionalista do nordeste retrata o jagunço como o homem que se insubordina contra o latifúndio, forma um bando de cangaceiros ou adere a ele e transforma essa revolta numa epopéia de violências e

crueldades contra a população, indiscriminadamente. Entre tantos outros temos o exemplo de *Seara Vermelha*, de Jorge Amado, que ficcionaliza as peripécias do bando de Lucas Arvoredo e seu braço direito, Zé Trevoada:

“Entraram na cidade dando tiros para o ar. As ruas estavam desertas, os homens armados, reunidos pelo Prefeito e pelo Pretor, haviam sumido como por encanto. Em realidade eles não acreditavam muito na vinda de Lucas, pensavam que o cangaceiro, após o tiroteio, houvesse tomado outro rumo. Os soldados que restavam resistiram um pouco. Uns dois conseguiram fugir, os outros foram logo mortos. Mesmo os três que se renderam. Para não gastar munição (não tinham de sobra) Lucas mandou que os matassem a punhal. Ficaram estirados na rua, o sangue correndo das feridas. Cortaram a língua de Cândido, arrancaram-lhe os olhos. Há muito que Lucas o procurava”.(Seara Vermelha, p.199)⁸²

As mortes, os combates contra a polícia, a justiça pelas próprias mãos, os saques, as humilhações públicas de autoridades, descritas por Jorge Amado, constroem em torno do jagunço uma aura de bandoleiro e justiceiro que permite ao romancista adotar, através desta personagem, uma perspectiva de denúncia social através da literatura. O autor deseja demonstrar que, mesmo naquela sociedade extremamente fechada e desigual, existe alguma forma de resistência, como assinala Rui Facó:

⁸¹ FACÓ, Rui. Cangaceiros e fanáticos. 9ª Edição. Editora Bertrand. Rio de Janeiro. 1991. p.38.

⁸² AMADO, Jorge. Seara vermelha. 46ª Edição. Editora Record. Rio de Janeiro. 1987. p. 199.

“Naquela sociedade primitiva, com aspectos quase medievais, semibárbaros, em que o poder do grande proprietário era incontrastável, até mesmo uma forma de rebelião primária, como era o cangaceirismo, representava um passo à frente para a emancipação dos pobres do campo. Constituía um exemplo de insubmissão. Era um estímulo às lutas”.⁸³

Pois bem, Zé de Peixoto, sendo este “jagunço diferente”, a serviço do proprietário das terras e das minas, só alça o lugar de herói quando, inconscientemente, ele se insubordina contra o coronel Germano, desafiando, com sua valentia, o poder supremo do chefe, num episódio que coloca fim à sua vida de “protegido do coronel”. Certo dia, num ato inusitado, provocado pela embriaguez, Zé de Peixoto contraria o poder do Cel. Germano, ao promover um tiroteio no povoado de Passagem, durante a estadia deste no garimpo:

“E não tardou, e todos viram sair de dentro das trevas, alumiado pela luz das poucas candeias acesas, o negro Zé de Peixoto. Vinha jogando cabriolas, com uma repetição na mão, e gritava como louco:

— Cadê um homem de coragem? Eu hoje estou com vontade de fazer um fecha!

O velho Justino sacou rapidamente a fogo-central, pondo-se em guarda.

— Entregue a arma Peixoto! — advertiu-o com um grito.

Os garimpeiros recuaram.

— Que é que você quer Justino? Respondeu o jagunço. — Vá escovar urubu na praia. Hoje eu não estou respeitando nem meu padrinho!

Cel. Germano sentiu o sangue subir-lhe a cabeça. Zé de Peixoto tratava-o por “meu padrinho”. Vendo-se desrespeitado por um jagunço, coisa que pela primeira lhe acontecia, perdeu as estribeiras. Afastou os garimpeiros que o cercavam — e avançou num ímpeto de coragem para o negro”. (C p.21-22)

Impondo-se pela coragem, o coronel Germano desarma o jagunço. O episódio fortalece o mito da coragem desmedida tanto do coronel, o único entre mais de sessenta homens que teve coragem de enfrentar Zé de Peixoto e deste, que também foi o único a desafiar o coronel até então. O incidente, entretanto, só havia sido superado aparentemente. Todos sabiam que a sorte do jagunço estava decidida. João Vaqueiro havia recebido a ordem diretamente do coronel: — *Quando ele aparecer lá na fazenda, você pode fazer o serviço...*

Somou-se à atitude de desacato, a repercussão desmedida do incidente através das conversas e causos dos garimpeiros, que expunha algum tipo de fragilidade no poder do clã local, e os desejos do jagunço em se estabelecer no garimpo sem prestar contas aos poderosos do lugar. Após o episódio da Passagem Zé de Peixoto busca minimizar o incidente e aparentar disposição de mudar de vida, dedicando-se ao trabalho no garimpo. No entanto, todos sabem que a nova atitude por ele demonstrada não passa de uma

⁸³ FACÓ, Rui. Op. cit. p 46.

simulação e estes fatos somados decretaram, de uma vez por todas, a sentença de morte de Zé de Peixoto, planejada pelo Dr. Marcolino e executada pelo delegado Esquivel.

O fim de Zé de Peixoto não instaura em torno de si a aura de “herói benfeitor” e justiceiro, que caracteriza o jaguncismo no sertão, mas a sua morte o transforma em herói, a quem as proezas de valentia são relatadas como atos de heroísmo jamais vistos:

“Sua crônica foi evocada, seus feitos no Coxó lembrados, e também suas arruaças, e não mais se falou de outra coisa naquela noite, em todos os grupos, em todas as casas... a cidade foi sua naquela noite”. (C. p.102)

2 - REDE DE CONTESTAÇÃO

Não obstante o coronel Germano ter derrotado os adversários “a tiros de fuzil”, como mandam os costumes da civilização do garimpo, e reinar absoluto em Andaraí, o discurso da contestação está presente na narrativa de Herberto Sales através de vários personagens. Entretanto, essa oposição não está situada no plano das divergências eleitorais ou dos interesses familiares, como historicamente ocorreu nas lavras diamantinas. O conflito se situa no plano mais ideológico que propriamente no âmbito da disputa político-eleitoral, portanto sem repercussões visíveis que contrariem os interesses dos poderosos. Mas isso pouco importa. As divergências, mesmo no plano das idéias, não são toleradas.

O conflito então se instala mais nos personagens que na sociedade. Diante da impossibilidade de compatibilizar os desejos de liberdade, riqueza e poder com o ambiente social injusto e demasiadamente manipulado pelas castas dominantes, estas personagens passam a viver uma crise. Em alguns ela tem caráter meramente subjetivo e em outros ela se transforma em uma impossibilidade objetiva de convivência no ambiente do garimpo. Tanto num caso como em outro esta crise os torna estranhos na civilização do garimpo.

Dr. Oscar do Soure e o telegrafista Nascimento, juntos com o retirante Silvério e o jagunço Zé de Peixoto, compõem um mosaico de personagens pelo qual o autor constrói uma estratégia discursiva de denúncia da situação social e política da civilização do garimpo. Eles são personagens presentes na vida real do garimpo —promotor, telegrafista, garimpeiro, jagunço— assumem no romance o discurso de contestação ao *status quo*, muito embora esta contestação seja bastante limitada pelo seu caráter individual e pelas atitudes hesitantes do promotor que resume sua oposição à denúncia epistolar com seu procurador na capital. Da mesma forma que o telegrafista se recusa até mesmo a se comunicar com o povo da cidade, Silvério pensa somente em voltar para a sua terra e Zé de Peixoto não tem a dimensão da sua atitude e acredita ter o amparo do coronel Germano, a quem chama de padrinho. Ao que tudo indica a atitude de contestação está mais no narrador que nos personagens, daí a estratégia do autor de trazer para a ficção a voz do contraditório que está presente na civilização do garimpo, fazendo com que no romance as personagens tenham contornos mais definidos que na vida real, como afirma Antônio Cândido:

“Graças ao recurso da caracterização (isto é, os elementos que o romancista utiliza para descrever e definir a personagem, de maneira que

ela possa dar a impressão de vida, configurando-se ante o leitor), graças a tais recursos, o romancista é capaz de dar a impressão de um ser ilimitado, contraditório, infinito na sua riqueza; mas nós apreendemos, sobrevoamos essa riqueza, temos a personagem como um todo coeso ante a nossa imaginação. Portanto, a compreensão que nos vem do romance, sendo estabelecida de uma vez por todas, é muito mais precisa do que a que nos vem da existência. Daí podemos dizer que a personagem é mais lógica, embora não mais simples, do que o ser vivo”.⁸⁴

Essa questão nos remete a uma outra, a da verossimilhança do romance. A propósito da questão, o romance *Cascalho* pode ser tomado como caso exemplar pela caracterização das personagens e o seu enquadramento dentro da lógica da obra, em particular destas personagens que estamos a falar agora. A combinação da caracterização do personagem tal como são na vida real contribui para a verossimilhança da obra. À guisa de confirmação do que temos dito podemos citar dois testemunhos, um de ordem prática dado pelos atores durante as filmagens de *Cascalho*,⁸⁵ dando conta da presença da história narrada por Herberto Sales no imaginário popular na cidade de Andaraí em 2003 e outro de ordem teórica dado por Antônio Candido, quando ele afirma que somente a caracterização de personagens, descolada da coerência da composição estética da obra, não garante a verossimilhança:

⁸⁴ CANDIDO, Antônio. A personagem no romance. In: *A personagem de ficção*. 4ª Edição. Coleção Debates/literatura. Ed. Perspectiva. São Paulo. 1974. p.59.

⁸⁵ A título de ilustração dessa questão da verossimilhança podemos lembrar os depoimentos de diversos atores durante as filmagens do romance *Cascalho*, na cidade de Andaraí, em 2003, trabalho dirigido pelo cineasta Tuna Espinheira. Estes depoimentos dão conta das informações prestadas pelos moradores locais sobre o

“Assim, a verossimilhança propriamente dita, — que depende em princípio da possibilidade de comparar o mundo do romance com o mundo real (ficção *igual* a vida), acaba dependendo da organização estética do material, que apenas graças a ela se torna plenamente verossímil”.⁸⁶

Apresentados por seus traços característicos e por suas respectivas atitudes de contestação — o promotor, letrado, intelectual e idealista; o telegrafista, funcionário, subalterno e crítico ao mesmo tempo; o retirante-garimpeiro, miserável e vítima da estrutura social do sertão; o jagunço, violento, resultado das iniquidades do poder e ao mesmo tempo sustentáculo deste poder — são heróis que ocupam cada um o seu lugar de fala sem que sejam heróis exemplares — revolucionários ou mártires — a propor a redenção da sociedade.

A ausência de um herói exemplar em *Cascalho*, seja o beato messiânico que percorre o sertão catalisando o desejo de mudança da população através do anúncio do retorno do Jesus salvador e da promessa da vida eterna, exigindo em troca apenas fé e despojamento da vida material, seja o jagunço justiceiro, que enfrenta os coronéis e a polícia, ou mesmo a ausência do herói de tradição marxista, que se dedica à organização do proletariado, classe revolucionária destinada a mudar a sociedade são traços de distinção entre a narrativa de Herberto Sales e o romance regionalista nordestino, de um lado, assim como também a diferença com o romance de engajamento partidário. Estas diferenças enriquecem a

modo de vestir, andar, falar etc de diversas personagens da história, como se elas de fato tivessem existido e feito parte do cotidiano do lugar.

⁸⁶ CANDIDO, Antônio. Op. cit.. P.75.

verossimilhança da obra em estudo já que o messianismo não chegou a ser um fenômeno do garimpo, da mesma forma o jaguncismo da Chapada estava a serviço dos coronéis e a revolução social não estava no horizonte da civilização do garimpo dado o pouco desenvolvimento das classes sociais, sobretudo do proletariado.

2.1 - O DISCURSO DA CONSPIRAÇÃO

A presença de um *narrador fictício* no romance é bastante evidente no discurso de contestação enunciado por Silvério e nas suas reflexões. Ele, que “viera do alto sertão”, fugindo da seca, chega a Andaraí com a idéia fixa de ganhar cinco contos e retornar ao seu lugar de origem:

“Em meio da miséria em que vivia no sertão, Silvério fora seduzido por aquela maravilhosa visão de um Andaraí com garimpos enriquecendo os homens da noite para o dia, com serras escancarando veios e grunas como cofres — com a fortuna se oferecendo a todos num mundo de oportunidades espantosas”. (C.p.48)

No entanto, o contato com a vida do garimpo desfaz os sonhos de riqueza fácil, que o seduzira: Andaraí lhe parecera em tudo igual à sua terra. Seu discurso e suas reflexões, que se tornam monólogos, são de condenação explícita ao meio em que passa a viver. Contudo,

a impossibilidade de enriquecimento rápido não o faz desistir dos planos iniciais. Por meio da personagem de Silvério o autor busca quebrar o mito de riqueza do garimpo:

“Sem possuir a índole aventureira dos mineradores de diamantes, não podia ele compreender aquela nova vida que se lhe deparara, ou dela participar sem constrangimento. Ele procurara uma solução imediatista para o seu caso, e encontrara uma realidade dividida entre um passado lendário e irrecuperável, e um futuro incerto que o acaso providencial transfigurava”. (C.p.48)

O desencanto de Silvério, contudo, não é utilizado pelo autor para transformar o discurso da personagem em proselitismo de caráter político-partidário a favor de mudanças na realidade local. Caso isso viesse a ocorrer, a fala da personagem poderia se perder na inverossimilhança, dado a inexistência da expressão de um conflito de classe no garimpo, que embora existisse objetivamente, não encontrava canais de expressão através de qualquer manifestação de resistência dos garimpeiros. Herberto Sales consegue construir o discurso crítico da personagem, nos limites determinados pela civilização do garimpo, através da caracterização de Silvério —alto, magro, rosto marcado pela bexiga, retirante da seca— e através da contraposição da realidade com o desejo do retirante de ganhar “cinco contos de réis” e retornar para sua terra, onde compraria uma roça pequena, mas suficiente para sustentar a família. A inserção de Silvério em um grupo social bastante definido, os garimpeiros, não consegue mudar o ambiente dos trabalhadores e não consegue subverter a exploração a que estão submetidos. O inconformismo do garimpeiro neófito não consegue

sensibilizar seus colegas, que não possuíam consciência de classe que os motivassem a se organizar e lutar por transformações sociais, que viessem a abolir ou atenuar a exploração sofrida por eles.

Vivendo em um ambiente onde a exploração vigora como uma lei natural, o discurso de Silvério é uma tentativa de desnaturalização dessa exploração, no entanto a enunciação da fala da personagem ocorre mais como uma reação instintiva que um discurso de classe sistematizado, como neste diálogo entre ele e Filó Finança:

“Filó encolheu os ombros:

— Sempre há de ter alguém pra comprar seja o que for, O comércio de diamantes é como outro qualquer. Ou você acha que os gringos iam comprar diamante pra guardar? Eles vão vendendo sempre — vivem disso.

— Mas se não fosse a gente...

— Que é que tinha?

— Silvério vacilou:

— ...a gente...você...eu...Quer dizer... se não fosse a gente...que pega no pesado...que escavaca o chão pra tirar diamantes e os carbonatos lá de dentro...

— Sim. O que é que tinha? — insistiu Filó.

Silvério concluiu precipitadamente:

— Nós é que não passamos disto: vivemos sempre com uma mão atrás e outra adiante. Nunca temos nada...” (C. 139-140)

Nessa e noutras passagens do romance a voz de Silvério se levanta contra a situação de vida dos garimpeiros, chegando até mesmo a elogiar a atitude do garimpeiro Tomás, que tentara ludibriar, sem êxito, o proprietário da mina e vendera o diamante para outro: “Tomás teve raça”, dissera. Contudo, estes gritos de alerta extraídos das conversas de Silvério não desencadeiam um processo de tomada de consciência por parte dos garimpeiros. A oposição à cobrança do “quinto” por parte dos proprietários das minas, explicitamente manifestada por Silvério, historicamente está na origem das revoltas de garimpeiros desde os tempos da colonização, sendo emblemático o nome da personagem, que faz lembrar Joaquim Silvério dos Reis, que delatou o herói principal do movimento pela independência do Brasil em 1789, chamado de Inconfidência Mineira, cuja plataforma política incluía a extinção da cobrança do “quinto”, como um dos objetivos a ser alcançado.

Entretanto a insatisfação de Silvério não o transforma em líder dos garimpeiros, nem dá a ele a exata dimensão do sistema de exploração implantado no garimpo. Sua contestação à civilização do garimpo passa então a se dar mais no campo da ética, que no aspecto político. É grande seu desconforto diante da pobreza, da prostituição, do jogo e das festas que fazem parte do dia a dia do garimpo. Após *bamburrar*,⁸⁷ junto com Neco e Filó, Silvério vive o dilema de fugir ou permanecer em Andaraí. Finalmente ele decide sair da cidade. Atormentado agora pelo medo de perder o dinheiro que ganhara, ele toma o destino de Palmeiras, fugindo da prostituta Vitalina e da bebedeira que os sócios faziam no leilão com o dinheiro da venda do diamante.

⁸⁷ *Bamburrar*: ter sorte no garimpo, ser agraciado pela sorte ao achar o diamante.

2.2 - O ESTRANGEIRO NO TERRITÓRIO DE PASSAGEM

As personagens que transitam no cenário da civilização do garimpo, tanto aquelas que se situam na órbita de sustentação do poder local — Dr. Marcolino, Dr. Canuto Rufino—, quanto aquelas que se opõem a ele — o telegrafista Nascimento e Dr. Oscar do Soure,— são estrangeiros que ali chegam e com os quais esta civilização estabelece uma dupla postura de rejeição ou de acolhimento. O mesmo ocorre com Silvério, que no romance representa o outro sertão para além das Lavras. Em qualquer caso podemos dizer que aqueles que se inserem na civilização do garimpo e ocupam o lugar de reprodutores dos valores dominantes, sem questionar a ordem vigente, são acolhidos. Enquanto que aqueles que se opõem a ela, explícita ou implicitamente, são rejeitados e expurgados.

Contudo, há outros personagens que são acolhidos momentaneamente, sem deixarem de ser estrangeiros na civilização do garimpo. Este é o caso do turco Mansur, que serve à oligarquia local, e secretamente tem inconfessos objetivos de enriquecimento ilícito, por meio de um golpe contra os proprietários das minas da região. Ao falsificar carbonatos ele consegue seu intento e contribui de maneira decisiva para a crise que o garimpo passa a viver.

Zé de Peixoto é o exemplo mais emblemático de rejeição de alguém que, na civilização do garimpo, tornou-se estrangeiro sem que tenha chegado de fora, ou seja, de alguém do próprio garimpo, que assumiu o lugar do estrangeiro ao se insurgir, ainda que de forma inconsciente, contra o despotismo dos potentados das lavras e arranhado um dos

mitos do garimpo, a valentia dos coronéis, e ao tentar se inserir nos círculos dominantes do poder econômico quando decidiu ser explorador do garimpo por conta própria.

CAPÍTULO IV

O GARIMPO: UMA CIVILIZAÇÃO CRISTALIZADA

1 - JOGO DE ENGANOS

Em contraste com o ambiente opressivo da civilização do garimpo, Herberto Sales constrói um mundo lúdico onde circulam os garimpeiros e seus sonhos. Já na nomeação dos personagens vamos encontrar, ao lado de nomes comuns como Tarciso, Alípio, Silvério, Fulgêncio, Tomás, Arquimedes, Martiniano, sobrenomes que nos remetem a imagens de gracejos ou de alguma identidade risível com o garimpo.

Braço-Grosso, João Coroa, Cazuza Borrela, Otacílio Preto, Sebastião de Totora, Neco Rompedor, Peba, Filó Finança, Juvenal Bosta-Voa, Caroba, Agenor Cabeça Seca, Carbonato, Arlindo Papiaca, Alcidão, Benedito Lasqueado, Pedro Almofadinha, Licurgo Boa-Bunda, Carolo, Meloro, Joaquim Boca-de-Virgem, Zé Cândido do Garapa, Manezim Cangula, Agulhão, Bertulino Mentira-Fresca, Zeferinão das Piranhas, Curuba, são a plêiade de personagens que povoam o universo das Lavras.

Essa “multidão arruinada”, de *alugados e meias-praças*, que importunava o coronel Germano no início da história, vaga pelas serras, ruas e prostíbulos de Andaraí como uma caricatura do moderno proletariado, sem ter noção de que pertenciam a uma classe e sem ter a dimensão da caricatura que eram. Diante do infortúnio do presente “*conversavam de preferência sobre garimpagens passadas, recordando antigos bambúrrios, como para iludirem a si próprios, em face do malogro dos cateamentos daquele ano*” (C.p.28).

Herberto Sales nos mostra os garimpeiros como homens cujo destino está, via de regra, sempre nas mãos dos proprietários das minas, seja quando, bafejados pela sorte, são obrigados a vender os diamantes pelo preço estipulado pelo patrão, infinitamente menor que o merecido, seja quando são atingidos pelo infortúnio do fracasso na cata de diamantes. Nessa oportunidade acabam por ceder até os utensílios de trabalho para pagar dívidas contraídas no barracão. Os garimpeiros são descritos pelo autor como se estivessem presos num círculo de opressão, do qual não conseguem fugir, senão através da criação de uma dimensão onírica do mundo, na qual a vida oscila entre a lembrança do passado de opulência e um futuro de eterna promessa de retorno deste passado, enquanto o presente será sempre a imagem do pessimismo e da impotência em transformar a realidade.

Este desejo de retorno ao passado é visível em diversas passagens do romance e na fala dos garimpeiros nas serras, na casa de Sinhá do Ouro, espécie de líder espiritual, e nas conversas ao pé da Pedra do Conselho, lugar de descanso entre a serra e a cidade, onde eles se encontravam para trocar novidades, ocasião que se assemelhava às reuniões do Conselho da Intendência:

“Nos tempos das primeiras descobertas, aqueles garimpos não conheciam dono. O povo trabalhava à vontade, nos cateamentos e nos serviços de mergulho...” (C. p.14)

“Filó Finança sorriu

— No começo das lavras era assim...Era de um jeito que quase ninguém usava picuá. Os diamantes eram carregados em trouxas.” (C.p.47)

“—Carbonato como o que saiu no Brejo da Lama, em Lençóis, nunca mais ninguém pega nas lavras.” (C.p.138)

“De novo a conversa recaiu sobre carbonatos grossos. Relembrou a história de um de três mil grãos, saído das Piçarras, e com o qual Seu Isaías ganhara sessenta contos, fazendo a sua independência de uma vez. Depois falaram no de Antônio Felix, pegado em Xiquexique, e até no de João Gancho falaram — tendo Filó considerado que se tratava de um carbonato extra, que fora vendido por quarenta contos no “tempo em que se amarrava cachorro com lingüiça”. Na evocação destes antigos bambúrrios, testemunhados por companheiros mais velhos, nos quais faziam questão de acreditar, iam encontrando eles novas forças para suas esperanças e novos argumentos para os seus fracassos: precisavam contar sempre com o acaso”. (C.p.140)

A crença no acaso, constantemente alimentada pelas notícias de bambúrrios espetaculares, mantém os homens presos ao garimpo, mesmo sabendo que existem, em igual intensidade, inúmeros bamburristas fracassados, capangueiros arruinados e ricos comerciantes de diamantes que entram em bancarrota de um dia para o outro, como é o caso

do Seu Durães. Não obstante essa crença cega no futuro, diante de um presente de incertezas, o garimpeiro, ao tentar convencer Silvério, chega à conclusão geral que:

“— Garimpo, apesar de tudo, é muito melhor do que roça. Não tem termo de comparação, Silvério.

— No garimpo — concordou outro garimpeiro — é onde o pobre está mesmo sujeito a ficar rico de uma hora pra outra”. (C.p.49)

O bambúrrio, momento em que finalmente o garimpeiro acha o diamante entre os cascalhos, é o instante de transgressão total, que rompe o tensionamento temporal do mundo onírico do garimpo. O momento mágico da posse do diamante faz com que as três dimensões do tempo, passado, presente e futuro, se encontrem e formem uma só dimensão, cujo centro é o garimpeiro. Por mais que ele seja lesado na transação de venda da pedra, é a hora em que, repentinamente, ele torna-se “rico” e que as fronteiras sociais, econômicas e culturais se rompem.

A venda do diamante, comemorada por Filó, Neco, já que Silvério preferiu fugir da cidade, é um espetáculo à parte no leilão da padroeira N.S. da Glória em Andaraí. Além da esbórnica geral e da bebedeira descomedida, os dois são a atração da festa. Filó arremata um sabonete de dez tostões, por cinquenta mil-réis, uma loucura na opinião de todos, mas:

“Para Filó, porém, só uma coisa importava realmente: fazer figura.

Lembrava-se que Seu Tarcilo embasbacara a cidade inteira arrematando

um cravo por oitocentos mil-réis no leilão da festa do Divino: aquilo é que era macho! Não havia ninguém que cobrisse um lance dele — era verdadeiramente uma questão de honra”. (C.p.164)

Presenteando com o sabonete uma das prostitutas que o acompanhava e pagando com uma nota de duzentos réis, para demonstrar que podia gastar mais, Filó atravessa a noite em estado de graça, fazendo junto com seu amigo Neco, uma farra homérica até a madrugada, quando constatam que gastaram todo o dinheiro ganho com a venda do diamante.

O garimpeiro que bamburrou sai do seu lugar original de subalterno e oprimido e passa a transitar entre aqueles que pertencem a outras classes sociais, a se relacionar com aqueles que o oprimem e que o colocam na base da pirâmide social. Achar o diamante é a condição fundamental para levar o garimpeiro à situação de confluência com outras classes, outras culturas. No entanto a sua permanência neste novo lugar é provisória. A confluência entre o subalterno e o dirigente na sociedade foi analisada por Silviano Santiago no ensaio “*Democratização no Brasil — 1979-1981 (Cultura versus arte)*”, no qual ele identifica a música popular brasileira como lugar onde esta confluência se realiza. Silviano Santiago cita a tese de mestrado de Cláudia Matos, defendida na PUC-RJ em julho de 1981, intitulada “*Acertei no Milhar (Samba e Malandragem no Tempo de Getúlio)*” para falar do caso específico dos negros. A propósito da questão, ele diz:

“O principal personagem do samba de malandro é um *ser de fronteira*, capaz de transitar entre o morro e a cidade e entre as classes sociais, sendo

portanto elemento de mediação social e, por isso mesmo, capaz de armar confrontos e sofrer da repressão. Anota Cláudia: “O malandro não fala apenas para os seus, ao contrário, ele quer se fazer ouvir do outro lado da fronteira, quer abrir caminho para o bloco passar. A vocação para a mobilidade pressupõe o atrito e a troca”. Essa ambigüidade do malandro, capaz de sair da cultura negra e de forçar a barra para entrar na cultura branca, interessado em seduzir o seu outro, até obrigá-lo a sair da própria cultura e entrar na sua, torna a cultura negra própria da cidade (o Rio de Janeiro), própria do país (o Brasil)”.⁸⁸

Assim como o *samba de malandro* faz o negro ultrapassar as fronteiras da sua classe social, a condição temporária de *rico* faz com que Filó e Neco ultrapassem a fronteira de explorados e passem a imitar, com os devidos exageros, os modos e comportamentos dos potentados do garimpo, tornando-se, uma caricatura de rico, da mesma forma que o *malandro* carioca, como afirma Silviano Santiago, se distingue do proletário ao adotar modos “que o aproximam dos padrões burgueses. Mas que destes se diferencia por ser uma caricatura do burguês”.⁸⁹ As peripécias dos “ricos” Filó e Neco na noite de Andaraí não impedem que os mesmos sejam identificados como simples garimpeiros, condição a que voltarão tão logo o dinheiro se dissipe, como constata Cláudia Matos nesse mesmo ensaio de Silviano Santiago a respeito do negro sambista dos morros cariocas:

⁸⁸ SANTIAGO, Silviano. Democratização no Brasil — 1979-1981 (cultura versus arte). In: Declínio da Arte , Ascensão da Cultura. Letras Contemporâneas/ABRALIC. P.21.Xerocópia.

⁸⁹ Idem. Democratização no Brasil... P.21.

“Seu modo de se apresentar inclui aspectos de exagero e deformação tão evidentes que o próprio trajar elegante é um dos elementos pelos quais a polícia o identifica como malandro, e que portanto tornam a jogá-lo no universo das classes oprimidas”⁹⁰

Essa semelhança de comportamento, que Silviano Santiago chama de “fantasia ou disfarce”, do garimpeiro e do sambista, enseja discussão sobre diversos aspectos. Achamos importante questionar se as atitudes do negro carioca dos morros, que se utiliza da música, e do garimpeiro, que se utiliza da sua condição provisória de endinheirado, para cruzar fronteiras sociais, produzem as mesmas conseqüências no discurso e nas atitudes do outro. Feitas as devidas distinções do lugar em que estas confluências se dão, uma no campo da música popular brasileira como local de atrito e contato de culturas e outra restrita ao terreno comportamental no garimpo, podemos dizer que a transgressão operada pelo garimpeiro que bamburrou não altera a estrutura social do garimpo e não contamina o discurso de classe do proprietário, mas é parte constitutiva do imaginário popular sobre a possibilidade de ascensão econômica e social na civilização do garimpo através da sorte, que, por sua vez, se desdobra no reforço de diversos mitos das lavras, entre eles os mitos do enriquecimento fácil e da aventura, associados à vida do garimpeiro.

Herberto Sales, ao narrar o fenômeno do bambúrrio, torna visíveis e reais os desejos dos garimpeiros de enriquecer e mudar de lugar na hierarquia social. Esses desejos encontravam-se ocultos, ou melhor dizendo, reprimidos, pela objetiva impossibilidade de serem realizados. Dito de outra forma, a oportunidade do garimpeiro ascender socialmente

⁹⁰ Ibidem. P.22

e se comportar como “rico” na sociedade opressora do garimpo só é possível no momento do bambúrrio, quando ele assume provisoriamente um novo lugar, provocando desconcerto, comicidade e espanto a todos porque o garimpeiro faz a assunção do seu novo lugar como *caricatura*⁹¹ do outro, representado pelos ricos e proprietários das minas.

Ronaldo de Salles Senna ao falar sobre as dificuldades de ascensão social na civilização do garimpo se refere à dupla promessa de riqueza feita pelas elites pedristas aos capangueiros e garimpeiros. Aos primeiros prometiam enriquecimento por meio dos resultados do comércio de pedras, o que não se realizava devido ao monopólio nas mãos de poucos comerciantes já estabelecidos; enquanto que para o garimpeiro a promessa somente poderia ser realizada mediante uma sorte extraordinária, num trabalho de resultado duvidoso, onde o cansaço da labuta diária mesclava-se com a angústia da espera, gerando uma necessidade de enriquecimento rápido, que crescia cada vez mais, na procura da grande gema: era a imensa ilusão do bambúrrio.⁹² Porém, no caso da efetivação do bambúrrio, do encontro com a grande gema, não há possibilidade do garimpeiro mudar de lugar na escala social, como volta a assinalar Ronaldo de Salles Senna:

“Mesmo acontecendo um garimpeiro bamburrar, os acessos ao segmento mais alto não se abriam. Entretanto, segundo a prática então corrente, não lhe restava outra opção senão gastar o resultado da venda da pedra, a pequena fortuna amealhada, na esbórnica, em farras *homéricas* (talvez em parte, por necessidade de imitação dos salões dos pedristas), voltando

⁹¹ FREUD, Sigmund. Os chistes e sua relação com o inconsciente. Tradução: Margarida Salomão. In: Obras completas de Sigmund Freud. Vol. VIII. Imago Editora. Rio de Janeiro, 1977. p. 22.

então para a serra, tão pobre como saiu, ou muitas vezes, ainda mais miserável, devido ao endividamento ou à conseqüência de seus atos dionisíacos”.⁹³

O romance *Cascalho* retrata a vida do garimpeiro inserida num mundo constituído de mitos, no qual o imaginário de riqueza e opulência é uma promessa que não se realiza. O mundo do garimpo narrado por Herberto Sales nada mais é que um jogo de enganos, em que o mundo real é mais uma representação de desejos. O bambúrrio seria a cena exemplar deste teatro da vida no garimpo, mas existe uma multiplicidade delas ficcionalizadas na obra, como é o caso de Pedro Almofadinha, “conhecido garimpeiro bamburrista” que à entrada da cidade, vindo da serra, “vestia a roupa de casimira trazida em um pequeno fardo, calçava os sapatos novos, punha o chapéu de palha que era o rigor da moda, mandando pelo sócio a capanga com a roupa de serviço. Ao dobrar a esquina das Teixeira, com lenço no bolso, camisa de seda e gravata, o rosto imberbe como que escanhado, quem não o conhecesse era capaz de apostar que ele vinha de qualquer lugar do mundo — menos da serra”. (C. p.137) Há também o garimpeiro Zé Cândido, sabidamente homossexual: “figura austera, do seu bigode, do seu chapéu-chile, da sua imponência quando conduzia o turíbulo na procissão do Divino, de roupa preta e colarinho duro, e de quando ele passava para a serra, de capanga no ombro e calças arregaçadas, o punhal zé-tranquilino na cintura, parecendo mais um cangaceiro. Era

⁹² SENNA, Ronaldo de Salles. Jarê: uma face do candomblé; manifestação religiosa na Chapada Diamantina. Feira de Santana, UEFS, 1998, p. 47.

⁹³ SENNA, Ronaldo de Salles. Passado projetado e presente anterior: o século XX que foi possível traduzir. In: ARAUJO, Delmar, NEVES, Erivaldo Fagundes, SENNA, Ronaldo de Salles, *Bambúrrios e quimeras (olhares sobre Lençóis: narrativas de garimpos e interpretações da cultura)*. UEFS, Feira de Santana, 2002, p. 232-233.

inacreditável!” (C. 140). Essa realidade de jogo de enganos, retratada no romance, é constituída também por mitos relacionados à vida de ostentação e riqueza das elites lavristas. Segundo Ronaldo de Salles Senna a imitação dos salões europeus e imperiais, os títulos nobiliárquicos, os brasões de família, comprados a soldo de brilhantes e dinheiro, serviam mais para a sustentação de um discurso de poder das elites, que exemplos reais registrados.⁹⁴

2 - CIVILIZAÇÃO DO GARIMPO: UMA SOCIEDADE PROVIDÊNCIA

Em resumo, o romance *Cascalho* nos possibilita fazer uma leitura sobre as duas faces do garimpo. Uma face seria a imagem idealizada, construída pelos mitos de dentro e de fora, e a outra seria a imagem real da vida nas lavras. A civilização do garimpo, retratada em *Cascalho*, é, de um lado, repleta de sonhos, desejos e mitos e de outro lado é constituída dos percalços, desilusões, sofrimentos, exploração sem limites e fome, onde até o próprio poder do coronel Germano se esvai quando se configura a crise do diamante. Sua ruína só é evitada pela providencial formação dos batalhões patrióticos financiada pelo governo central.

O jogo de enganos é uma estratégia de sobrevivência, sobretudo dos excluídos, diante da inexistência dos espaços de cidadania na civilização do garimpo. A falta de instituições que normatizem as garantias individuais e coletivas e a representação democrática, faz com que os homens se relacionem através de representações e de disfarces do que gostariam de ser. A ausência destes espaços de cidadania é uma consequência direta da frágil presença

⁹⁴ SENNA, Ronaldo de Salles. Op. cit 2002, p.231.

do Estado na região como regulador das relações econômicas e sociais. As elites lavristas se beneficiam deste contexto à medida que chamam para si a função política do Estado e estabelecem com ele uma relação clientelista, impedindo desta forma que haja alterações tanto no âmbito da política local, quanto na base econômica. Por esta razão, a estratégia de sobrevivência dos excluídos, acima referida, faz parte de uma cultura do garimpo que tem sua origem em relações econômicas, sociais e políticas de desigualdade extrema e absoluta concentração da riqueza. Nestor Canclini, em “*As culturas populares no capitalismo*”, analisa esta questão nos seguintes termos:

“Hoje podemos entender porque a cultura constitui um nível específico do sistema social e por sua vez não pode ser estudada isoladamente. Não apenas porque está *determinada* pelo social, entendido como algo distinto da cultura, que é incorporada a partir do seu exterior, mas porque está *inserida* em todo fato sócio-econômico. Qualquer prática é simultaneamente econômica e simbólica, uma vez que agimos através dela, construímos uma representação que lhe atribui um significado”.⁹⁵

A contextualização das relações sociais e culturais do garimpo faz da cidade de Andaraí um pequeno universo representativo das comunidades da Chapada Diamantina. A aparente ausência do Estado desprovê a população de serviços e funções essenciais, sendo este um dos motivos da extrema distância entre dirigentes e dirigidos. Ao mesmo tempo em

⁹⁵ CANCLINI, Nestor. *As culturas populares no capitalismo*. Tradução: Cláudio Novais Pinto Coelho. Editora Brasiliense. São Paulo, 1982, p. 30.

que adotam a estratégia do jogo de enganos, os excluídos na civilização do garimpo constroem um tipo de relação entre si que chamamos de “sociedade-providência”. Essa atitude provoca uma diferenciação entre a cultura dos subalternos e a cultura dos dirigentes. Os primeiros, adotando estratégias de sobrevivência, baseadas no auxílio mútuo, e transferindo a insatisfação diante do quadro social para outros campos de manifestação. Enquanto que os últimos vivem de acordo com os modelos herdados dos ancestrais ou àqueles copiados de fora.

Com este pano de fundo cultural o autor nos mostrará os distintos grupos da civilização do garimpo vivendo quase de maneira autônoma um dos outros, cuja convivência torna-se ocasional. Grosso modo podemos dizer que jagunços, delegado, secretário da Intendência, secretário do jornal, comerciantes, juiz, padre, o coronel Germano e sua família (irmão, esposa, amásia, enteado), fiscais e capangueiros integram uma espécie de casta em torno do poder, com graus diferenciados de hierarquia. De outro lado encontraremos ainda os funcionários públicos —telegrafista, promotor— que, embora sendo um grupo diminuto, tem presença ativa na trama do romance como críticos tanto ao poder local, quanto ao modo de organização da comunidade. Eles assumem a defesa dos excluídos, mas o fazem a partir de modelos de sociedade em vigor nos centros urbanos de onde vieram, o que os transforma em estranhos ou até mesmo seres bizarros na cidade. É sintomático que o telegrafista Nascimento e o promotor Oscar não se encontrem uma única vez com os garimpeiros ou com qualquer outro nativo durante toda a narrativa da história contada por Herberto Sales, ou que não haja nenhuma forma de reação dos garimpeiros contra a expulsão do promotor da cidade, o que seria natural que ocorresse, já que ele é um ardoroso defensor dos oprimidos, no plano das idéias.

Por fim encontraremos em *Cascalho* uma plêiade de excluídos, composta dos garimpeiros, prostitutas, crianças, esposas dos garimpeiros, bruaqueiros⁹⁶, fazedor de adobes, músicos, acendedor de lampião, patizeiros⁹⁷, quitandeiros, roceiros⁹⁸, lavadeiras de roupa, vendedores de lenha, cozinheiras e antigos garimpeiros arruinados. Esses segmentos das camadas baixas da pirâmide social do garimpo, diante das suas próprias dificuldades de sobrevivência e das deficiências do Estado, constituirão a sociedade-providência, entendida por Boaventura Santos como uma rede de relações de interconhecimento, interreconhecimento e de ajuda-mútua, baseada em laços de parentesco, de vizinhança e comunitários, através dos quais pequenos grupos sociais trocam bens e serviços numa base não mercantil e segundo uma lógica de reciprocidade.⁹⁹ A solidariedade entre os excluídos, mola mestra da sociedade-providência, constrói um universo simbólico da civilização do garimpo que persiste ao longo do tempo e faz parte da cultura local, cujas características são a hospitalidade, a afetuosidade e a própria solidariedade enquanto características do habitante das lavras.

A sociedade-providência da civilização do garimpo tem seus pontos de articulação nos garimpeiros, que a coloca em funcionamento através da solidariedade entre si, já que sem ela, dificilmente sobreviveriam nas serras. Entretanto, as mulheres são as principais operadoras desta sociedade-providência do garimpo ao se tornarem, pela necessidade, pluriativas, ocupando-se da manutenção da casa, das pequenas criações de animais, de lavar roupa “pra fora” e de outros pequenos serviços. Dentre elas destaca-se Sinhá do Ouro,

⁹⁶ Bruaqueiro: Indivíduo que transporta mantimentos da roça para a cidade em animais carregados por bruacas, que são compartimentos de couro, próprios para este fim.

⁹⁷ Patizeiro: habitante do Vale do Pati, região da Chapada Diamantina, que se dedica à agricultura ou pecuária.

⁹⁸ Roceiro: Aquele que trabalha na roça.

⁹⁹ SANTOS, Boaventura Sousa. *Pela mão de Alice—o social e o político na pós-modernidade*. 8ª Edição. Editora Cortez. São Paulo, 2001, p. 70.

misto de líder espiritual, assistente social, rezadeira, raizeira¹⁰⁰ a receitar remédios naturais para todos os tipos de doença Sua casa é freqüentada pelos garimpeiros e todos os moradores dos bairros populares da cidade, que às vezes vão até lá só para ouvir os causos por ela contados:

“Sinhá do Ouro sabia coisas e loisas. Por ser muito prestativa, era de todos estimada no Ribimba. Quando qualquer mulher caía doente no bairro, ela logo aparecia com seus chás, com as suas mezinhas, com as suas beberagens de adjunto de horta, e era pá, casco. Para mulher parida, que não podia comprar Água Inglesa na farmácia, ela tinha aquela velha fórmula tão bem conhecida de Salu: noz-moscada, quitoco, salsa, poejo, losna-miúda, arruda e cebola branca — tudo pisado e posto de infusão numa garrafa de cachaça. Na verdade, a mulher de Salu ficava logo bêbada com duas doses; mas tomava a garrafa até acabar. Assim, ia a velha do Ouro medicando as famílias do Ribimba — os garimpeiros com suas mulheres e seus filhos, enquanto os capangueiros e os negociantes, os homens endinheirados da cidade, ingeriam as poções de Carvalhal aviadas pelo Dr. Marcolino”. (C. p.50)

É paradoxal que uma comunidade do sertão sobreviva através da sociedade-providência enquanto que no mesmo período — primeira metade do século XX — a nação buscava construir o Estado-providência através da implantação de um sistema de amparo social, trabalhista e jurídico para a população. Mas, o paradoxo indica apenas que os mitos

¹⁰⁰ *Raizeira*: Pessoa conhecedora das propriedades medicinais das raízes, e das plantas de maneira geral,

sobre o sertão, que o colocavam como região à parte do país, continuavam como uma ideologia das elites nacionais no comando do Estado brasileiro, cuja política modernizadora a partir da Revolução de Trinta não atingia o interior do Brasil, sobretudo o nordeste.

Os três grupos da civilização do garimpo, aquele grupo dirigente que mantém relação clintelista com o Estado, o formado pelos funcionários públicos, digamos, dissidentes, que adota o modelo de Estado positivista, forte e autoritário, e o grupo dos explorados que se organiza à parte do Estado, se mantêm distantes um dos outros, se relacionando por meio da *carnevalização* da política, ou seja, *pela assimilação mimética de padrões de atuação do Estado*.¹⁰¹ A existência do arcabouço jurídico e institucional do país estava em visível contraste com práticas sociais conservadoras nas lavras Diamantinas. O enunciado de Boaventura Santos sobre a *carnevalização*, extraído da análise que ele faz da sociedade portuguesa pós-Revolução dos Cravos, é o diagnóstico mais apropriado para se entender a distância entre os dirigentes e dirigidos na civilização do garimpo decorrente da existência apenas formal das instituições, às quais o povo não tem acesso:

“Esta discrepância é tolerada, e até mesmo produzida, pelo próprio Estado, um fenômeno que noutro lugar designei por Estado paralelo: o Estado compromete-se formalmente com um certo padrão de legalidade e de regulação social, mas descompromete-se dele, na prática, por omissão ou por vias informais”.¹⁰²

comumente consultada no interior para receitar mezinhas e chás.

¹⁰¹ SANTOS, Boaventura Sousa. Op. cit. p. 69.

¹⁰² SANTOS, Boaventura Sousa. Op. cit. p.69.

Todavia, esses grupos tão distantes, têm pontos de confluências em determinados momentos, como já vimos no episódio do bamburrão de Filó e Neco. Ocasionalmente eles se encontram na feira da cidade, nos leilões e nas festas religiosas. Nessas oportunidades Herberto Sales narra mais uma vez o episódio da carnavalização, não mais como a *assimilação mimética* que nos fala Boaventura Santos, mas como momento em que uma cultura se abre para outra, em que há atrito e troca entre culturas, como afirma Bakhtin:

“As leis, proibições e restrições, que determinavam o sistema e a ordem da vida comum, isto é, extracarnavalesca, revogam-se durante o carnaval: revogam-se antes de tudo o sistema hierárquico e todas as formas conexas de medo, reverência, devoção, etiqueta etc, ou seja, tudo o que é determinado pela desigualdade social hierárquica e por qualquer outra espécie de desigualdade (inclusive etária) entre os homens. Elimina-se a *distância* entre os homens e entra em vigor uma categoria carnavalesca específica: o *livre contato familiar entre os homens*. Este é um momento muito importante da cosmovisão carnavalesca. Os homens, separados na vida por intransponíveis barreiras hierárquicas, entram em contato familiar na praça pública carnavalesca”.¹⁰³

A procissão de Nossa Senhora da Glória é um caso típico da *carnavalização* na civilização do garimpo produzida pelo contato de grupos com vivências diferentes. O

¹⁰³ BAKHTIN, Mikail. Problemas da poética de Dostoievski. Tradução: Paulo Bezerra. Editora Forense-Universitária. Rio de Janeiro, 1981, p.105-106.

cortejo da santa se dá nas ruas e praças, lugar de excelência do carnaval, e tem tudo para ser um rito estritamente sagrado, até que o profano, representado pela presença do povo, e o religioso se encontram em escala ascendente. Pouco a pouco o cotidiano da cidade vai contaminando a procissão à medida que ela passa pelas janelas das moças faladeiras, pelas portas dos bares e que recebe a multidão de mulheres dos garimpeiros no Beco da Ribimba. A partir deste ponto a aglomeração favorece as apalpadelas dos traseiros das moças, até chegar à Rua da Ilha e ganhar a adesão das mulheres-damas. O cortejo segue, já em frenesi, sendo bruscamente interrompido pelos gritos da filha “louca” do juiz que, trancafiada em casa, exige aos berros ser coroada rainha. Diante do insólito a multidão responde com uma gargalhada geral. Então o Dr. Marcolino, para atenuar o impacto da cena, autoriza a “Aurora Musical Andaraíense” atacar uma marcha de puxar cordão, para deleite do Mestre Elpídio, o maestro. O profano venceu o sagrado, transformando um rito religioso no seu contrário, numa sátira. É como se a procissão, símbolo das elites locais, fosse destronada pela irreverência e alegria, símbolos das camadas subalternas do garimpo.

O episódio da procissão narrado por Herberto Sales é elucidativo para a compreensão dos impasses vividos pela Civilização do Garimpo. A Festa da Padroeira tem uma dupla face: de festa oficial, com seus ofícios em louvor a Nossa Senhora da Glória, confissões, comunhão e leitura do evangelho na presença das autoridades, cortejo das irmandades, estandartes e andor. E a outra face, de festa carnavalesca, caracterizada pela presença do povo, cujo alarido faz as moças perderem o tom da ladainha e o frenesi geral desorganiza os andores, até mesmo as brasas do turíbulo foram apagadas e o padre já não agüenta as pisadelas nos calos. O povo ridiculariza o espetáculo oficial até o riso tomar conta de todos quando a filha do juiz ocupa o lugar dos bufões. O caráter da festa oficial e do carnaval é

assim analisado por Mikhail Bakhtin em *A Cultura Popular na idade Média e no Renascimento (o contexto de François Rabelais)*:

“A festa oficial, às vezes, mesmo contra suas intenções, tendia a consagrar a estabilidade, a imutabilidade e a perenidade das regras que regiam o mundo: hierarquias, valores, normas e tabus religiosos, políticos e morais correntes. A festa era o triunfo da verdade pré-fabricada, vitoriosa, dominante, que assumia a aparência de uma verdade eterna, imutável e peremptória... Ao contrário da festa oficial, o carnaval era o triunfo de uma espécie de liberação temporária da verdade dominante e do regime vigente, de abolição provisória de todas as relações hierárquicas, privilégios, regras e tabus. Era a autêntica festa do tempo, a do futuro, das alternâncias e renovações.”¹⁰⁴

3 – OUTRAS MARCAS DA CIVILIZAÇÃO DO GARIMPO

O jogo de enganos, a carnavalização, a sociedade-providência, enquanto fenômenos que marcam a Civilização do Garimpo, contudo, não impedem que a tensão produzida pelas difíceis condições de vida, decorrentes da exploração do trabalho e da opressão, apareça no romance sob diversas formas de discursos, fazendo com que a palavra,

transformada em fala dos personagens, seja uma das marcas desta civilização. O tom zombeteiro que adquire a comunicação entre os garimpeiros termina sendo uma das marcas mais visíveis nas Lavras, principalmente no discurso de Filó Finança, um gozador por excelência:

“Saindo do interior da casa, Filó Finança tirou o chapéu e cumprimentou

Agenor Cabeça-Seca:

— Boa noite, urubu.

Agenor, preto troncado, respondeu sem se voltar:

— Se eu fosse urubu, seria seu irmão...

Arregalando os olhos num jeito muito seu, o indicador em riste, Filó replicou ao pé da letra:

— Se você fosse meu irmão, você era um homem!

Foi uma gargalhada geral. Até Zé de Peixoto achou graça. E aprovou:

— Boa resposta! Esse Finança é um filho da mãe”. (C. p.18)

“— Filó, Filó — chamou Peba. — De hoje que nós estamos atrás de você.

— Atrás de mim?

— Sim...

— Eu que ando atrás de vocês...

— Deixe de pilhéria...”. (C.p.62)

¹⁰⁴ BAKHTIN, Mikhail. A cultura popular na idade média e no renascimento (o contexto de François

Esse jogo de palavras aparentemente inocentes, que expressam às vezes idéias obscenas e em outros momentos simulam uma presumida agressividade, produz o efeito do cômico e do desconcerto e faz com que a comunicação entre os garimpeiros se assemelhe aos chistes, conforme definição de K. Fischer, aceita por Freud,¹⁰⁵ de que “um chiste é um juízo lúdico”.

Os jogos de palavras, dizeres populares, ditados e expressões regionais encontrados na fala dos personagens ou no relato do narrador como: “*botar gongolo em xibungo*”(C. p.140), “*ganhou fogo na bunda*” (C. p.141) “*Café de língua e beijo meu boi não puxa*” (C. p.68) “*Olhe com os olhos e coma com a testa*” (C.p.58) “*Você não sabe que ovo de pobre é goro?*” (C.74) são introduzidos pelo autor no romance como marcas da vida no garimpo. Estes discursos trazem em si o *princípio da economia*, que permite o máximo de comunicação no mínimo de esforço comunicativo, também chamado por Freud de *brevidade* do chiste. Mas, o cômico também está no deslocamento do sentido das palavras, no seu duplo sentido e também no jogo de pronúncia, como faz o leiloeiro Chico Pia se esgueirando no meio do povo: “*Cu licença...cu licença...*” ou na resposta de Filó a uma prostituta relativamente idosa: “*Qual! Você já amarrou o facão*”. Estes mecanismos de fala produzem riso, euforia e felicidade nos garimpeiros.

As conversas dos garimpeiros, quando se encontram livres do jugo do coronel e da presença dos comandados dele, são momentos de catarse. Elas se dão naquelas horas em que eles estão nas serras, na Pedra do Conselho, na casa de Sinhá do Ouro, nos botecos e nos prostíbulos de Andaraí. Nestas oportunidades, quando todos se sentem iguais na

condição de explorados, as conversas são, ao mesmo tempo, demonstração de humor e uma espécie de purificação pela palavra:

“— Seu César ganhou de alvíssaras uma vitrola — disse em tom de troça aos sócios. — Mas com a gente Joaquim vai lucrar mais: vai ganhar e arreganhar...

A pilhéria, arrematando de maneira tão imprevista a conversa, provocou risos, enquanto Boca-de-Virgem replicava:

— Eu só faço ganhar, sua mãe é que arreganha.

Mas Filó era ligeiro na resposta:

— A minha, não; a sua que arreganhou para meu pai...

Houve então uma gargalhada geral na Pedra do Conselho”. (C. p.142)

As zombarias de Filó Finança, o riso geral como resposta, os gracejos, o tom alegre e descontraído da fala dos garimpeiros evidencia que estas conversas são meios de liberação da carga de energia reprimida pelo ambiente opressor da civilização do garimpo e que é impedida de se manifestar na luta social. Configura-se desta forma o que diz Bakhtin de que “A tendência do chiste e do gracejo é *contornar a realidade*, libertar da *seriedade da vida*”.¹⁰⁶

Ao lado destas conversas, que se assemelham aos chistes, Herberto Sales nos revela, tanto na descrição do ofício da garimpagem, quanto na nomeação dos elementos da

¹⁰⁵ FREUD, Sigmund. Op. cit. 1977, p. 23.

natureza, a singular linguagem dos garimpeiros, sendo esta linguagem uma outra marca da civilização do garimpo, que a distingue das demais culturas do Brasil. A linguagem regional, quase que um *patois*, está presente no conjunto da obra, como veremos nesta pequena transcrição:

“—De qualquer garimpeiro infusado¹⁰⁷ o diamante corre — disse Agenor”. (C. p.69)

Além deste trecho, que nos serve de exemplo, o autor faz uma detalhada descrição sobre os instrumentos de trabalho do garimpo como a broca, pá, carumbé, sonda, rodilha, alavanca granjeira, marreta, lavadeira, desbrutador, cunha, enxadeta, bucha; utensílios de uso como: chocolateira, esteira, colchões de arasto, cobertor de mandapolão, facho de canela-de-ema; tipos de diamantes: bosta-de-barata, arrozinho, feijão azul-oleoso, bugalhou pequeno e redondo, favinha, cascalho bolinha, cor-de-rosa queimado, fazenda-fina, bosta de cabra, cabeça-de-formiga, bico de candeeiro e ferragem. Acrescentando um minucioso relato de como o cascalho é trabalhado até que se revele o diamante.

Tudo indica que Herberto Sales foi um observador atencioso do ofício do garimpo, ele que foi partícipe direto nas transações diamantíferas. O olhar do autor e sua relação direta com os garimpeiros deram a ele a compreensão de que a nomeação de utensílios, dos tipos de pedras, as atitudes e gestos dos garimpeiros e a própria relação deles com a natureza fazem parte da cultura local, sendo dela um dos componentes fundadores.

¹⁰⁶ BAKHTIN, Mikhail. O freudismo. Editora Perspectiva. São Paulo, 2001. p.58.

¹⁰⁷ *Infusado*: Diz-se do garimpeiro que perdeu a sorte, geralmente por algum motivo de ordem esotérica, cuja maldição pode atingir outros garimpeiros. O *infusado* deve buscar ajuda dos curandeiros e raizeiros para se livrar de tal situação e voltar a achar diamantes.

A falta de assistência médica e de outros serviços assistenciais leva os garimpeiros a buscar ajuda na religiosidade e nos recursos naturais da região. *Sinhá do Ouro*, a que “*sabia coisas e loisas*”, por exemplo, ocupa o lugar de líder religiosa, que combina o conhecimento das ervas e remédios nativos com suas faculdades espirituais, o que era comum na civilização do garimpo:¹⁰⁸

“Como acontecia todos os sábados, o rancho de Sinhá do Ouro lá estava com o seu cheiro de igreja — com seus registros pendurados nas paredes, com seu fogareiro de barro queimando incenso, com a sua vela de \$ 400 alumando o pequenino nicho de Santa Rita, em cujo louvor se rezava aquela ladainha que começava assim:

Viva Santa Rita,

Que é santa mulher,

No céu e na terra,

Ela faz o que quer!” (C. p. 51)

Além de ladainhas e causos, Sinhá do Ouro tem as receitas mais variadas. Desde lagartixa torrada até virar pó com cachaça, para “*doença de rua*”,¹⁰⁹ garrafadas¹¹⁰ para

¹⁰⁸ Ronaldo de Salles Senna fala da existência na Chapada Diamantina do “Jarê”, uma manifestação religiosa de origem africana que sintetizava os diversos cruzamentos culturais ocorridos na região e gozava de grande prestígio no seio da população. Embora Herberto Sales não nomeie Sinhá do Ouro como adepta do “Jarê”, depreende-se da narrativa a sua interação com a religiosidade do sincretismo local.

¹⁰⁹ *Doença de rua*: doença sexual transmissível.

¹¹⁰ Infusão de ervas variadas em cachaça.

mulher parida, chá de xique-xique e picado de miolo da planta para hemorróidas e reza, muita reza, para todos os males.

Herberto Sales inscreve na literatura as marcas mais visíveis da civilização do garimpo, narrando a riqueza de mitos e simbologias que o homem do sertão das Lavras conseguiu construir na sua relação com a natureza. O romance *Cascalho* se configura como documento por retratar, inclusive, as crendices generalizadas do garimpeiro sobre o azar quando o *urubu caga na cumeeira da casa* (C. p.73), sobre a sorte quando se recebe o *picuá aberto* (C. p.149), ou ainda *chocalhar as pedras dentro do picuá* para provar que não está mentindo (C. p. 149). Além das crendices o autor registra a verdade mais viva das Lavras de que o *dinheiro do garimpo tem dois vv, um de vinda e outro de volta*. (C. p.50)

CONCLUSÃO

Passando em revista os objetivos da pesquisa podemos dizer que a análise da obra literária de Herberto Sales, *Cascalho*, tornou possível identificar que numa determinada região da Bahia se constituiu um conjunto de relações culturais em torno, e decorrentes, da atividade econômica do garimpo de diamantes, que deu a esta região um grau de singularidade tal, que a difere das demais regiões do Estado da Bahia, sejam aquelas localizadas no litoral, ou mesmo as localizadas no sertão .

Todavia, Herberto Sales nos mostra que esta singularidade cultural não é uma decorrência mecânica da atividade econômica. Através da sua narrativa o autor traz para o cenário do romance alguns fatores históricos que se entrecruzaram nas Lavras Diamantinas e que produziram esta cultura original. A região é retratada no romance como um território de passagem no qual se deu o contato de diversas culturas de populações variadas: afro-descendentes, migrantes do sertão, famílias do litoral e das Minas Gerais, comerciantes europeus, levantinos, mascates e gentes de todo o Brasil. Estes contingentes populacionais trouxeram dos seus lugares de origem experiências e vivências que foram se tornando parte da cultura local.

A vida diária dos garimpeiros é narrada por Herberto Sales como se fosse uma liturgia do sofrimento na qual a necessidade do homem em conhecer a natureza, que irá revolver na busca do diamante, é uma verdadeira obstinação, já que até mesmos os rudes instrumentos de trabalho não lhes são fornecidos pelos donos das minas. Desta forma a saga dos garimpeiros de Herberto Sales é narrada como um esforço hercúleo desses trabalhadores para compreender os sinais das águas, da terra e do ar, como uma necessidade permanente

de sobrevivência. O romance começa e termina com a morte do garimpeiro que não soube, ou não pode, interpretar estes sinais.

O mundo dos garimpeiros narrado em *Cascalho* é construído e conhecido através dos mitos sobre a natureza. É um mundo onde a aquisição do conhecimento mítico passa por um processo de iniciação, ao qual o *curau*, garimpeiro novo, é submetido a fim de que possa compreender os sinais diante de si e os eventos que acontecerão durante a sua faina. O garimpeiro iniciado compreenderá os poderes sobrenaturais da flora, da fauna, do rio e da terra e saberá a cura de todas as doenças, interpretará os avisos dos animais, evitará a vingança das águas e estará apto a andar nas trevas, embaixo da terra. O romance retrata esse conhecimento mítico em um contexto histórico de inexistência da função social do Estado e de predomínio de uma super-estrutura política autoritária, onde o poder e a riqueza são resultantes, sobretudo, da exploração, a mais vil, dos garimpeiros por parte dos proprietários das minas e das serras. Muito embora a ideologia dominante divulgue os mitos da coragem, da valentia e da sorte extremadas como responsáveis pelas fortunas dos coronéis.

Estas constatações nos permitem considerar como válida a hipótese de que o romance *Cascalho*, ao retratar a Civilização do Garimpo, é uma obra de afirmação da cultura baiana no campo da literatura ao inserir a história, os costumes e tradições da Chapada Diamantina na diversidade cultural da Bahia. Nesse caso o romance *Cascalho* tem o mérito de, sessenta anos após a sua primeira edição, jogar luz sobre uma determinada cultura local que, como as demais culturas locais, vive o perigo permanente do silenciamento imposto pelo processo de homogeneização cultural contemporâneo.

Herberto Sales traz para o presente atemporal da literatura, dessacralizando os mitos do garimpo, uma cultura conhecida e valorizada por parte das instâncias de legitimação,

sobretudo os modernos meios de comunicação, pelo aspecto mítico do passado, sempre apresentado como sinônimo de ostentação, de conflitos familiares e de riqueza. Ao divulgar os mitos do garimpo, sem explicá-los, estas instâncias de legitimação constroem estereótipos sobre os coronéis, os jagunços, os garimpeiros, as lendas e o folclore, revelando um desconhecimento da região, provando o que diz Boaventura Santos, que o *exotismo é fruto do desconhecimento*. O romance *Cascalho* revela que a literatura de ficção pode ser um documento para se conhecer a história e que, também a literatura é um dos elementos constitutivos do discurso de nacionalidade numa perspectiva de acolhimento da herança cultural. O romance de Herberto Sales nos mostra que a literatura reconstrói os fatos históricos e narra a multiplicidade de histórias individuais que estes fatos históricos comportam.

Destarte, as histórias de garimpeiros são contadas por Herberto Sales do ponto de vista de um observador que viveu no seio do próprio do garimpo, numa fase que antecede a existência da consciência de classe por parte destes trabalhadores. A narrativa mostra que os garimpeiros, embora sejam proletários do ponto de vista objetivo, não possuem um discurso de classe próprio enquanto tal, razão pela qual não almejam claramente a conquista do poder, como propugna a teoria marxista, nem buscam a integração ao Partido Comunista, instrumento da transformação social. Eles tampouco possuem outra forma de organização, qual seja o sindicato ou outra qualquer. Não obstante esta ausência da consciência de classe, o romance demonstra que os garimpeiros das Lavras têm consciência da sua condição de explorados e são detentores de uma estratégia de sobrevivência diante da exploração, o que se verifica como sendo uma atitude geral dos oprimidos até mesmo em épocas remotas da história.

Essa estratégia dos excluídos, fundada na solidariedade entre si, difundida através da oralidade, contesta a ordem vigente, séria e oficial, por meio do riso e do humor, que aqui foram tratados apenas como manifestação da consciência crítica dos subalternos acerca do contexto em que vivem. O riso e o humor são evidências de que os garimpeiros têm outra percepção do mundo, diferente daquela imposta pelos que estão hierarquicamente na posição de mando na Civilização do Garimpo.

Um dos elementos desta estratégia de sobrevivência dos garimpeiros é a busca de explicações na religião, mais precisamente no sincretismo religioso, para os fenômenos naturais e sociais. Neste aspecto a narrativa de Herberto Sales, ainda que ilustre a história com uma infinidade de exemplos de credices e dê contornos definidos à personagem *Sinhá do Ouro*, líder religiosa dos garimpeiros, não nomeia as manifestações religiosas de matriz africana muito comuns no Garimpo, como o *Jarê*, designação típica do candomblé na Chapada Diamantina. Há na prosa de Herberto Sales um silenciamento a este respeito.

Ronaldo de Salles Senna diz que o *Jarê* é “*uma das religiões africanas estruturadas no sertão baiano, traduzindo elementos de cultura identificados e vinculados a determinados agrupamentos de escravos e libertos*”.¹¹¹ O sincretismo religioso, como importante instrumento ao qual recorre o garimpeiro da Chapada para conhecer o mundo em que vive é exemplificado em *Cascalho*, mas não é nomeado pelo autor, deixando uma lacuna na obra, que tanto nos ajuda a compreender os mitos sobre o garimpo.

Assim, a legião de garimpeiros de Herberto Sales, amigos de Filó Finança, retratados em *Cascalho*, contemporâneos dos portuários de Salvador, dos trabalhadores dos engenhos do Recôncavo baiano e das fazendas de cacau do sul da Bahia, retratados por Jorge Amado,

¹¹¹ SENNA, Ronaldo de Salles. *Jarê: uma face do candomblé; manifestação religiosa da Chapada Diamantina*. Feira de Santana. UEFS, 1988, p. 65.

não são detentores do discurso de classe e nem têm como referência o proletariado do sul do país, que luta por direitos trabalhistas no mesmo contexto histórico nacional. Contudo, eles são personagens centrais da civilização do garimpo, em torno dos quais se constituiu uma cultura baseada na oralidade dos feitos fantásticos, nas crenças sincréticas para explicar o mundo e em atributos de coragem e valentia, necessários para a sobrevivência num território de aventuras e desventuras.

O romance *Cascalho*, tido como o último do *ciclo chapadista*, inscreve a literatura do garimpo no cenário literário local e nacional, deslocando o foco da cultura baiana, comumente centrado na capital, no Recôncavo e na Civilização do Cacau, para as Lavras Diamantinas. O romance incorpora a temática do garimpo, e suas manifestações culturais, ao sincretismo, à culinária e aos costumes da capital e suas redondezas. Antes essas manifestações eram tematizadas e apresentadas pela literatura, pela música, teatro e poesia como emblemas da cultura baiana, enquanto pairava o silêncio sobre as demais culturas locais do Estado da Bahia. A partir da publicação de *Cascalho*, há seis décadas atrás, as histórias de garimpeiros saíram da oralidade local para se incorporar de vez no quadro de diversidade cultural baiano retratado na literatura.

Esse estudo que ora concluímos é, sem sombra de dúvidas, ainda incompleto, portanto sua conclusão é parcial. Digamos que este seja o início de um estudo mais amplo que ainda está por ser feito a respeito da representação da Civilização do Garimpo na literatura ou, quiçá, em outros campos da arte. Torna-se um imperativo fazê-lo para, inclusive, preencher algumas lacunas que, conscientemente, sabemos que existem nesse nosso trabalho no que diz respeito a relação da literatura com a história, a etnografia, a antropologia ou com outras áreas do conhecimento. De qualquer maneira resolvemos puxar

o fio da meada analisando o último dos romances do *ciclo chapadista* do garimpo baiano, mas outros existem, como aqui citamos em algumas partes, e estão a nos desafiar.

BIBLIOGRAFIA

- ALTHUSSER, Louis. Aparelhos ideológicos de Estado: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado. Trads. Walter José Evangelista e Maria Laura viveiros de Castro. 3ª Edição. Rio de Janeiro: Edições Graal,1987.
- ALVES, Ívia Iracema. Herberto Sales. Fundação Cultural do Estado da Bahia. Salvador. 1979.
- AMADO, Jorge. Seara vermelha. 46ª Edição. Editora Record. Rio de Janeiro. 1987.
- Anuário estatístico da Bahia. V. 1. Superintendência de estudos econômicos e sociais da Bahia. Salvador. 1998.
- BAKHTIN, Mikhail. O freudismo. Tradução: Paulo Bezerra. Editora Perspectiva. São Paulo, 2001.
- _____. Questões de literatura e de estética, a teoria do romance. Tradutoras: Aurora Fornoni Bernadini et alii. 3ª edição. Ed UNESP. São Paulo.1993.
- _____.Problemas da poética de Dostoiévski. Tradução: Paulo Bezerra. Editora Forense-Universitária. Rio de Janeiro, 1981.
- _____. A cultura popular na idade média e no renascimento (o contexto de François Rabelais). Hucitec/Editora da Universidade de Brasília. São Paulo/Brasília, 1999.
- BOLLE, Willi. O sertão como forma de pensamento. Abralic. Leituras do ciclo. Ed. Grifos. Chapecó 1999.
- BOSI, Alfredo. História concisa da literatura brasileira. 3ª edição. Editora Cultrix. São Paulo. 1995
- CANDIDO, Antônio, ROSENFELD, Anatol, PRADO, Décio de Almeida, GOMES, Paulo Emílio Salles. A personagem de ficção. 4ª edição. São Paulo. Editora Perspectiva. 1974.
- _____. A personagem no romance. In: *A personagem de ficção*. 4ª Edição. Coleção Debates/literatura. Ed. Perspectiva. São Paulo. 1974.
- CARDOSO, Ciro Flamarion, BRIGNOLI, Hector Pérez. Os métodos da história. Trad. João Maia. Edições Graal. Rio de Janeiro. 1979.
- CARVALHO, Aloísio de Carvalho Filho. Lindolfo Rocha. In: *Lidolfo Rocha* FILHO, Aloísio de Carvalho, LEÃO, Múcio, BRUZZI,Nilo e COUTINHO, Afrânio. Ministério da Educação e Cultura. Rio de Janeiro. 1953.

CHALHOUB, Sidney. Machado de Assis historiador. Companhia das Letras. São Paulo, 2003.

COUTINHO, Afrânio, SOUSA, J. Galante de, Enciclopédia de literatura brasileira. 2ª ed. V. I. Global Editora e Distribuidora. Rio de Janeiro. 2001.

DINIZ, Almachio. O diamante verde. 3ª Edição. Edições GRD/Instituto Nacional do Livro Ministério da Educação e Cultura. 1981.

ELIADE, Mircea. Mito e realidade. Trad. Pola Civelli. Editora Perspectiva, 4ª Edição. São Paulo, 1994.

FACÓ, Rui. Cangaceiros e fanáticos. 9ª Edição. Editora Bertrand. Rio de Janeiro. 1991.

FERRARA, Lucrecia D'Alésio. Literatura em cena. In: *Semiologia do teatro*. Orgs: J. Guinsburg, J. Teixeira Coelho Netto, Reni Chaves Cardoso. 2ª edição revisada. Editora Perspectiva. São Paulo. 1988.

FREUD, Sigmund. Os chistes e sua relação com o inconsciente. Tradução: Margarida Salomão. In: *Obras completas de Sigmund Freud*. Vol. VIII. Imago Editora. Rio de Janeiro, 1977

_____ Escritores criativos e devaneios. In: *Obras escolhidas, Tomo 18*.

GALVÃO, Walnice Nogueira. Mitológica rosiana. In: *Ensaio nº 37*. Ática. São Paulo, 1978.

GROSSMANN, Judith. Alguns aspectos da natureza da literatura. In: *Temas da teoria da literatura*. (Ensaio 79) Ática. São Paulo. 1982.

_____ A obra literária como tempo e espaço In: *Temas da teoria da literatura*. (Ensaio 79) Ática. São Paulo. 1982.

HOISEL, Evelina. Teoria narrativa. Anotações de sala de aula. PPGLL-UFBA. Semestre 2003.1.

_____ Autobiografia e biografia: no espaço do Grande Sertão. In: *Estudos linguísticos e literários*. Nº 20-21, jun-dez-98 p.207-224. Edufba. Salvador, 1998.

KOTHE, Flávio R. Para ler Benjamin. Livraria Francisco Alves Editora S.A. Rio de Janeiro. 1976.

MARX, Karl. O dezoito brumário de Luis Bonaparte. In: *Karl Marx, Friedrich Engels Obras Escolhidas*. Volume 1. Editora Alfa-Omega. São Paulo.

- _____. As lutas de classes na França de 1848 a 1850. In: *Karl Marx, Friedrich Engels Obras Escolhidas*. Volume 1. Editora Alfa-Omega. São Paulo
- MÉNARD, René. Mitologia greco-romana. Tradução: Aldo Della Nina. Vol. I. Opus Editora. São Paulo, 1991.
- MORAES, Walfrido. Jagunços e heróis, a civilização do diamante nas lavras da Bahia. 3ª edição. Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações. Brasília. 1984.
- NEVES, Erivaldo Fagundes. História regional e local: fragmentação e recomposição da história na crise da modernidade. UEFS/Arcádia. Feira de Santana/Salvador. 2002.
- _____. Dimensão histórico-cultural — chapada diamantina; programa de desenvolvimento regional sustentável. In: *Cadernos CAR, N° 20*. Salvador. 1997.
- PEIXOTO, Afrânio. Bugrinha. Ediouro Publicações S.A Rio de Janeiro. 1985.
- PEREIRA, Maria Luiz Scher. www.let.puc-rio.br/catedra/revista/5sem_17.htm. 05.03.2004.
- PICCHIO, Luciana Stegagno. História da literatura brasileira. Tradutoras: Pérola de Carvalho e Alice Kyoko. Editora Nova Aguilar. Rio de Janeiro, 1997.
- POUND, Ezra. Abc da literatura. Trad. Augusto de Campos e José Paulo Paes. Editora Cultrix. São Paulo. 1990.
- PRESTES, Anita L. A coluna prestes. Editora Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1997.
- ROCHA, Lindolfo. Maria Dusá. 2ª edição. Editora Ática. São Paulo. 1980
- ROSENFELD, Anatol. Literatura e personagem. In: *A personagem de ficção*. 4ª edição. Coleção Debates. Editora Perspectiva. São Paulo. 1974.
- SALES, Herberto . Cascalho. Ediouro. Ed. TecnoPrint. Rio de Janeiro. 1985.
- _____. Pareceres do tempo. 4ª edição. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro. 1997.
- SAMPAIO, Teodoro. O Rio São Francisco e a chapada diamantina. Coleção de Estudos Brasileiros. 1938. (s/ed.).
- SANTIAGO, Silviano. Democratização no Brasil—1979-1981 (cultura versus arte). In: Declínio da Arte, Ascensão da Cultura. Letras Contemporâneas/ABRALIC. Xerocópia.
- SANTOS, Boaventura Sousa. Pela mão de Alice. Cortez Editora. 8ª ed. São Paulo. 2001.

SANTOS, Lycurgo Santos Filho. Uma comunidade rural do Brasil antigo (aspectos da vida patriarcal no sertão da Bahia nos séculos XVIII e XIX). Companhia Editora Nacional. São Paulo, 1956.

SPIX, Jonhann Baptist von, MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von. Viagem pelo Brasil: 1817-1820 Vol 2. Ed Itatiaia, Ed. Da Universidade de São Paulo. Belo Horizonte, São Paulo. 1981.

TAVARES, Luís Henrique Dias, História da Bahia. 8ª Edição, Editora Ática. São Paulo, 1987.

TELES, Gilberto Mendonça. O lu(g)ar dos sertões. In: *O clarim e a oração*. Rio de Janeiro. 2001.

ZOLA, Émile. Germinal. Trad. Eduardo de Barros Lobo. Guimarães Editora. Lisboa, 1971.